

IVAN JAQUES KOCHER

COMO ANDA O ENSINO DO TRABALHO ARTESANAL?

TRAJETÓRIA DO ENSINO DE MARCENARIA E AS CONTRIBUIÇÕES DA ARTE PARA A
EDUCAÇÃO.

CAMPINAS, SP

1999

IVAN JAQUES KOCHER

COMO ANDA O ENSINO DO TRABALHO ARTESANAL?

Trajetória do Ensino de Marcenaria e as Contribuições da Arte Para a Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para o curso de
Pedagogia da Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas, sob a
orientação da prof.^a Dra. Maria da Glória Gohn.

Campinas, SP

1999

UNIDADE...	FE
Nº CHAMADA:	TCC-UNICAMP
	K811c
V:.....	
TOMBO	292
PROC.	124/2003
C:.....D:.....	
PREÇO:	11,00
DATA:	05/11/03
Nº CPD:	6102310461

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

K811c

Kochem, Ivan Jaques.

Como anda o ensino do trabalho artesanal ? : trajetória do ensino de marcenaria e as contribuições da arte para a educação / Ivan Jaques Kochem. -- Campinas, SP : [s. n.], 2000.

Orientador : Maria da Glória Gohn.

Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Terceiro setor. 2. Trabalho. 3. Artes. 4. Ensino profissional. 5. Globalização. I. Gohn, Maria da Glória. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

A todos aqueles que valorizam, exercem e apreendem a arte no ofício,
qualquer que seja ele ...

Aos que acreditam que o desenvolvimento do ser humano é mais importante
que o simples atendimento do mercado ...

Agradecimentos:

À Maria da Glória Gohn, pela orientação, incentivo, direcionamento e apoio, sem o qual, ainda estaria sem rumo neste trabalho.

Aos professores da UNICAMP e escritores consultados, que direta ou indiretamente contribuíram para a construção das idéias neste estudo.

A Cristiane minha esposa, que com paciência, companheirismo e amor acompanhou e auxiliou constantemente o desenrolar deste trabalho.

A minha mãe, irmã e familiares em geral que tiveram que conviver com minha constante ausência.

Ao grupo do GEMDEC pela companheirismo e presença.

Ao Dorival J. Zago, Adriano, Maria Lúcia, Elaine, Zaia, Cidinha, Miranda, Ámalia e todas as pessoas das entidades, que nos receberam e acolheram, constituindo fontes importantes de informações.

À todos os elogios feitos à esse trabalho, assim como também as críticas, que demonstraram de alguma forma, a relevância do assunto enfocado.

“Móveis se encontram nas lojas de móveis. Eles estão lá: prontos, acabados, bonitos. Podem ser comprados. Mas móveis comprados envelhecem. E não têm o poder do criador: Móveis prontos não fazem novos móveis.

Os saberes prontos na ciência e da tecnologia, à semelhança dos móveis, se encontram nos livros e nas escolas. Podem ser aprendidos. Mas, como os móveis prontos, saberes prontos não têm o poder de criar saberes novos.

O poder criador não se encontra nos móveis, produto acabado. Ele se encontra nas oficinas. É ali que os marceneiros inventam, no pensamento, os móveis novos que irão construir artesanalmente. Quem sabe a arte de construir móveis está sempre criando móveis novos.

De maneira semelhante, o poder criador não se encontra nos saberes acabados. O poder criador encontra-se na grande oficina da mente onde acontece a arte de pensar:

A arte de pensar é infinitamente mais importante que o conhecimento de saberes acabados. Porque é só ela que nos permite entrar no desconhecido.”

Rubem Alves

RESUMO

Este estudo tem por objetivo deslindar a origem e os porquês da desvalorização do ensino dos ofícios caracterizados como manuais - como o de marceneiro - para poder alçar uma proposta educativa alternativa que revalorize este ensino e conseqüentemente valorize o aluno que aprende. Para isso inicialmente levanta-se a trajetória do ensino do trabalho, desde as corporações de ofício da Idade Média, passando pelo SENAI, até o ensino transmitido por algumas entidades de atendimento social da cidade de Campinas. Buscando no decorrer aspectos que envolvam o trabalho e a arte, descrevendo processos de segmentação do trabalho manual utilitário do trabalho velado como artístico. Organiza-se posteriormente a sistematização de estudos, que tratam sobre temas do processo de trabalho e da globalização, para então elaborar possibilidades da construção de um ensino do trabalho, principalmente o caracterizado como manual, de forma que seja educativo e transformador.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho faz parte da exigência do curso de pedagogia da Faculdade de Educação da UNICAMP, onde o graduando deve testar sua formação e seus conhecimentos adquiridos, através da confecção de um trabalho acadêmico de forma autônoma.

“O TCC é o espaço curricular destinado à realização da pesquisa/ensaio, que representará a culminância da produção intelectual de cada aluno do Curso de Pedagogia.

Para desenvolvê-lo é preciso que o aluno esteja preparado para trabalhar intelectualmente, podendo desenvolver o estudo, a leitura e a documentação pessoal, com relativa autonomia. Desta forma, é importante estabelecer uma sistemática de trabalho que contemple horas de leitura e reflexão sobre o tema pesquisado, horas de pesquisa de campo e coleta de dados e horas de orientação individual e coletiva.¹”

Em geral permeou nesta produção três temas: a arte, a educação e o trabalho. Isto a partir da seleção dos cursos de marcenaria como objeto de pesquisa.

A motivação inicial para este estudo, adveio da consideração de que alguns recortes da apostila do curso de marcenaria onde trabalho como instrutor, trazem a tona este ofício como um ramo artístico herdeiro de uma tradição artesã.

Visando o aprofundamento desta relação entre a arte e o ensino do trabalho, caracteristicamente manual, foi dividido o texto em quatro etapas principais: *Introdução; Pesquisa Bibliográfica; Pesquisa de Campo e Conclusão.*

Na *Introdução* pretendeu-se apresentar a gênese, os princípios e a pertinência da pesquisa, assim como a metodologia utilizada.

Devo ressaltar que por lidar diretamente com a desvalorização do ofício, a justificativa da pesquisa é apresentada em diversos tópicos, isto com a finalidade de contra-argumentar premissas que possam desqualificar a marcenaria como objeto de pesquisa escolhido.

A Pesquisa Bibliográfica foi dividida em duas partes distintas sob os títulos: *“Um Resumo Histórico das Construções do Ensino Profissional”* e *“O Processo do Trabalho e o Contexto Atual”*.

A primeira parte busca as origens históricas do ensino para o trabalho nas corporações de ofício da Idade Média, até as escolas de ensino profissional. Pesquisar informações sobre os ofícios incluídos nas chamadas artes mecânicas e seu ensino, desde a Idade Média aos dias de hoje, justifica-se em função da indagação: Porquê o desprivilégio atual da profissão de marceneiro?

Acredito que a separação entre quem produz objetos úteis e quem produz objetos apenas artísticos, não se deu de uma forma tão legítima e distinta, assim como a separação do local do ensino e do trabalho produtivo. As diversas separações existentes no nosso cotidiano em termo de valorizações, como a do trabalho intelectual em prejuízo ao trabalho manual etc, foram estabelecidas segundo um sistema de produção específico (a indústria) e acompanhado de uma ideologia do capital que neste final de milênio sofre alterações.

Se buscou na segunda parte da Pesquisa Bibliográfica fazer um levantamento das recentes discussões sobre a formação do processo de trabalho; organizamos uma sistematização de alguns estudos que tratam da base de produção material e sua ideologia (junto com seus valores agregados), que caracterizam em grande medida a organização da sociedade e da cultura dominante (que regula a tradição).

Por causa do ensino da profissão aqui enfocada estar ligada ao ensino para as classes menos abastadas, com um ensino direcionado para o trabalho e veiculado à filantropia de atendimento as classes marginalizadas, este estudo realizou na *Pesquisa de Campo*, um levantamento sobre algumas entidades que, atualmente, desenvolvem cursos de marcenaria.

Na parte conclusiva deste estudo, para poder pontuar a possibilidade de se construir um ensino onde o trabalho seja educativo, foi feita uma breve discussão sobre o trabalho infantil, sendo seguido de uma análise das observações feitas na Pesquisa de Campo. Ao final procurou-se embrionariamente uma visão alternativa para os cursos de marcenaria, de forma a valoriza-los. Alternativa esta, que deverá (algum dia) suscitar continuidade teórico/práticas.

¹ <http://fae.unicamp.br/html/pedag/Trabaconclu.html>

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	01
-------------------	----

INTRODUÇÃO

A- MOTIVAÇÕES.....	6
B- O PROBLEMA.....	10
C- JUSTIFICATIVA.....	11
1- A Tecnologia.....	11
2- A Marcenaria.....	13
3- Indústrias de Móveis.....	15
4- Projetos.....	17
a) Teóricos.....	17
b) ONG.s, terceiro setor e o ensino de marcenaria.....	19
D- OBJETIVOS.....	23
1- Objetivo geral.....	23
2- Objetivo específico.....	23
E- HIPÓTESE.....	24
F- METODOLOGIA.....	25
1- Onde se inicia a pesquisa.....	25
2- Pesquisa Bibliográfica.....	26
3- O Tamanho da Amostra.....	26
4- Os Atores Pesquisados: Administrador – Educador – Aluno.....	26

- Pesquisa Bibliográfica -

PRIMEIRA PARTE: UM RESUMO HISTÓRICO DAS CONSTRUÇÕES DO ENSINO

PROFISSIONAL

A- AS CORPORAÇÕES E O ENSINO DO OFÍCIO.....	28
1- As Corporações de ofício.....	28
2- Artes Mecânicas – O ensino do ofício manual na idade média.....	30
3- A derrocada das corporações de ofício e a desvalorização das Artes Mecânicas.....	33
B- O ENSINO DO OFÍCIO NAS INSTITUIÇÕES DE CARIDADE E DE FILANTROPIA.....	37
1 – Institucionalização e assistência: Caminhos para o ensino do ofício manual.....	37
2- Filantropia e ensino profissional.....	39
a) As escolas profissionais no Estado de São Paulo.....	43
C- A INDUSTRIALIZAÇÃO DA PROFISSIONALIZAÇÃO.....	47
1- A Demanda Industrial.....	47

2- Utilitarismo sim, Filantropia não.....	48
a)- O ensino profissional para Ferroviários e o SENAI.....	49
3 - Artesanal sim, Manual não.....	51
a) As oficinas escolas.....	51
b) A opção do modelo SENAI.....	52
c) Uma nova inversão.....	55
d) O design artesanal.....	56
 SEGUNDA PARTE: O PROCESSO DO TRABALHO E O CONTEXTO ATUAL	
A- A GLOBALIZAÇÃO.....	62
1- A Mundialização do Capital.....	63
2- A Insuficiência do Fordismo.....	64
3- Através da coerção a retomada da capacidade de comando: A acumulação flexível.....	68
B- A GESTÃO DA GLOBALIZAÇÃO.....	74
1- Persuasão e o convencimento.....	74
a)- A produção e a influência da cultura.....	79
b)- Sob o discurso da modernidade ou pós – modernidade.....	82
C- UMA SÍNTESE: AS INFELIZES CONSEQUÊNCIAS DO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO.....	84
1- O Não Emprego.....	84
2- O Estado de Mal Estar Social.....	85
3- A Tábua de Salvação.....	85
4- A Violência.....	87
5- A Resistência Procurando a Direção.....	88
D- TERCEIRO SETOR: UM CONCEITO EM DISPUTA.....	90
 <u>A PESQUISA DE CAMPO</u>	
A - A COLETA DE DADOS.....	93
B - ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL SÃO JOÃO VIANNEY.....	95
1 - A Entidade.....	95
2 - O Curso.....	95
C - ASSOCIAÇÃO PROMOCIONAL ORAÇÃO E TRABALHO.....	98
1 - A entidade.....	98
2 - O curso.....	99
D - CASA DE MARIA DE NAZARÉ: CASA DOS ANJOS.....	102
1 - A entidade.....	102
2 - O curso.....	103
E - CASA DOS MENORES DE CAMPINAS: CIDADE DOS MENINOS.....	105
F - CENTRO COMUNITÁRIO SANTA LÚCIA.....	106
1 - A entidade.....	106

2 - O curso.....	107
G - CENTRO INTEGRADO NAIR VALENTE DA CUNHA.....	109
1 - A entidade.	109
2 - O curso.....	109
H - ESCOLAS SALESIANAS.....	111
1 - PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	111
2 - EXTERNATO SÃO JOÃO.....	113
a)A entidade.....	113
b)O curso.....	114
3 - ESCOLA SALESIANA SÃO JOSÉ - CENTRO PROFISSIONAL DOM BOSCO.....	116
a)A Entidade.....	116
b)Centro Profissional Dom Bosco.....	117
c)O curso.....	119
<u>CONCLUSÃO</u>	
A - ANALISE E QUESTIONAMENTO DOS DADOS.....	121
1 - Comprovação.	121
2 - O não trabalho na infância.	122
3 - O trabalho infantil não alienado.	122
4 - O trabalho educativo.....	123
5 - Uma análise.....	124
B- PENSANDO UMA ALTERNATIVA PEDAGÓGICA.....	127
1- As necessidades emergentes.....	127
2- A arte na formação do cidadão.....	128
I - BIBLIOGRAFIA.....	130
II - ANEXOS.....	135

I. INTRODUÇÃO

A. MOTIVAÇÕES.

Inseridos num contexto e em certa construção histórica social determinada, acredito que devamos agir e pensar como sujeito ativo nessa realidade. Acredito também que não podemos sustentar uma pesquisa da realidade com um objeto descontextualizado, fora desta, e de maneira neutra. Por isso tornei como objeto deste trabalho, o local onde leciono, a saber um Centro Profissional Básico², numa escola confessional Salesiana, voltada ao atendimento de adolescentes das escolas públicas, previamente selecionados como “carentes”.

O que motivou de fato esta pesquisa não foi particularmente o Centro Profissionalizante citado, mas sim o curso de marcenaria existente neste. Enquanto “instrutor” daquele curso, para dar aulas “práticas e teóricas” na instituição³, percebemos que alguns alunos que se inscreviam no curso não conseguiam desenvolver suas tarefas e exercícios, tendo dificuldades na aprendizagem, acarretando por isso na maioria das vezes a reprovação ou desistência. Eles aparentavam, em sua maioria, descrédito em suas próprias capacidades ou desinteresse quanto a formação.

Esta falta de interesse se mostra pela baixa procura do curso em questão, onde muitas vezes as classes só são montadas a partir dos candidatos que não conseguem serem aprovados⁴ nos outros cursos (mecânica de peças, eletricidade, desenho mecânico).

Neste cenário passamos a nos interessar sobre os porquês destes alunos não conseguirem terminar o curso. Passamos também a procurar meios e alternativas para que isto deixasse de ocorrer.

O fracasso escolar foi posto em pauta, e iniciamos o estudo deste tema encontrando diversas referências (que não tinham como foco o ensino profissional). Maria Helena Patto e outros autores, já assinalaram: o fracasso tem sido associado à

² Quanto ao histórico e características deste Centro Profissional consultar:
MIRANDA, Antonio Carlos. A importância do Ensino Profissionalizante Básico Para Adolescentes de Baixo Poder Aquisitivo, Diante das novas Exigências do Mercado de Trabalho. Campinas, SP : Faculdade de Educação da Unicamp, 1998. 126p. (Trabalho de conclusão de curso)

³ Fato que se deu paralelamente ao meu ingresso no curso de pedagogia na Unicamp.

⁴ A seleção é feita basicamente pelos critérios de baixa renda, escolaridade e idade.

questão individualizando no papel ou cultura do professor, na cultura elegida no currículo, ou então na instituição escolar como aparelho ideológico do estado e representante dos poderes dominantes. Encontramos também os que situavam o fracasso escolar na inadequação da criança e de sua família na escola, como se o problema fosse referente ao desenvolvimento do aluno. Este último argumento tinha como premissa a deficiência no desenvolvimento da aprendizagem na infância, e para isto administravam fórmulas de tratamento para remediar estas deficiências.

Os tratamentos para deficiências de aprendizagem foram deixados de lado, a partir de estudos como os de Aparecida Moyses e Cecília Colares, que questionaram os fundamentos da medicalização do ensino, assim como relativizaram o que se considera normalidade dentro dos padrões escolares.

Quanto a “individualização da culpa”, no trabalho pedagógico do professor, buscamos formas alternativas de organizar o ensino dentro da sala de aula, procurando mudar as rotinas que já ocorriam. No estudo técnico da oficina de marcenaria por exemplo, planejamos desenvolver a produção de textos⁵ alternativos aos existentes na apostila.

A apostila existente neste curso, era baseada nas apostilas e folhas técnicas do SENAI, e dividia as máquinas e as ferramentas manuais em partes constitutivas e nomenclaturas, descrevendo a função e o funcionamento de cada uma destas partes. Limitava um desenvolvimento criativo das possibilidades⁶ de trabalho com as máquinas e as ferramentas manuais.

A proposta planejada era que os meninos elaborassem uma apostila com textos feitos por eles próprios, tentando redigir os textos de maneira diferente dos que já existiam na apostila do curso, buscando assim organizar, repensar e expor os conhecimentos adquiridos na prática de oficina.

⁵ Aqui por legítima e importante influência da disciplina dada pelo professor Sergio Leite.

⁶ Para se ter uma visão das possibilidades da ação de uma máquina, comparou-se uma apostila aproximadamente do ano de 1964, e esta em mais de cem páginas trabalhava a utilização de uma serra circular na execução de diversas operações através de gabaritos (acessórios acoplados a máquina). Atualmente (1998) esta mesma máquina ocupa quatro páginas nas quais em nenhum momento se exemplifica como usá-la (exemplifica apenas os cuidados com a segurança) e não se trabalha as operações que nela podem ser executadas. É como se acreditassem que o conhecimento das partes trouxesse o conhecimento do conjunto, do todo e da sua aplicação.

Observando cuidadosamente as falas dentro da sala de aula e oficina, desenvolvemos a tentativa de produzir com os alunos, estes textos técnicos sobre marcenaria, proposta esta que não obteve a resposta esperada.

Mas esta mesma apostila com suas instruções de adestramento (instruções sobre o que não fazer na máquina) forneceu pistas esclarecedoras, pois continha ditados e informações provindos das tradições deste “ofício”, desta profissão.

“A marcenaria e arquitetura foram artes que nasceram juntas e são unidas. Onde há arquitetura há marcenaria, e vice versa.(p.3)”

“A marcenaria é uma arte útil e bela...é a arquitetura línea... é o lugar onde os vários serviços saem do fundo da alma externando os sentimentos(p.4)”⁷

Estes ditados contrastam com o que se vê nas marcenarias da região⁸ onde pequenas e médias oficinas não poderiam ser consideradas fordistas⁹, são mais limitadas a alguns princípios Tayloristas, seguindo o padrão do fordismo periférico.

Nestes locais o marceneiro é um profissional massificado e desqualificado, e de acordo com as informações disponíveis, apreende a profissão no próprio trabalho, fato este que já começa a ser questionado quando o assunto é a expansão do setor.

“O aperfeiçoamento técnico se tornou fundamental, apesar da pouca oferta de cursos profissionalizantes no setor.

Uma maioria esmagadora, mais de 90% dos que estão trabalhando atualmente em marcenaria, aprendeu a profissão na prática. Esse dado revelador é do Sindicato dos Oficiais Marceneiros de São Paulo [...]. Retrata exatamente a realidade do país, cujo setor moveleiro está em expansão, mas que precisa de mão de obra qualificada para atender a demanda.” (Marcenaria Moderna - n°8,1997:21)

Sem uma qualificação anteriormente regulamentada o marceneiro não têm níveis de formação a se graduar, assim os caminhos para um nível superior reconhecido (ou os encaminhamentos para uma produção de peças artísticas) são de pouca percepção, ao contrário do que ocorre com outras profissões¹⁰.

Historicamente a profissão das artes em marcenaria nasceu das habilidades necessárias para o trabalho manual, onde através dos instrumentos (tanto máquinas

⁷ DARINI, Paschoal Roberto, OLIVEIRA, Janilson da Cunha. Apostila de Marcenaria Básica :Tecnologia Aplicada. ESSJ-CPDB Campinas, 1992.

⁸ Durante o curso é feito um estudo do meio, onde os alunos visitam uma marcenaria da região.

⁹ Algumas por não seguirem o modelo fordista se diferenciam por apresentar uma organização e um trabalho com características quase artesanais.

¹⁰ Apesar do difícil acesso dos alunos com poucas posses e de um ensino de 1.º e 2º grau limitados, nos cursos de eletricidade e mecânica existe ainda as engenharias respectivas.

quanto ferramentas manuais) dá forma e estrutura a madeira e seus derivados para transforma-los em objetos úteis, como camas, mesas, cadeiras, divisórias etc.

B. O PROBLEMA.

Frente a um desinteresse citado anteriormente sobre o curso de marcenaria, e considerando que a profissão agrega aprendizados de valor pedagógico (assim como as profissões de bases similares), faz-se necessário conhecer as realidades formativas existentes e seu histórico, inseridas no atual contexto brasileiro. O estudo justifica-se para verificar viabilidades, tratamentos já efetuados, concepções pedagógicas, limitações, possibilidades, e tudo o que demais o contato e a experiência existente possa oferecer de acertos e erros.

"O isolamento conduz a perda do valor do outro: é o homem fora das relações de solidariedade, descomprometido com os laços sociais"¹¹.

Assim a proposta deste estudo será, primeiramente, conhecer o porquê do desprestígio atual da profissão de marceneiro, para depois buscar informações sobre os cursos de marcenaria no município de Campinas, conhecendo suas propostas e analisando-as frente a uma concepção de mundo e história.

¹¹ MORAES, Eliane Robert. SADE: Uma proposta de leitura – In. TRONCA, Italo A.(org.). Foucault Vivo – Campinas, SP : Pontes, 1987.

C. JUSTIFICATIVA.

Situando a marcenaria como uma profissão considerada “desqualificada” qual será a legitimidade e o valor de se fazer uma pesquisa sobre esta área? Ocorre que a utilização da madeira pelo homem remete aos primórdios da humanidade, desde a construção das casas, das ferramentas, de acessórios e tudo o mais. Este uso contribuiu também para o desenvolvimento de diversas profissões e meios de produção em geral.

O trabalho com a madeira, pela facilidade de moldá-la e transformá-la, já foi (e ainda é) um motivo de satisfação ao possibilitar a admiração da obra feita pelas próprias mãos, no trabalho artesão.

Veremos, no decorrer da pesquisa bibliográfica que a manufatura de utensílios de madeira já foi tão importante quanto a manufatura de utensílios de ferro¹².

A partir destes fatos pode-se indagar as possíveis causas sobre o porque da madeira e das profissões que trabalham com este material serem muitas vezes, relegadas a um segundo plano. A resposta para muitos, talvez, é direta: – Porque este material não adentra na chamada área tecnológica. A seguir trataremos deste tema porque ele nos fornece elementos para fundamentar a justificativa deste estudo.

1. A Tecnologia.

A palavra tecnologia, a princípio, se referia aos tratados das artes e ofícios em geral e da explicação de seus termos. A técnica neste sentido seria a parte material ou o conjunto de artifícios de uma arte ou prática.

“A técnica pode ser definida, de um modo geral, como conjunto de instrumentos e hábitos que viabilizam a produção.

*...
A tecnologia (do grego techné e logos – conceito – doutrina) não é senão o conjunto dos conhecimentos sobre os processos e meios de transformação dos objetos de trabalho.”(Gromeka apud Gama, 1986:16)*

O artesão no desenrolar de sua história foi criando instrumentos para mediar seu trabalho com o ambiente, como um prolongamento de suas habilidades adquiridas e seus sentidos, daí surgiu as diversas técnicas de produzir, sendo necessário aqui situar que neste modo de produção material (artesanal), a produção das artes não era distinguida, assim o trabalho e a arte conviviam juntas.

¹² Bastaria comparar para isso a produção antes das carroças e carruagens e hoje dos carros.

Acredito que na época das corporações, estes artesãos, em sua maioria, tinham que utilizar todas as suas habilidades e sentidos para executar uma perfeita obra, utilizando e recriando as tecnologias existentes conforme o produto fabricado.

Isto ocorria porque o processo de trabalho, não sendo especializado, era executado e controlado por uma só pessoa, usualmente, no mesmo espaço; o projeto, à escolha da matéria bruta, o beneficiamento primário, enfim todos os processos até o final da obra. Para isso as habilidades, tanto manuais como intelectuais, eram dominadas pelos mestres artesãos em seu conjunto, assim como todos os sentidos correlacionados.

Com a especialização taylorista/fordista, isto foi quebrado para tentar maximizar o desempenho numa habilidade só, ficando as outras habilidades e sentidos descobertos e destreinados.

Ocorre que o homem não é só cabeça ou apenas mãos, mas sim um ser completo que necessita desenvolver todos os seus sentidos e capacidades. Este fato explica as ondas incentivadas pelo comércio do “faça você mesmo”, divulgando os trabalhos manuais muitas vezes como “tratamentos” anti-estresse ou como relaxantes¹³.

Talvez este novo mercado seja para cobrir a falta, ou a lacuna, do desenvolvimento de uma habilidade (e sentidos correlacionados) que alguns homens sentem falta: o trabalho manual.

São abertas oficinas de criação e cursos de marcenaria a um público pagante. Pessoas que pagam para trabalhar, desenvolvendo habilidades manuais e fatores relacionados: a paciência, o cuidado, a técnica e a atenção com o trato da madeira, onde após transforma-la, à embeleza e possibilita ao seu “produtor” admirar a obra no final, como um produto feito com as próprias mãos.

Mas se a origem da palavra tecnologia provém do modo de produção dos artesãos, de onde surgiu a cultura, ou o imaginário coletivo que associa a palavra tecnologia à maquinaria, ao automatismo, à robótica, à microeletrônica e à

¹³ Primeiramente surgiu a onda “hobby” provinda dos EUA, onde foi lançado inúmeras máquinas manuais elétricas com finalidades caseiras. Nos anos 90 ressurgiu esta onda com um novo nome, a bricolagem (palavra francesa que significa faça você mesmo) - que cada vez ganha novos adeptos, gerando o surgimento de lojas, produtos, acessórios, máquinas e cursos. As atividades de bricolagem se embrenham na maior variedade possível de campos relacionados ao trabalho manual, onde o trabalho com a madeira tem seu espaço garantido.

informática, por exemplo (e em forma menos comum a tecnologia de gestão), e não à associa a outros processos e inovações.

Será que quando alguém diz tecnologia educacional se pensa na descrição da arte de ensinar?

Segundo Oliveira (1997), a concepção mais difundida de tecnologia educacional é a de uso de audiovisuais¹⁴.

Acontece que de acordo com Habermas citado por Corrêa:

"Na técnica, enquanto resultado histórico-social, é projetado aquilo que a sociedade e os interesses que a dominam tencionam fazer com o homem e as coisas".¹⁵

Sendo assim pode-se entender porque a palavra tecnologia¹⁶, quando passou a descrever o estudo da técnica ou o melhoramento da técnica, passou também a ser associada a um melhoramento de um determinado modo produtivo: o da indústria. Posteriormente, este significado passou à sociedade.

Utilizando novamente uma citação de Corrêa:

"... as práticas e hábitos mentais dos novos empresários encarnam-se na cultura em geral e, especialmente na ciência. As crenças, mitos, filosofias e ideologias desempenham um papel importante. Atuando no progresso da ciência e da indústria, os fatores de difícil visibilidade – atitudes, mentalidades, visões de mundo – cumprem papel crucial. Sua base são as práticas da época". (Jupiassu apud Corrêa, 1985)

2. A Marcenaria.

A fabricação de móveis de madeira e técnicas que lhe são acessórias já são conhecidas desde o Egito:

"As técnicas mais primitivas de trabalhar a madeira consistem em queimá-la ou escavá-la, mas ambos os métodos desperdiçam muita madeira. No Egito, onde a madeira escasseava, no período das primeiras dinastias (cerca 3100-2890 a.C.) usavam-se já técnicas muito sofisticadas."(p.11).¹⁷

Na arte do trabalho com a produção de móveis de madeira, foram diversas as artes ou as técnicas empregadas em sua produção:

¹⁴ MATTOS, Maria Izabel Leme de.. Aprendizagem e tecnologia educacional. In. Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro – n.º 125 (ano24) vol.22 jul./ago. 1995.

¹⁵ CORRÊA, Máira Baumgarten. Tecnologia. In. CATTANI, Antonio David (org). Trabalho e Tecnologia: Dicionário crítico. – Petrópolis. Vozes; Porto Alegre: Ed. Universidade, 1997 (292p).

¹⁶ Para aprofundamento da discussão sobre técnica e tecnologia ver: CATTANI, Antonio David (org). Trabalho e Tecnologia: Dicionário crítico. – Petrópolis. Vozes; Porto Alegre: Ed. Universidade, 1997 (292p).
GAMA, Ruy. A tecnologia e o trabalho na história. – São Paulo : Nobel : Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

¹⁷ BRUNT, Andrew. Guia dos Estilos de Mobiliário. 2ª ed. ; tradução de Maria do Carmo Cary. – Lisboa, PT: Presença, 1990.

“Os fabricantes de mobiliário dividem-se hoje em três grupos básicos: carpinteiros, marceneiros e ebanistas. Esta divisão baseia-se historicamente na evolução das técnicas européias de fabrico de mobiliário ao longo do último milênio.

De uma maneira geral, podemos dizer que o trabalho do carpinteiro foi superado pelo do marceneiro e, para certas peças de mobiliário, pelo ebanista. Não podemos estabelecer a mesma distinção com propriedade histórica para as civilizações anteriores. No Egito, a madeira era tão escassa e conseqüentemente tão valiosa que, desde os tempos mais antigos, o mobiliário era feito daquilo a que chamaríamos hoje madeira de refugo. As partes eram ligadas por meio de pregos e cavilhas como acontece hoje nas obras de carpintaria, ou por meio de encaixes, trabalho que é feito hoje pelos marceneiros. Por vezes a peça era folheada, tanto para esconder as juntas, como para efeitos decorativos; o folheado é a base do ebanismo.” (Brunt, 1990:12)

Além destas, há ainda as artes acessórias como o torneamento, o entalhamento, a marchetaria, a lustração, o polimento e outros.

As profissões que trabalham a madeira também exigem técnicas apuradas, necessitando portanto de um desenvolvimento tecnológico. Na diferenciação de profissões¹⁸, a marcenaria é diferenciada da carpintaria pelo refinamento tecnológico e pelo teor estético¹⁹, compreendendo o conjunto de técnicas empregadas no trato e embelezamento da madeira.

O ofício de marcenaria se desenvolveu, principalmente, a partir do século XVI no período do rococó francês. Supõe-se que esta palavra (a marcenaria) não tinha relação direta com o fabrico de móveis, pois inicialmente se encontrava escrita em documentos portugueses da mesma época como maçanaria, macenaria, maçonaria e marcenaria com sentido de obra de talha na madeira. De acordo com Zake²⁰, como os móveis daquele período eram ricos em obras de talha, o nome marcenaria estendeu-se à arte de fazer móveis. Desta maneira a área de trabalho do artesão das ‘obras de macenaria’, como fabricante de móveis, teriam surgido posteriormente.

“A pouco e pouco, o carpinteiro foi relegado exclusivamente para o trabalho de construção de casa ou especializou-se na construção de navios ou de carros. O fabrico do mobiliário passou a competir ao marceneiro. Em 1931, os marceneiros de Paris separaram-se da guilda dos Carpinteiros.” (Brunt, 1990:13-14)

Na atualidade se justificaria um retorno a este ofício, gerador de uma profissão, pelas alterações que ocorreram no mercado de trabalho do setor.

¹⁸ Ver quando trato sobre qualificação em: Institucionalização e assistência: Caminhos para o ensino do ofício manual.

¹⁹ Enciclopédia Barsa.

²⁰ TACLA, Zake. O livro da arte de construir. São Paulo; Unipress, 1984. (editada com co-patrocínio da Duratex S. A.)

3. Indústrias de Móveis.

De acordo com um panorama apresentado pelo BNDES, o setor moveleiro nacional estaria passando por transformações positivas a partir da abertura da economia. O recrudescimento do mercado interno, a incorporação de muitos consumidores, a implantação de máquinas com controle numérico computadorizado no processo produtivo, e o aumento das exportações, seriam todos fatores indicadores da positividade do setor.

"... alguns segmentos da indústria brasileira de móveis têm experimentado mudanças significativas em sua base produtiva e uma rapidez muito grande em se ajustar às novas condições de abertura comercial da economia brasileira e de globalização dos mercados em nível mundial. O salto tecnológico da indústria possibilitou o crescimento expressivo das exportações de móveis, que atingiram um patamar superior a US\$ 300 milhões a partir de 1995, alcançando US\$ 391 milhões em 1997." ²¹

O aumento da quantidade de pequenas empresas, da exportação de móveis, da extração de madeiras, da produção e importação de novas máquinas; a exigência de maior padronização de medidas, os "novos"²² produtos manufaturados e acessórios, as novas organizações (como a Abimovel) e o incentivo ao designer do móvel nacional através do PBD²³ demonstram um crescimento claro.

Nos anos 90 observa-se uma movimentação da indústria de móveis, as quais, em sua maioria, trabalham com a matéria prima madeira(91%). A produção busca a "modernidade" do setor, mas está localizada em pontos limitados a regiões identificadas como pólos moveleiros²⁴.

Segundo dados associados a secretária de política industrial²⁵ e ao BNDS, existem cerca de 13.500 empresas moveleiras, 10.000 são micro empresas (até 15 empregados), 3000 são de pequenas à médias empresas (de 16 à 150 empregados) e apenas 500 são de médias à grandes empresas (acima de 150 empregados).

"Em conformidade com o padrão mundial, a indústria brasileira de móveis também se caracteriza pelo pequeno porte de seus estabelecimentos industriais: as micro e pequenas empresas, até 19 empregados, representam em torno de 88% do total de

²¹ Panorama do BNDS sobre as indústrias moveleiras. <http://www.abimovel.org.br/panorama.htm>

²² Muitos produtos são novos apenas no Brasil, pois somente agora são produzidos nacionalmente.

²³ Programa Brasileiro de Design - <http://www.mdic.gov.br/spi/pbd/>

²⁴ Entre estes estariam Bento Gonçalves, RS; São Bento do Sul, SC; Araçatuba, PR; Mirassol, Votuporanga e São Paulo em SP; Ubatuba em Minas Gerais.

²⁵ <http://www.mdic.gov.br/spi/spiindex.htm>
<http://www.mdic.gov.br/spi/pbd/agenda/setm260.htm>

estabelecimentos registrados, 33% do emprego total e apenas 16% do valor bruto da produção industrial.” (Panorama BNDS)

Pela relativa facilidade em se montar uma pequena oficina de marcenaria, o número de 10.000 micro empresas pode vir a ser bem maior; pois por força da produção inconstante no início, na maioria das vezes, essas empresas terminam por funcionar sem registro.

“No segmento de móveis sob encomenda, cabe mencionar a presença de uma multiplicidade de micro e pequenas empresas, em geral marcenarias, cuja matéria prima básica é a madeira compensada conjugada com madeiras nativas. Seus equipamentos e instalações quase sempre deficientes e ultrapassados - o que gera muitas imprecisões nas medidas -, e o trabalho ainda é predominantemente artesanal. São empresas, em sua maioria, integradas, que detém inclusive, o processamento primário da madeira com que trabalham. Seu produto final destina-se predominantemente ao mercado doméstico.” (Panorama BNDS)

As micro empresas, em grande medida, dedicam sua produção aos móveis feitos sob encomenda, principalmente para as camadas média e baixa da população, e não são chamadas de indústrias moveleiras, mas sim de marcenarias. Algumas destas oficinas, devido a falta de (in)formação e de experiência administrativa, ou seja, devido a ingenuidade produtiva e comercial, fecham as portas pouco tempo depois de abertas.

Em Campinas e sua região adjacente, podemos dizer que, provavelmente, por não se tratar de uma cidade pólo moveleira, o que encontramos são, em sua maioria, micro e pequenas empresas, com algumas exceções.

Com esta conclusão uma pergunta nos vem à tona: Considerando os objetivos e a motivação inicial desta pesquisa, quais devem ser os elementos básicos para a formação dos profissionais que irão atuar neste mercado?

Nossa pesquisa parte do fato da existência de um salto tecnológico nos anos 90, com o sentido ideológico da indústria²⁶, e indaga: como fica o papel das marcenarias e a visão do artesão marceneiro, trabalhador que lapida a sua peça de maneira artística?

²⁶ Ver segunda parte da discussão bibliográfica em que trato dos processos de produção e da globalização.

4. Projetos.

a) Teóricos.

Pela facilidade de se trabalhar e moldar a madeira, a marcenaria já foi cotada por alguns teóricos da educação, como Pistrak²⁷ e sua pedagogia libertadora, como uma fonte de aprendizagem. Ele partia do valor do trabalho afirmando que:

“O trabalho é um elemento integrante da relação da escola com a realidade atual, e neste nível há fusão completa entre ensino e educação. Não se trata de estabelecer uma relação mecânica entre o trabalho e a ciência, mas torná-los duas partes orgânicas da vida escolar, isto é, da vida social das crianças.” (Pistrak, 1981:46)

Segundo Pistrak, na escola, a marcenaria serviria como início da vivência das relações existentes no trabalho (associado à ciência) e na vida, em uma experiência produtiva real, sem dicotomias, para isso seria levado em conta a ideologia do artesão e a importância das suas oficinas.

“O trabalho numa oficina escolar pode estar ligado ao estudo dos ofícios artesanais urbanos e rurais, seu valor específico no conjunto de nossa economia, da ideologia do artesão, etc. A oficina aparece, portanto, não como uma etapa inferior no caminho da grande indústria, mas como um campo imediato de experiência e de comparações.

Mas, para que a oficina possa alcançar estas finalidades, é preciso que satisfaça certas condições:

1. É preciso, de preferência, organizar oficinas onde se trabalhem os produtos mais conhecidos do ponto de vista técnico e na vida corrente, ou, mais simplesmente, são prioritários os ofícios mais conhecidos. Em primeiro lugar, as oficinas onde se trabalhem os metais e a madeira porque, por um lado, tais matérias primas são, em si mesmas, muito difundidas e, por outro lado, têm uma importância considerável na fabricação de instrumentos e utensílios de todo tipo.”(Idem:54)

“... as oficinas têm uma importância capital, é porque servem de ponto de partida para o estudo e a compreensão da técnica moderna e da organização do trabalho.”(Idem:57)

A escola do trabalho idealizada seria uma escola que valorizaria a criação em suas diversas possibilidades de aplicações, a vários campos, sem separações. Em seu campo de referência estas criações deveriam sempre focar a coletividade e a nova ordem social a ser estabelecida dentro de um “espírito marxista” revolucionário.

“Conferimos uma enorme importância à criação técnica. Toda a criação, técnica, científica, artística, é a aptidão para combinar sub-conscientemente os elementos constitutivos que contribuem para a produção do objeto que se quer criar, e a aptidão para escolher instintivamente numa série de combinações aquelas que são as melhores.”(Idem:55)

“... A escola deve educar a criança no espírito marxista, devendo fazer o necessário para que o aluno perceba organicamente o método marxista e também o sentido de sua ação.”(Idem:38)

²⁷ PISTRAC. Fundamentos da Escola do Trabalho ; Tradução Daniel Aarão Reis Filho. – São Paulo : Brasiliense, 1981.

Outro autor que pensou a educação do trabalho via a utilização das artes manuais, no desenvolvimento escolar, foi Freinet. Novamente a marcenaria, ou o trabalho com a madeira, voltou a ser citado como fazendo parte das quatro oficinas que corresponderiam a um trabalho manual de base.

"Depois do exame psicológico e social das necessidades essenciais das crianças de nossa época, definimos como sendo oito o número de oficinas especializadas de trabalho

Quatro dessas oficina serão consagradas ao que chamamos de trabalho manual de base, isto é, o trabalho para o qual se volta espontaneamente a criança que é livre para escolher sua atividade.²⁸" (Freinet 1995:61)

Podemos observar que na escola do trabalho proposta por Freinet, já é possível verificar uma certa separação entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, a partir da separação das oito oficinas²⁹, isto não retira o valor do trabalho, que este defende como necessário ao ensino.

"O trabalho satisfaz a necessidade de criação e de ação da criança. Fá-la, ao mesmo tempo, tomar consciência de seu papel social. Contraditoriamente ao ensino livresco e opressivo atual, adapta-se admiravelmente à natureza.³⁰" (Freine apud Maury, 1993:94).

A tentativa desta escola é a de associar o estudo ao trabalho, de maneira unívoca a partir da infância, tornando os dois, trabalho e estudo, estimulantes e interessantes aos olhos da juventude.

"Será necessário, [...], cuidar muito especialmente da preparação profissional dos jovens operários: permanência em escolas especiais para uns, simples estágios em indústrias para outros. Mas o trabalho manual não deve consumir toda esta atividade jovem. É preciso que a mesma aliança que quisemos produzir entre a escola e o trabalho prossiga durante a adolescência, e que o trabalho manual seja a oportunidade e o estímulo do desenvolvimento intelectual e moral do homem. A fórmula dessa aliança ainda está por encontrar. Porquê não basta um curso de educação sucedendo

²⁸ FREINET, Célestin. Para uma escola do povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. (tradução Eduardo Brandão). – São Paulo : Martins Fontes, 1995. (Psicologia e Pedagogia)

²⁹ "Eis, (...), a lista das oficinas que previmos.
Quatro oficinas para o trabalho manual de base:
1 – Lavoura. Criação.
2 – Forja e marcenaria.
3 – Fiação, tecelagem, costura, cozinha, trabalhos domésticos.
4 – Construções, mecânica, comércio.
Quatro oficinas de atividade evoluída, socializada e intelectualizada:
5 – Pesquisa, conhecimentos, documentação.
6 – Experimentação.
7 – Criação, expressão e comunicação gráficas.
8 – Criação, expressão e comunicação artísticas." (Freinet 1995:66)

³⁰ MAURY, Liliâne. Freinet e a pedagogia. (tradução Yara Maria Laranjeira e Mario Laranjeira). – São Paulo : Martins Fontes, 1993. (Psicologia e Pedagogia. Nova série)

ao trabalho da oficina. É preciso que o desenvolvimento do indivíduo seja o efeito do próprio trabalho, e esteja intimamente ligado a ele.” (idem:99)

O que talvez dê relevância a delimitação de uma pesquisa nos cursos de marcenaria, dados em entidades assistências filantrópicas e comunitárias (de acordo com Antonio Carlos Gomes formaria mais alunos do que o próprio SENAI³¹), é a participação e o desenvolvimento do chamado Terceiro Setor na sociedade brasileira atual³².

b) ONG.s, terceiro setor e o ensino de marcenaria

Alguns dos exemplos concretos de ações de entidades do Terceiro Setor, desenvolvido com crianças e adolescentes na área da marcenaria, se encontra atualmente em São Paulo: o trabalho profissionalizante, assistencial e cultural feito na favela Monte Azul na Zona sul; o trabalho na marcenaria ‘A Ponte’ de ressocialização das pessoas que por motivos de internação ficaram afastadas do convívio social na região dos Jardins³³; a oficina Comunitária do Centro Educacional Tabor, onde o artista Danilo Blanco ensina marchetaria a jovens dito carentes, etc.

Como premissa dos argumentos que incentivariam as iniciativas do Terceiro Setor³⁴ nesta área, seriam os cuidados dispensados pelo governo Estadual para a “recuperação” dos adolescentes na FEBEM.

Esta instituição pública, vergonhosamente, trata o adolescente da mesma maneira que trata seus presos em uma penitenciária, com medo, violência e preconceitos, independente se este é acusado de consumir droga, de ter cometido um assassinato, ou assalto.

³¹ “A expressão atendimento alternativo,[...], compreenderá o universo de programas e ações, voltados para a capacitação e encaminhamentos de adolescentes para o trabalho, que não fazem parte nem do sistema regular de ensino [...] e nem dos serviços Nacionais de Aprendizagem (SENAI, SENAC, SENAR).” (Gomes, 1996:18)

“Para se ter uma idéia do que acontece no Brasil, estima-se que existem mais crianças e jovens preparados por este ‘sistema’ [alternativo] para entrar no mundo do trabalho do que pelo sistema de ensino (escolas técnicas) ou pela via de Serviços Nacionais de Aprendizagem”. (Gomes, 1996:19)
GOMES, Antonio Carlos. Desenvolvimento Social e Ação Educativa: Educação e trabalho (Apost.). – Belo Horizonte : Modus Faciendi Publicações e Serviços Ltda, 1996.

³² No item deste trabalho intitulado de, “Terceiro Setor: Um Conceito em Disputa”, iremos caracterizar o Terceiro Setor do ponto de vista histórico e como dado da conjuntura atual.

³³ A proposta teria surgido da parceria entre o Centro de Atenção Psicossocial Luís da Rocha Cerqueira, uma unidade da Secretária da Saúde do Estado, a Universidade de São Paulo e a Associação Franco Basaglia.

³⁴ Ver discussão sobre o Terceiro Setor na ultima parte da discussão bibliográfica.

Em uma reportagem da Veja enfocando a FEBEM e um dos motins ocorridos em 1999, esta nos traz algumas informações sobre a situação da infância no Brasil:

"Segundo dados do IBGE, 40% das crianças brasileiras entre zero e 14 anos vivem em condições miseráveis, ou seja, a renda mensal familiar não passa de metade do salário mínimo. Quase todas as crianças brasileiras têm hoje acesso ao ensino elementar, mas pouco mais da metade chegará à 8ª série. Uma em cada seis ingressa no mercado de trabalho antes de completar 15 anos. Dos 15 aos 17 anos, quando deveria estar na escola, metade está no batente. Milhões de jovens crescem sem outra perspectiva exceto a de legar suas dificuldades aos seus filhos. O desafio é tão dramático que muita gente acaba dando de ombros, convencida de que se chegou a uma situação da qual não há retorno. É um erro. Neste momento, milhares de fundações e organizações não governamentais, ONGs, estão demonstrando como boas idéias, um pouco de dinheiro e muita disposição podem mudar esta realidade para melhor." (Veja ano 32 - n.º 38 - 22/09/99)

É claro que estas ações não atingem o âmago da questão, o modelo societário vigente, sua divisão social do trabalho e a conseqüente organização da sociedade e seus preconceitos. Mas diante dos fatos não dá para apenas lamentar as conseqüências desta organização desigual fundada na exploração, é necessário criar possibilidades e caminhos para a mudança. E quais seriam estes caminhos?

Muitas destas ONGs mostram como o homem, partindo do seu coletivo, ainda são sujeitos da história produzindo melhorias, desde que consciente de suas ações. Isto refutaria um pensamento ahistórico³⁵ fortemente marcado atualmente.

Uma demonstração disto é possível verificar no trabalho da Pedagoga Alemã Ute Craemer, que junto com o mestre marceneiro Paulo Inácio, a pedagoga e assistente social alemã Renate Keller Inácio e o ex-favelado de Londrina Aparecido Cândido da Silva fundaram a ACOMA (Associação Comunitária Monte Azul).

"... ele sonhava em montar uma escola de marcenaria; ela, um jardim de infância; e Ute queria abrir as portas do mundo para as crianças, homens e mulheres do morro"³⁶.

"Há dez anos, dizem os moradores, era comum que os tiroteios na Favela Monte Azul, na zona sul de São Paulo, passassem por entre as pernas de quem marcará bobeira por ali. Hoje, 18 anos depois de implantada a Associação Comunitária Monte Azul, é raro ouvir falar em carro roubado, crime organizado ou crianças pedindo em farol. A polícia entra no morro para comprar pão integral ou móveis fabricados pela marcenaria dos moradores"³⁷.

³⁵ Este pensamento com o declínio do socialismo Russo, argumenta que a transformação na organização da macro estrutura social não depende das ações objetivas do homem, e que com o declínio dos países socialistas as teorias de Marx estariam refutadas. Assim num "atentado" ao movimento histórico defende que o sistema capitalista e sua ideologia seria o único possível, sendo muitas vezes defendido como o mais civilizado existente. As ideologias revolucionárias neste raciocínio na prática seriam inaplicáveis ou inviáveis.

³⁶ Brinquedos Pedagógicos: Oficinas de Idéias e de Oportunidades In. Faça e Venda, ago. 1999) (p.84)

³⁷ MARCENARIA MODERNA – São Paulo : Casa Paulista de Comunicação -Leo Madeiras, Ano 1 – n.º 7, maio 1996 (p.33).

Este trabalho baseado na filosofia Antroposófica³⁸, criou como um dos primeiros projetos a marcenaria da favela, onde adolescentes aprendem a marcenaria, produzindo móveis e brinquedos para diversos os gostos. O trabalho da ACOMA se estendeu a partir disto para 800 crianças, em creches, berçários, escolas primárias, oficinas de reciclagem de papel, móveis e utensílios, oficinas de eletricidade, bibliotecas e por fim o centro cultural, onde há grupos de teatro, dança, música e artes plásticas.

A ligação entre o ensino profissional dirigido as crianças e adolescentes relativo a marcenaria³⁹ e fundamentado na filantropia e caridade, como o do exemplo anterior, não é novo, datando de tempos atrás quando as corporações e posteriormente os artesãos teriam perdido seu prestígio e seu local de ensino.

Se formos levantar informações sobre as instituições de caridade e filantropia que trataram com os adolescentes aqui no Brasil (como feito mais a frente), verificaremos também que esta antiga ligação do ensino do trabalho aos menos favorecidos, com a antiga profissão de marceneiro também existia.

Assim ou o profissional aprendia seu ofício na marra na oficina, ou aprendia através de amigos e parentes a arte do trabalho na madeira. Tendo por outra via, como outro recurso, a rede que foi organizada de assistência as crianças e adolescentes com o intuito de profissionaliza-las ou prepara-las para o trabalho.

Esta profissão de marceneiro historicamente valorizado pela demonstração da habilidade artística do artesão (ainda valorizadas por algumas camadas sociais de hoje), ou da representação de um estilo próprio que a caracterize e a diferencie na confecção do seu produto, se descaracteriza como trabalho humanizado quando relega a um outro profissional a projeção do móvel (decorador, design e outros) e a elaboração de como se fazer o móvel a outro profissional (normalmente a distribuição dos serviços é feita por um marceneiro com mais experiência, pelo encarregado da produção ou mesmo pela automação e layout das máquinas), perdendo o controle do processo e do produto.

³⁸ Teoria elaborada pelo cientista austríaco Rudolf Steiner, que reconhece a arte como propulsora da formação espiritual de cada indivíduo, "Todo ser humano precisa se expressar, desenvolver seus potenciais para se sentir inteiro, integrado a sociedade."

³⁹ Ensino pré - profissional, ensino artesanal ou qualquer outro nome que possa vir a ter o ensino do trabalho com a madeira.

Relega-se a este profissional, o marceneiro, apenas as operações mecânicas, mais simples da confecção.

A especialização e a hierarquização torna à profissão desprivilegiada tanto como trabalho, transformado muitas vezes o marceneiro em "cortadores de pau", ou como funcionários de serviços gerais.

Quanto as pesquisas, estas, privilegiam na maioria das vezes empresas metalúrgicas, de informática, têxteis ou agrícolas.

Se justificaria desta maneira um retorno a história do artesão, do ensino profissional no Brasil e do ensino do ofício nas instituições de caráter variado, incluindo-se as filantrópicas e assistenciais, enfocando principalmente uma área de trabalho (a marcenaria) e um contexto social. A partir disto objetivamos levantar um panorama de instituições existentes, que tenham em seu quadro de funcionamento, atividades ou cursos referentes ao trabalho com a madeira. Tencionamos tratar das possibilidades do ensino do trabalho (com a madeira), frente ao processo de trabalho predominante na sociedade globalizada deste final de século.

D. OBJETIVOS.

1. Objetivo geral.

Considerando a profissão de marcenaria herdeira de uma tradição artesã, pretende-se situar e analisar o desenvolvimento dos cursos profissionais, apontando principalmente um determinado ofício frente a uma determinada história, contexto e possibilidades.

2. Objetivo específico.

Conhecer as propostas, o funcionamento, a organização e os objetivos das instituições que têm em seu interior um curso de marcenaria (ou atividade dirigida ao trabalho com a madeira), considerando-as como parte do universo de entidades do Terceiro Setor.

As seguintes indagações serão trabalhadas neste estudo:

- (a) Será que há alternativas viáveis para que o ensino de um trabalho manual que não torne os aprendizes despreparados para o mercado de trabalho dito globalizado?
- (b) Os alunos não estão sendo preparados como mãos de obras descartáveis (mão de obra barata) ou mesmo futuros desempregados?
- (c) Este ensino não se torna um reproduutor, formando pessoas acríticas.
- (d) Considerando o marceneiro como um profissional com uma habilidade artística, é possível formá-lo? Existe uma vocação per si, uma capacidade inerente de tal forma que não é possível formá-la ou desenvolvê-la no processo de ensino/aprendizagem.

E. HIPÓTESE.

A partir do referencial teórico e dos objetivos da pesquisa levantados até aqui, postulamos que a marcenaria, por ser uma profissão com características manuais, foi sendo desqualificada em suas bases. Sendo assim, a maioria dos cursos voltados a este ofício, em Campinas, além de continuarem restrito em sua maioria à instituições assistenciais, não objetivam a inclusão de sua clientela no mercado de trabalho, já que este setor não é o setor “de ponta” na cidade.

Dada a desqualificação do trabalho manual na sociedade moderna, os cursos tendem a permanecerem como antes; como uma forma de desenvolver nas crianças menos abastadas o disciplinamento, o apreço pelo trabalho, e uma forma de socialização dos desamparados ou desajustados da sociedade, não desenvolvendo assim uma visão (ou ideologia) de enfrentamento ou de ajustamento ao mercado globalizado.

Deve-se acrescentar que, as instituições que atuam na área não são neutras. Apesar da incontestabilidade do valor social do trabalho desempenhado nas instituições, elas acabam servindo a ideologias, nem sempre claras.

F. METODOLOGIA.

*"...uma forma que me caracteriza como estudante, é de que perguntado eu nunca vou diretamente ao centro da pergunta mas eu me posiciono em frente a pergunta, delimito o tema contido na pergunta e depois faço uma coisa que eu chamo de cerco epistemológico do objeto, quer dizer: um tema afinal esta posto, na pergunta, na indagação na curiosidade e a minha resposta é a expressão de um tratamento que a gente chama de tratamento epistemológico do objeto, quer dizer: é a busca da compreensão do objeto sobre o que se indaga ; é a procura, tanto quanto possível, do que a gente pode chamar, do ponto de vista de uma teoria do conhecimento, o saber cabal do objeto." (Freire, 1997:_)*⁴⁰

1. Onde se inicia a pesquisa.

As concepções de ciência e de pesquisa se encontram em grande medida na forma como o pesquisador aborda a realidade. Por isso esta forma precisa ser explicitada na metodologia.

A metodologia da pesquisa começa quando o sujeito histórico, pesquisador, delimita o seu objeto e ele o faz baseado em suas concepções. Sendo o objeto desta pesquisa os cursos de marcenaria, abordo uma realidade muito próxima a que vivemos no plano profissional⁴¹. Não tenho, portanto, o objetivo de tornar as conclusões finais deste trabalho um rol de constatações normativas mas sim elencar, baseado em um corpo teórico elegido na discussão bibliográfica, algumas considerações que contribuam para um repensar daquela prática.

A bibliografia aqui utilizada foi sendo montada no decorrer do curso de pedagogia, nos congressos sobre educação⁴², nos encontros com a orientadora e nos corredores das bibliotecas visitadas

A atenção constante esteve dirigida aos livros, teses e artigos que tratassem sobre os seguintes temas: trabalho, a educação e a arte, assim como a profissionalização, a história artesã, a reengenharia industrial e o processo de globalização.

Não temos a intenção de trabalhar com a pesquisa-ação ou participante. Talvez, numa etapa posterior, para reconhecimento de determinadas instituições, passamos utilizar aqueles procedimentos.

⁴⁰ VI SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE MACKENZIE. 1997, São Paulo
Transcrição da palestra proferido pelo Prof. Paulo Freire.

⁴¹ Lembrando que sou um instrutor de um curso de marcenaria.

⁴² A maioria dos congressos foram possibilitados pela Escola Salesiana São José.

2. Pesquisa Bibliográfica.

Para conhecer a realidade dos cursos de marcenaria nas instituições, deve-se considerar, a princípio, que elas estão diante de um determinado contexto social e político na sociedade. Qualquer aferimento da realidade destas instituições, sem uma compreensão deste contexto, resulta em falhas e análises incompletas.

Neste trabalho, tomando por base que todos os fenômenos sociais são históricos, buscou-se um resumo do desenvolvimento histórico do ensino do ofício. Partiu-se do pressuposto que a profissão aqui enfocada está marcada por uma tradição artesã. Assim, recuou-se até o ensino do ofício nas corporações da Idade Média, para chegar ao ensino profissional dado pelos artesãos por caridade, depois ao ensino nas instituições de filantropia, e finalmente, às escolas profissionais do tipo dada pela formação do SENAI.

Sendo que as formas constituídas do ensino do ofício, no decorrer do tempo, não excluem umas as outras, deseja-se montar um quadro informativo de como anda o ensino do curso de marcenaria nas instituições.

3. O Tamanho da Amostra.

Para que nosso trabalho não ficasse apenas nos pressupostos teóricos, realizamos uma pesquisa de campo. Seleccionamos uma amostragem, não considerando tanto, o percentual estatístico, mais sim alguns elementos que ilustrassem, no tempo disponível para pesquisa de campo, este trabalho de final de curso.

O levantamento original das instituições a serem seleccionadas, foram a partir do cadastro existente das instituições que encaminham alunos ao Centro Profissional Dom Bosco, e também através de dois sites (www.voluntarios.com.br – www.filantropia.com.br).

4. Os Atores Pesquisados: Administrador – Educador – Aluno.

A sociedade, sua estrutura social e produtiva determinam de uma maneira muito forte as organizações e as relações dentro delas, mas as organizações são formadas por pessoas, que sendo sujeitos históricos cravadas no movimento do tempo, quando conscientes e dispostas, podem assumir ou não estas determinações.

Falando sobre a origem das prisões, Foucault analisou que a tecnologia de poder empregadas nestas organizações não tiveram início num indivíduo ou num determinado grupo de indivíduos, mas *“Essas táticas foram inventadas, organizadas a partir*

de condições locais e de urgências particulares”. Se avaliarmos as condições locais e as urgências particulares no movimento dos indivíduos e na sua ação, a partir de seu contexto, podemos perceber “pistas” de como os fenômenos sociais podem se tornar futuro.

Normalmente as atitudes dos sujeitos são pautados por aquilo em que ele acredita ou em sua opinião sobre os fatos, é claro que limitados pelas suas condições históricas e materiais e não pelas regras formalmente estabelecidas.

É o sujeito que valoriza um aspecto e não o outro, no trabalho é o sujeito que fará o ambiente ser de uma maneira e não de outra . . . Por isso o instrumento de pesquisa de campo será o questionário e a entrevista e, na medida do possível, o levantamento documental.

Estes instrumentos serão dirigidos a três personagens da instituição:

- O administrador- que seria o responsável pelos cursos, projetos, educadores, etc.
Dele se procurará saber como ocorre o funcionamento da organização, seu histórico, objetivos gerais e pressupostos pedagógicos, assim como qual seria o planejamento para o andamento do futuro da organização em relação ao curso em questão e por fim sua postura frente ao contexto social;
- O educador- este lida diretamente com o aluno, transmitindo seus conhecimentos, suas ideologias, seu modelo . . .
Para saber as propostas curriculares, objetivos específicos do curso, os exercícios realizados, as disciplinas e os enfoques dados, os materiais disponíveis e a relação professor aluno, será consultado o Educador;
- O aluno formando- este deveria ter o objetivo da instituição. É neste que deve se encontrar o realização do ensino (ou não).
Do aluno se inquirirá como sente todo o trabalho realizado pela escola, qual sua realidade, o que ele espera do curso e do mercado e também uma limitada explanação sobre os aspectos da sociedade em que vive.

II. PRIMEIRA PARTE: UM RESUMO HISTÓRICO DAS CONSTRUÇÕES DO ENSINO PROFISSIONAL

A. AS CORPORAÇÕES E O ENSINO DO OFÍCIO

1. As Corporações de ofício

*"...raciocinar e fixar os objetivos da atividade, verifica-la e retifica-la constantemente através da avaliação [...], dominar todo o ciclo, cuidar de todas as saídas e em geral, estar com um olho na oficina e outro na rua."*⁴³

Este trecho poderia muito bem ter sido recortado dos modelos de qualidade industrial, no contexto tecnológico e de "novas" organizações do processo de produção, ou ainda das referências às "novas" exigências ao trabalhador, mas não foi.

Foi destacado da referência a um "ultrapassado" modo de produção – a realizada pelo artesão ou artífice. Não qualquer artesão, mas aquele que viveu entre o período feudal e à revolução industrial, se organizando em corporações de ofício.

Antonio Santoni Rugiu⁴⁴ nos traz a descrição de uma época de mais ou menos três séculos, que injustamente foi esquecida ou menos prezada por muitos historiadores (talvez como indício de que muitas reconstituições históricas foram realizadas apenas sob a lógica dos vencedores). Descrição referente às Associações de Artesãos e Mercadores que diversificadamente se desenvolveram no século XII na Europa, atingindo alto grau hegemônico na economia e cultura no século XIV e supressão total no final do século XVIII e início do XIX.

Estas corporações em princípio tiveram organizações e denominações conforme o local de origem; eram chamados de Colégios, Consulados, Universidade, Companhia ou Irmandades, Mestranças, Ministérios, etc. Mas a mais destacada seria a palavra *Arti*.

A palavra arte do latim "ars" de tradução grega *téchene*, traria a partir de palavras de mesma raiz, a idéia de: movimento, ferramenta, mecanismo, capacidade racional de realizar uma tarefa, ou trabalho humano.

"... o trabalho assim como hoje entendemos e como foi entendido a partir dessa época, não tinha ainda um nome. As palavras que mais se aproximaram (labor,opus) colocavam o acento principalmente na fadiga física e moral (...) útil (...) para fazer penitência do pecado original com o 'suor do próprio rosto'." (Rugiu,1998:29)

⁴³ RUGIU, Antoni Santoni. Nostalgia do Mestre Artesão ; tradutora Maria de Lourdes Menon. – Campinas, SP : Autores Associados, 1998. – (Coleção memória da educação)

⁴⁴ Neste capítulo em particular devo dizer que todo o desenvolvimento foi a partir dos textos deste autor, limitando-me a buscar nele as partes que julgo de interesse deste trabalho.

E é neste último aspecto que as corporações de ofício vieram sobrepujar o processo de produção anterior nos mosteiros e nos feudos, com a idéia de auto realização, “*não trabalhavam para salvar alma, mas para ganhar*”⁴⁵, não consideravam pecado vender ou comprar a produção do “*suor do próprio rosto*”. Só que para isto foi necessário melhorar o nível de formação tecnológica e organizativa da produção e também aumentar a capacidade de reprodução dos modelos formativos obtidos, para desta forma ampliar a produção em quantidade e qualidade pelos que trabalhavam nas oficinas.

Assim o que mais se destacou nas corporações foi seu caráter associativo e organizativo.

As corporações eram nas palavras de Rugiu:

“... ligas profissionais caracterizadas por direitos e deveres particulares, por privilégios e por vínculos reconhecidos e garantidos pelo poder público [...] [onde] O exemplo talvez mais típico de tais privilégios garantidos era o monopólio do qual toda Corporação dispunha para o exercício e o ensino da própria atividade em um determinado território. O monopólio do ensino compreendia também o poder discricionário para certas condições convencionadas de gerir a instrução geral, a socialização e também a qualificação e a inserção profissional dos aprendizes, uma vez vindos a ser “matriculados” e depois mestres naquela Corporação [...] Esta prerrogativa pedagógica [...] implica a aceitação, por parte das corporações, de vínculos correspondentes: a obrigação de não invadir o setor profissional aceito [...], a proibição de acolher nas oficinas um número de aprendizes superior aquele estabelecido, e assim por diante.” (idem: p.24)

Se acredita que a própria universidade e mesmo sua organização hierárquica tenha a herança historicamente dada pelas corporações, que nas oficinas tinham o processo de produção dividido entre os mestres, companheiros e aprendizes (ou ajudante). No século XII existia uma cultura que equiparava a atividade do homem de ofício de produção material e o da produção intelectual, não existindo dicotomia ideologicamente marcada entre teoria e prática nas corporações.

“ ‘O que é uma arte? Não é uma ciência, mas uma técnica. Ars è Téchnè, é a especialidade do professor, como aquela do marceneiro, do ferreiro... Uma arte é qualquer atividade racional e justa do espírito aplicado à fabricação de instrumentos, sejam materiais, sejam intelectuais: É uma técnica inteligente do fazer. Ars est recta ratio factibilium’. Assim, o intelectual é um artesão como os outros, e com tal consciência é levado a organizar-se em corporações e dar vida às Universidades dos estudos, não obstante a resistência e as críticas daquele clero culto que pensava deter a exclusividade das Artes Liberais.” (Le Goff apud Rugiu, 1998:31)

Mesmo porque como citado as oficinas não eram só lugares demarcados apenas de produção material, mas também intelectual na medida que eram destinadas ao ensino das artes.

⁴⁵ Rugiu p.30

Independentemente ao tipo de trabalho, coexistiam juntos a demarcação do local de produção e o local de ensino. A separação foi dada no processo de industrialização da sociedade e de sua cultura. A educação e o trabalho artesão, é a realidade da qual se busca alguns recortes.

2. Artes Mecânicas - O ensino do ofício manual na idade média.

"hábil com as mãos e rápido com a cabeça, para desenvolver juntas a precisão e a originalidade do projeto e da execução." (Rugiu, 1998:14)

"Trabalhar com as mãos e com a inteligência" esta frase ainda é usada em alguns cursos artesanais e industriais, mas no seu desenvolvimento (ensino profissional do nível de primeiro grau) prezam em grande medida mais o adestramento das mãos do que o desenvolvimento do intelecto, prezam mais o desenvolvimento técnico ao desenvolvimento humano, num caráter principalmente utilitarista e funcional. Não significa que isto não era almejado nas corporações, mas nas chamadas artes mecânicas o ensino - aprendizado era fundado no *"aprender fazendo"*.

O bom aprendiz deveria desvendar o *"mister – mistério"*⁴⁶ do ofício, o qual era liberado progressivamente sob o comando do mestre na formação profissional, na ética do comportamento e nas regras da corporação conforme a arte que o aprendiz pertenceria (associando um aprendizado formal e informal), portanto além das técnicas (que envolviam diversos conhecimentos) o ensino era formativo de caráter, *"toda a educação era fruto de um aprendizado em um sentido muito mais amplo do que aquele que o termo assumiu mais tarde (idem:p.76)."*

No ensino artesão não havia separação funcional entre os objetivos para o ensino técnico e para o humano, e isto ocorria também nos ensinamentos das chamadas artes liberais⁴⁷. Esta formação mais *"intelectualizada"* tinham uma influência dos

⁴⁶ Podemos entender por "mister mistério" como sendo uma atribuição quase mágica dada as técnicas do fazer de cada arte, considerado um saber sobrenatural das invenções do fazer. Este saber técnico produziria algo diferenciador no trabalho de uma corporação específica, por isso na maioria das vezes, estas regras estabelecidas e ensinadas a apenas aos iniciados eram veladas como um importante segredo. Citamos aqui um recorte do texto de Rugiu *"para temperar as limas, depois de ter descrito o uso do sal e do fogo, recomenda uma outra técnica infalível: 'Pegue um bode de três anos e mantenha-o preso no cercado sem alimentá-lo, no quarto dia dê-lhe para comer samambaias e nada mais. Quando as tiver comido por três dias, coloque-o, na noite seguinte, em um tonel de fundo furado. Sob o furo ponha um outro recipiente não furado, de modo a recolher a urina'. Com esta se teria obtido uma ótima tempera para vários utensílios de corte(p.28)"*

⁴⁷ A classificação de artes liberais e artes mecânicas veio como uma forma ideológica de segmentar o trabalho manual e do intelectual com privilégio deste último. As artes *liberales* eram privilégio

estudos tradicionais do Trívio (gramática, retórica e lógica) e do Quadrívio (matemática, geometria, astronomia, música), ministrados e controlados anteriormente pelo clero.

Nas artes mecânicas o aprendiz fazia parte da produção, e era nesta que teria que aprender o ofício, pois era firmado entre o mestre e o pai (ou tutor) um contrato onde ficava indicado que o mestre ensinaria a própria arte ao aprendiz, dando instrumentos necessários para que pudesse desenvolver por sua conta, ou junto a outro mestre, uma atividade no final de uma longa trajetória educativa.

Nestes contratos muitas vezes ficavam estabelecido que além do ensino do ofício, da formação moral, o mestre deveria assegurar casa, comida e as vezes vestimenta, dando – lhe guarida. Este regime de internato numa relação patriarcal, talvez hoje nos pareça estranho, mas na época não o era, pois não se tinha a diferença constituída de vida profissional, de vida familiar e de vida social (estava tudo muito imbricado), onde em cada local deva-se portar e estar condicionado de uma tal maneira de acordo como o esperado (mascaras sociais).

Quando o aluno terminava o aprendizado então se tornava um “*artesão matriculado*” na corporação, e daquele momento poderia objetivar o título de mestre. Para isso deveria desenvolver uma “obra de arte” ou “obra prima”, principalmente nas mais prestigiadas; nas corporações menos prestigiadas “*...a custosa e seletiva fase da obra prima era geralmente substituída por provas de habilidade nas operações típicas de cada atividade.*” (idem:p.22)

Uma das formas de se avaliar o valor pedagógico dos mestres era a sua capacidade de formar um bom grupo de mestrança (de mestres). Desta maneira os aprendizes e ajudantes(laborantes) desenvolviam uma ligação com um determinado mestre frente a outro.

Este ultimo personagem, o ajudante, simplesmente trabalhava (existe ainda o cargo de ajudante nas marcenarias) e recebia como paga o sustento gratuito (e como pode-se concluir o sustento implicava também no controle social e moral), pois residia em lugar muito afastado, ou eram adolescentes órfãos, ou limitados em suas condições econômicas por algum motivo, mesmo assim estabeleciam um vínculo

daqueles que não precisavam trabalhar para sobreviver, dividindo o trabalho como opus, labor, estes se dedicavam a atividades consideradas livres, se consideravam produtores de pensamentos, esta atividade era exercido através do liber, ou livro. Esta palavra liber tinha dois significados, tanto poderia ser livre como livro. Em um determinado período, por interesse de

com os mestres do ofício "... para os ajudantes que trabalhavam para o mestre, estas relações representavam uma real ligação que os mantinham unidos em oposição aos ajudantes de outros mestres e os separava destes; enfim. Os ajudantes estavam ligados à regra existentes, se não por outra razão, pelo interesse que tinham de tornarem-se eles próprios, mestres." (idem:p.47)

Assim a socialização do aprendiz se dava nas diversas frentes: no âmbito familiar, do trabalho e social.

Além disso existia um princípio de descoberta já citado do *mister – mistério* para participar das regras da arte (os conhecimentos técnicos talvez), estes deveriam permanecer cerrados sob o manto daquela corporação⁴⁸ mantidos em um fazer secreto (muitas vezes meio mágico), isto daria a diferenciação qualitativa entre os mestres e entre as corporações.

Surge deste fato a necessidade do mestre regular a luminosidade da aprendizagem nas sutilezas da arte, passando os segredos aos poucos aos aprendizes, para que estes não os ultrapassem.

"...os construtores de catedrais e palácios, os tintureiros, os ourives e outros, os tinham, e muitos. Não somente segredos de manufatura, mesmo para as operações aparentemente simples (por exemplo como esquadrear, nivelar e perfurar pedras), quanto mesmo pedagógico-didáticos: um bom mestre de oficina devia não somente conhecer os segredos de manufatura, mas também o segredo do como e em que medida comunicá-los aos aprendizes, ou mesmo escondê-los, e a quais e em que momento." (Rugiu, 1998:38)

A elegância e a solidez das construções e o frescor cromático de alguns tecidos que remontam àquele tempo demonstram que existia já uma ciência das construções e uma ciência da química, somente empíricas, mas nem por isso infundadas. Era um conhecimento por via intuitiva e prática, condicionada além de tudo pela perdurável didática ativa, guiada pela palavra e pelo exemplo prático do mestre." (Rugiu, 1998:73).

No "olhe como eu faço" se o aprendiz desenvolvesse as capacidades de adivinhar, induzir, deduzir, descobrir, desvendar e estabelecer relações por iniciativa própria, as graças do ensinamento seriam superados pelos frutos da aprendizagem, num "primado pedagógico de experiência pessoal ativa (Rugiu, 1998:49)". Tendo aí um outro valor criativo e original da pedagogia do artesão, onde o aprendiz deveria estudar os movimentos dos mestres desconstruindo-os e reconstruindo-os para adquirir destreza igual ou maior (aprender a aprender).

Talvez por isso o sonho de "Francis Bacon de relançar o estudo das ciências naturais e as atividades técnico-práticas, com o objetivo de aperfeiçoar as capacidades humanas de interferir sobre a realidade e dar-se-lhes uma outra representação." (idem:15)

uma classe que alçava o poder ou por luta e reconhecimento dos mestres do trabalho, as artes liberais e mecânicas se igualizaram em prestígio.

3. A derrocada das corporações de ofício e a desvalorização das Artes Mecânicas.

“Os novos ofícios impõem novos níveis de conhecimento e de habilidade mental-operativa, criam novos saberes e estimulam o surgimento, mais cedo ou mais tarde, de novas metodologias pedagógicas-didáticas.” (Rugiu, 1998:79)

Do universo das corporações surgem outras organizações, que ou buscavam dar conta dos interesses daquela época ou determinariam os interesses daquela época. Dentre eles: a expansão da comercialização dominada pelos mercadores, tendo como consequência o domínio dos artesãos que deles dependiam; a inovação da produção em massa organizada na indústria, que não tinham a necessidade de preparação de mão de obra funcionando muitas vezes com o emprego e a exploração de débeis, crianças e mulheres⁴⁹ sem qualificações específicas, suprindo de produtos o mercado; também a compartimentalização do que consideravam “produção intelectual” reservado para o ensino nas “escolas”, universidades e posteriormente nas academias; e por ultimo mas nem menos importante, o isolamento das “*artes vis*” das chamadas “*artes belas*”.

Os mercadores no trato com diversos povos se inseriram numa cultura chamada vulgar, e com isso promoveram a renovação⁵⁰ da língua (incluindo a escrita) e da aritmética. Se afirmando como comerciante o mercador *“impõe uma ‘vulgarização’ dos conteúdos e dos métodos didáticos nas escolas e uma modernização dos mesmos em alguns currículos artesanais”*.

Quando a ideologia comercial se afirma, a pedagogia do aprender-fazendo próprio das artes mecânicas, utilizado pelos mercadores até então, é deixada de lado, e estes se voltam para legitimação dos seus poderes através da valorização da tradição clássica, reforçada talvez pelo desejo de se incluir nas artes liberais *“para apagar as próprias humildes origens, cobrindo-se com as mais prestigiosas vestes da tradição (mesmo renovadas) (idem:p.84)”*.

“A atração maior foi o sentido de promoção cultural e social que dava ao mercador a familiaridade com doutos e artistas de fama, mas tal atração era viável porque, principalmente com os primeiros, havia a afinidade conferida pelo fato de trabalhar com papéis e livros, servindo-se da pena, ao invés dos rudes instrumentos típicos do vil artesão.” (idem:p.72)

Junto com esta mudança a família passou a ser, pouco a pouco, o espaço privado de responsabilidade sobre a formação e a constituição da criança, e é neste

⁴⁸ Também por isso o autor confessa a dificuldade de se encontrar documentação para se reconstruir o fazer pedagógico destas corporações.

⁴⁹ Aqui lembrando a posição da mulher como improdutiva numa sociedade “patriarcal machista”.

espaço que a sua individualização vai se dar, não sendo mais responsabilidade da comunidade ou das corporações.

"Não é a família que é nova, mas, sim, o sentimento de família que surge nos séculos XVI e XVII, inseparável do sentimento de infância. O reduto familiar então, torna-se, cada vez mais privado e, progressivamente, esta instituição vai assumindo funções antes preenchidas pela comunidade"⁵¹.

As corporações mais privilegiadas perdem cada vez mais o poder de direito aos vínculos e privilégios antes estabelecidos, sofrendo assim uma espécie de "desregulamentação".

A nova ideologia em busca de hegemonia transformava as graças dadas pelo desenvolvimento do ensino-aprendizagem, em capacidades individuais inatas (ou posses inatas), "os dons naturais", assim o ensino das artes se restringiu cada vez mais aos membros da família, ou a um mestre específico (procurado por seu valor individual), constituindo-se muitas vezes como um patrimônio transmitido de pai para filho, numa capacidade ou dom herdado (genética) da família.

A individualização das habilidades produtoras de belas obras, valorizadas estas pela nova e velha elite dominante, teve como consequência a venda ou comercialização destes produtos não pelo seu valor de utilização, mas pelo seu valor de troca, trazendo um novo *status* a determinados trabalhos, que foram classificados como belas artes.

"... o título de mestre de Arte torna-se sempre mais secundário com respeito ao apreço do valor individual da pessoa por parte dos poderosos, frente ao qual se passa por cima até de especializações, acreditando sempre mais na figura de um artista multiforme que hoje pinta, amanhã constrói pontes, fortificações ou carros de guerra, e depois aparece como diplomático, e assim por diante." (Rugiu, 1998:88)

Nestas artes houve a valorização do trabalho manual, mas como representação da capacidade intelectual do agora artista e não mais artesão. Este artista pelas suas habilidades práticas e intelectuais "*superiores*", sua genialidade e capacidades de criar possibilidades, não mais se regulavam pela corporação, tendo livre acesso entre as artes, tanto mecânicas (provavelmente só as de privilégio) quanto liberais.

O ensino - aprendizagem do ofício por sua vez nas Artes mecânicas (dos artesãos) é voltado a produção dos objetos *marcados apenas por sua utilidade*, tornando-a fraca em expressão de significados e de valor de troca, ficando assim empobrecida.

⁵⁰ Mesmo porque os mercadores nunca foram tão bons em guardar segredos.

⁵¹ KRAMER, Sônia. Infância e Sociedade o Conceito de Infância. In. A política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce. Rio de Janeiro, Achimé Ed., 1982.

Nas corporações menos privilegiadas os vínculos se tornaram maiores que os privilégios, e como agravante a produção intelectual no desenvolvimento do humanismo foi posta como “o máximo da atividade humana” em contraposição a produção material, sendo assim eleita como forma de expressão maior a *palavra*, “*instrumento ideal de comunicação e conhecimento*”. Isto se tornou um peso, quando a partir das sensíveis alterações no mundo do cotidiano e da cultura, foram engendradas novas formas de produção e organização social, e o velho artesão não dominava esta *palavra*.

Estas artes foram desprivilegiadas e com o tempo desqualificadas, sendo chamadas de Artes Vis, houve assim a sublimação de seu espaço de refletir a sua prática. Restaram no máximo a reflexão sobre o conhecimento “técnico” do trabalho, limitando a elaboração de uma reflexão sobre um conhecimento “humano”, possível através de produções de conteúdo significativo.

Isto criou uma defasagem na ligação das Artes mecânicas (subtraindo aqui as Belas Artes) com as novas instruções (alfabetização, cálculo e reminiscências do Trívio-Quadrívio), pois os artesãos resolviam seus problemas empiricamente, não tendo em geral capacidade de ler, escrever e de executar operações com o método aritmético.

“Cria-se, [...], um território pedagógico de diversos níveis, contíguo às competências das Corporações, mas no qual estas não podem ou não sabem entrar.” (idem:81).

Os artesãos das chamadas Artes Vis eram contratados (controlados) por representantes das Artes Belas e pelos mercadores, este último obtendo o controle situando-se em uma deficiência congênita do pequeno produtor: a do produto não ir automaticamente ao comprador ou aos mercados.

Com o aumento da comercialização, muitas corporações já funcionavam como uma companhia a serviço de um “*grande empreendedor*”, funcionando diferentemente das antigas oficinas de artesãos. O vínculo corporativo nas artes vis, apesar de sua carga sufocante, era uma instância de proteção de uma nova forma de produção, o da indústria.

Há posterior organização da indústria levava a uma única direção, a incapacidade do produtor de ocupar a função de organizador de uma produção em massa, através da hierarquização e parcialização das tarefas, transformando o artesão em operário.

“O segredo do sucesso da fábrica, o motivo da sua adoção, é que ela tirava dos operários e transferia aos capitalistas o controle do processo de produção. Disciplina e fiscalização podiam reduzir os custos, na falta de uma tecnologia superior.[...] Só pela separação em tarefas especializadas destinadas a cada operário, é que o capitalista podia certificar-se do controle da produção, antes da introdução da máquinas de alto preço. [...] Enquanto o poder político dos pequenos mestres e companheiros não foi destruído, o putting-out system não pode prosperar, pois a divisão do trabalho, que era a sua essência, opunha-se, concomitantemente, à ascensão do aprendiz ao ofício do mestre e à fusão do produtor e do comerciante em uma única e mesma pessoa.”⁵² (passim)

Esta função de organizador da indústria exigida pela nova demanda de comercialização, foi utilizada para o controle do produtor (ou operário), mas isto não se deu de maneira tranqüila, se têm insucessos de donos do capital, sempre havendo uma resistência, dos mestres e companheiros, das próprias organizações do putting-out system fabris, em organizações cooperativas e em outras instâncias sociais. Entre elas a pedagogia artesã que segundo Rugiu permeou como *um fio invisível* as pedagogias de diversos educadores de Rousseau à Locke e diversos reformadores que buscavam como Dewey (ou buscam) uma contra cultura para o ensino numa sociedade industrial, sonhando com uma maior humanização através de um *“desalienante espírito artesanal”*.

⁵² MARGLIN, Stephen A. Origem e Funções do Parcelamento das Tarefas In: GORZ, André. Crítica da divisão do trabalho : tradução Estela dos Santos Abreu – 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes 1996.

B. O ENSINO DO OFÍCIO NAS INSTITUIÇÕES DE CARIDADE E DE FILANTROPIA.

1. Institucionalização e assistência: Caminhos para o ensino do ofício manual.

"A capacidade reprodutiva é o primeiro requisito de sobrevivência. Se cair o fim está próximo. Os conteúdos e métodos e, ainda mais, a ideologia, que será depois transmitida nas escolas ou universidades públicas, serão, em muitos aspectos, opostos e antagônicos em relação àqueles da formação artesã de antigamente." (Rugiu, 1998:25)

Tendo o fim da existência regulamentada das corporações; dos vínculos de trabalho e dos privilégios ao ensino, a formação artesã teve que buscar outros espaços, os ofícios ou artes que gozavam de um privilégio embarcaram nos caminhos acadêmicos ou universitários, no desenrolar de novas qualificações devem ter sido absorvidas a partir das exigências da ideologia da sociedade liberal e industrial.

"... a qualificação seria histórica como parte de um processo em que relações sociais são reproduzidas.

Estas relações refletiriam estruturas de desigualdade não só a nível de classes, como também em termos de sexo, etnicidade, linguagem etc. Assim, a constituição da qualificação seria a produção de diferenciações entre tipos de funções e, em decorrência, entre os trabalhadores vinculados ao seu desempenho.

[...]o trabalho enquanto um processo social [...] guarda relações com a formação social do valor de uso e o de troca da força de trabalho.

[...]a qualificação do homem para o trabalho se relaciona a uma qualificação coletiva resultante da organização da produção social, onde a qualificação individual não só é produtora como produto deste processo..."⁵³

Estes caminhos da qualificação para os ofícios manuais de características artesanais desclassificados e desqualificados, tiveram difícil acesso as portas para a legitimação de sua graduação, confirmando a separação teoria e prática.

Através dos dados pode-se supor que estes ofícios tiveram seu prolongamento voltando-se a um papel que anteriormente lhe era encarregado.

"... as corporações de ofício e as confrarias participaram ativamente da criação de hospitais e de outras instituições de assistência médica e social."⁵⁴

As instituições especializadas foram criadas na fase da caridade pública nas cidades da cristandade ocidental no século XIII, estando vinculadas a uma forma de associação (corporações de ofício, confrarias, ligas) que lhes supriam.

Os caminhos da assistência teve um percorrer junto aos mestres de ofício, já nos séculos XII à XIII estes recebiam os filhos dos pobres como aprendizes.

⁵³ TEIXEIRA, Ana. Trabalho tecnologia e educação – Algumas considerações Caderno do CEAS (Centro de Estudos e Ação Social), Salvador, nº 177, 1998. (p.26, 27 e 28)

²¹ MARCÍLIO, Maria Luiza. História Social da Criança Abandonada. São Paulo: Editora Hucitec, 1998. (p.38)

Inicialmente por influência da Igreja cristã o auxílio a pobreza se configurava como uma forma de se obter a salvação da alma, quando se dava acolhida e atendimento ao pobre (e pequenino) se via nele o rosto do Cristo⁵⁵, mas posteriormente a concepção de pobreza se configurou na situação de fraqueza por significar a privação de bens e de dependência. A caridade transformou-se em esmola⁵⁶.

No atendimento a criança abandonada, a qual era chamada de exposta, quando atingia uma idade considerada passível de aprendizagem, eram desligados das amas e encaminhados a um ofício, a idade para isso variou nas épocas e classes sociais.

A forma da escolha do ofício para ser ensinado também variou no tempo: foi de acordo com as aptidões da criança, sua força e sexo num tempo, de acordo com o que se considerava suas capacidades noutro, e também a partir da opção da criança no que lhe restava para escolher. As meninas eram preparadas para o casamento com o devido dote, eram preparadas também para o serviço doméstico e para os serviços industriais.

Se visava através da preparação para o ofício que as crianças arranjassem uma maneira de se sustentar⁵⁷ (de forma que não ferissem a moral) e desenvolvessem um apreço pelo trabalho adquirindo comportamentos adequados a uma ordem social, *"garantindo-lhes um futuro honesto e proveitoso"* e assim feita a esmola seus financiadores ganhariam seu pedaço no céu.

Até o século XV - XVI o ensino dado pelas instituições na maioria das vezes se caracterizavam por estar voltado ao ofício manual (artesanal) fazendo parte, assim como a caridade social, de um mal necessário.

Assim os ingressantes nas antigas Artes Mecânicas, tinham sua aprendizagem por três vias:

Diretamente na oficina, as quais tinham trocado seu caráter pedagógico pelo caráter produtivo, portanto o aprendiz era tratado como um trabalhador comum, iniciando-se nos serviços que não exigiam saber específico, até alcançar lugar melhor ao sol (ou pior na rua) quando alguém viesse para substituí-los naquele serviço.

⁵⁵ Mt 25,34-46. Jo 13,3-17.

⁵⁶ Aqui o termo esmola é entendido como é utilizado atualmente, ou seja, como sobras dadas aos de menor valor na sociedade.

⁵⁷ Este meio da criança se sustentar, ainda hoje como antes, servia de "desculpa" para exploração extrema; pelos trabalhos muito pesados; pelo baixo ou nenhum remuneração, e isto muitas

Poderiam ter uma formação desde muito cedo restrita a família (ou conhecidos destas), tendo todas as técnicas do ofício transmitidas de pai para filho.

Outra opção seriam os cursos de formação nas instituições, onde muitos mestres ensinavam as técnicas iniciais do ofício.

Assim as instituições que realmente tinham finalidade e capacidade pedagógica⁵⁸, possibilitaram aos melhores alunos entrar com vantagem⁵⁹, em relação a quem já tinha entrado diretamente na oficina, tendo maior facilidade de alcançar melhores postos de trabalho.

Acreditasse que para determinados ofícios de caráter ainda artesanal ou simplesmente manual este processo continua a ser desta maneira para crianças e adolescentes de uma determinada classe social.

2. Filantropia e ensino profissional.

Com o Iluminismo a forma caritativa das instituições de assistência aos poucos tomou ao final do século XVII e início do XVIII um novo direcionamento voltando-se a uma filantropia científica.

"Nessa nova fase, e sob essa nova ótica, o exposto deveria ser um instrumento de progresso, um agente a serviço do bem do Estado. Isso significava colocar a assistência ao exposto primeiramente como um problema material, e não espiritual, o que levou os novos preceitos sobre o que o exposto deveria fazer pelo Estado - e não ao contrário. O exposto deveria ser incorporado ao amplo quadro do progresso social e econômico do Estado." (Marcílio, 1998:73)

"Desse modo, a filantropia é filha do Iluminismo, do Higienismo e da Revolução Industrial (liberal e urbana). Ela queria impedir o afundamento da ordem social, do Estado, da civilização. E, inicialmente, seus objetivos foram a supressão da pobreza e a melhoria da situação dos operários e de seus filhos, a partir da adoção de uma estratégia pedagógica e educativa." (Marcílio, 1998:75)

As instituições, movimentos e discursos reconhecidos sob a influência da filantropia científica concebiam o atendimento ao exposto numa visão utilitarista, onde este deveria produzir vantagens ao Estado.

"O filantropo tratava a questão em termos realistas, e até mesmo cínicos: 'É preocupante ver que as despesas consideráveis que os hospitais são obrigados a ter com as crianças expostas produzem tão poucas vantagens para o Estado [...] A maioria perece antes de chegar à idade em que podem ser de alguma utilidade [...] Nem um décimo chega à idade dos vinte anos [...] E um pequeno número apreende um ofício; o restante sai do hospital para ser mendigo e vagabundo'." (idem:76)

vezes se assenta(va) sob lógica da aprendizagem do ofício, ou ainda do menor valor do trabalho infantil. Já no século XVIII isto era motivo de denúncia.

⁵⁸Ver estudo de caso de uma instituição que mostra a não profissionalização: PACHECO, Maria Tereza Antonia. Parece mas não é: A Profissionalização do Menor Institucionalizado. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP[s.n.], 1990. 115p. (Dissertação de Mestrado)

⁵⁹ A maior ou menor vantagem em relação aos outros dependia do tempo e da qualidade do curso.

Foi este discurso “inovador” trazidos pelos ventos iluministas que chegaram ao Brasil e propunham que a formação dos meninos e meninas abandonados fossem para torna-los(as) “úteis a si mesmos e a nação”. Estas instituições marcadas fortemente pelo aspecto da profissionalização surgiram e se multiplicaram a partir da metade do século XIX.

O retardo na implementação destas casas de assistência à infância (inicialmente constituídos de asilos e seminários) com oficinas próprias para o ensino do ofício no Brasil colônia em relação à Europa, teria como sendo alguns dos motivos: a não necessidade maciça de trabalhadores por ainda existir o regime escravista; o caráter produtivo voltado à agricultura; e a situação própria de exploração do país colônia pela metrópole.

“...houve [...] um esforço generalizado em toda a Europa, desde meados do século XVII, no sentido de criar programas de capacitação profissional para os expostos. As instituições introduziram o ensino profissionalizante para meninos (oficinas de ferreiro, marceneiro, sapateiro, etc.) e para meninas (ensino de corte e costura, de bordados, de artesanato de flores, de papel, de rendas), juntamente com o ensino elementar.” (idem:81)

Antes o encaminhamento da criança exposta, provindo das poucas “Rodas”⁶⁰, existentes no Brasil, eram para as colônias agrícolas, para o exército (Companhia de Aprendizes Marinheiros e Companhias de Aprendizes do Arsenal de Guerra) e para alguns asilos (em sua maioria femininos), nestes locais apesar do ensino profissional existente o objetivo era voltado ao desenvolvimento rigoroso da disciplina.

Outro encaminhamento dos meninos desamparados ocorrido no Brasil eram iguais aos que tinham ocorrido inicialmente na Europa, onde os meninos eram levados a um mestre artesão para a aprendizagem de um ofício.

“...o pequeno Cirilo de Matos, [...] , que entrara na Roda em 29 de janeiro de 1849, voltou da casa da ama com oito anos, e foi direto para aquela Casa. A Casa dos Expostos em Educação, por sua vez, envidava todos os esforços para que os meninos encontrassem uma família onde pudessem trabalhar e ser amparados. Com nove anos, o mesmo Cirilo foi entregue ao Sr. José Henrique do Sacramento que lhe ensinaria o ofício de marceneiro, em sua casa. Deodato Cosme de Matos, com onze anos, foi entregue em 1850 a Frederico José Moreira, com a incumbência de ensinar-lhe o ofício de marceneiro e dar-lhe proteção e abrigo.” (idem:180)

⁶⁰ Nesta época existiam instituições religiosas de caridade que recebiam as crianças expostas, para isso tinham incrustado em seus muros do lado externo uma roda cilíndrica giratória na posição vertical, com apenas uma abertura. Nesta abertura que ficava do lado de fora se deixavam as crianças e se girava a roda que levava a criança ao acesso interno da instituição onde era recolhida. Este aparato tinha o objetivo de não expor a pessoa que abandonava a criança, acreditavam que assim se diminuiria o infanticídio.

Uma das primeiras instituições filantrópicas com projeto pedagógico e profissionalizante (que ensinavam os órfãos a ler, escrever e um ofício) foi a Casa Pia e Seminário de São Joaquim iniciado em 1799⁶¹.

“ ‘Quatro anos depois, em 16 de julho de 1803, recebeu um atestado do Cabido da Catedral Metropolitana que confirmava o zelo com que o Irmão Joaquim recebia as esmolas e administrava o orfanato ‘onde recolhia menores desamparados e, com a ajuda de um sacerdote, os instruía na doutrina cristã, fazendo-os aprender as primeiras letras com um professor pago’. ‘Terminada a aprendizagem fundamental, eram encaminhados para as casas dos mestres de ofício, como aprendizes. Muito deles mostravam talento nos ofícios o que, segundo o atestado, comprovava a utilidade pública do orfanato.’ (idem:181)

A maioria das instituições apesar de serem filantrópicas conservaram ainda em grande medida seu aspecto de assistência caritativa, mas deixaram de responder as novas realidades e exigências do Brasil na metade do século XIX.

“Dentro do mercado de trabalho ‘livre’ certas exigências começam a se configurar. Além de trabalhadores livres, alfabetizados e treinados no culto do trabalho, à disciplina e à boa moral da docilidade cristã, sempre bem-vindos e necessários em grande número, era requisitado agora um certo número de mestres e artífices para o trabalho nas grandes obras, nas oficinas das ferrovias, nas fábricas.”⁶²

Assim foram importados modelos de assistência e de proteção aos desamparados, visando uma resolução das questões sociais do menor abandonado⁶³ de uma maneira racional e técnica.

Foi se espalhando nas províncias, com a intervenção do poder regional, instituições com uma organização racional de assistência aos meninos(as), isto quanto aos espaços físicos, as normas, as disciplinas, etc. Nestas deveriam funcionar ensinamentos profissionalizantes que formassem o educando “para uma atuação ordeira e produtiva na sociedade”.

“O plano geral dessas instituições calcava-se na introdução de Estatutos estruturadores da organização interna, da distribuição dos espaços especializados, das normas do ensino elementar e da difusão do ensino profissionalizante (idem:203). Da concepção e da montagem dessas novas grandes instituições participaram vários especialistas da infância: médicos, educadores, juristas, etc.”(Marcílio, 1998:208)

⁶¹ A primeira casa para crianças expostas na América latina, que criou oficinas para o aprendizado profissional foi em Cuba em 1713.

⁶² GITAHY, Maria Lucia Caira; RIBEIRO, Maria Alice Rosa; CAETANO, Coraly Gará. Trabalhadores Urbanos e Ensino Profissional. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1986.

⁶³ Estas soluções se estenderam também posteriormente aos menores *não abandonados* da classe baixa, como forma preventiva do que estes poderiam vir a ser, ou nas palavras de Marcílio: Sendo as famílias dessas crianças consideradas incapacitadas, despreparadas (ou inexistentes) para bem criá-las, os estabelecimentos de internamento seriam ideais para tirar a criança dos perigos da rua, do botequim, da malandragem, da vadiagem, etc (p.207)

Foram criados assim o Colégio de Santa Tereza, o Asilo de São Leopoldina, o Asilo Coração de Maria de Rio Grande e o outro com o mesmo nome em Pelotas (acrescido de Imperial na frente), o Colégio das Órfãs em Recife, o Asilo de São Cornélio, o instituto G. Bittencourt e tantos outros que se encarregaram do cuidado das meninas, instruindo em sua maioria para as prendas domésticas e a instrução primária, sendo que algumas variavam com matérias normalmente voltadas a elite como o francês, o canto e assim por diante.

Para os meninos das casas, institutos, escolas e posteriormente internatos, de idealização filantrópica, se procurava criar uma sociedade harmônica, estável e feliz, formando o homem higiênico (talvez como variação tupiniquim do gentlman de Dewey) através do ensino do ofício; formando um bom trabalhador, um cidadão normatizado e disciplinado que tenha condição de viver adequadamente nas grandes cidades.

“Segundo o presidente da província do Rio Grande do Sul, João Capistrano de Miranda Castro, [...] uma escola separada, e sobre si, de meninos destinados a todos os misteres que quisessem aprender, e para que quaisquer Mestres os requisitassem. Esses meninos entregues a um pedagogo [...] instruem-se em casa para isso destinada, ou colégio, de tudo quanto lhes é conveniente até oito horas do dia, como seja doutrina cristã, ler, escrever, contar, e algum desenho linear [...]’. Teriam aulas e oficinas de manhã e à tarde. Depois do almoço, ‘saem debaixo de forma em diversas direções e, comandados por um deles, para as diversas oficinas em que têm trabalho’. Nas oficinas, a concepção era a de pagar um jornal (diária) por hora de trabalho e pelo ‘merecimento pessoal’ como artistas.

Quando estão prontos, isto é, já iniciados no ofício, dá-se-lhes a ferramenta completa de seus ofícios, e algum dinheiro, ou alguns dias do respectivo jornal, para viverem os primeiros tempos, e despedem-se.” (Machado apud Marcílio, 1998:208)

Entre as instituições criadas para este fim temos a Casa dos Educandos Artífices de Manaus (1856); o Colégio dos Educandos Menores (1856); Instituto de Educandos Artífices do Pará Lauro Sodré (1872) uma espécie de liceu de artes e ofícios; as oficinas da Casa dos Educandos Artífices do Maranhão (1874); o colégios de Artes e Ofícios de Cuiabá, dirigidas pelos padres Salesianos; a Casa de São José e o Asilos de Meninos(1890); em São Paulo a Escola Propagadora de Instrução (1873), que em 1889 passou a denominar-se Liceu de Artes e Ofícios, formando os mestres para as indústrias da construção civil, mobiliário, artes decorativas e similares..

“Dizia o jornal O Estado de S. Paulo em 1909: ‘sistema repressivo e preventivo do Estado se vai desenvolvendo e assim, entende o governo que é necessário completá-lo cada vez mais, autorizando-se agora a criação de institutos industriais destinados a recolher, afeiçoar à vida moral pelo trabalho, pela escola e por um regime disciplinar, os menores de 21 anos que ainda não são criminosos e que ainda não são viciosos, mas que, não dispondo de proteção paternal ou de auxílio tutelar, constituem os moralmente abandonado, os candidatos ao delito ou, pelo menos, os incapazes do trabalho e da virtude destinados a pejarem uma sociedade na qual serão elementos inúteis, quando não forem prejudiciais.” (idem:220)

No mesmo ano em que sai este artigo, o Governador Nilo Peçanha numa atuação frente ao ensino de ofícios, que atualmente se convencionou à chamar de formação profissional, no decreto n.º 7566 cria Escolas de Aprendizes de Artífices em todas as províncias.

a) As escolas profissionais no Estado de São Paulo

“Se as escolas de Aprendizes Artífices, criadas em 1909, foram um sucesso para os Estados Nordestinos e Nortistas, o mesmo não ocorre em São Paulo. A expansão industrial, o crescimento da cidade, a presença da grande indústria mecanizada, não se satisfazia, com a aprendizagem de ofícios ditos “artesaniais” como sapateiro ou alfaiate. Afora isto o Estado de São Paulo era um estado rico, que poderia destinar uma parcela mínima de seu orçamento ao ensino profissional.” (Ribeiro, 1986:122)

Com uma política e realidade distinta o Estado de São Paulo cria, com aspectos diferenciados das escolas de artífices, as escolas profissionais, que já visavam preparar os operários para a indústria nascente (e também para a já existente) daquele local.

“As Escolas Profissionais constituíram a primeira iniciativa do Estado de São Paulo no campo da formação profissional. Criadas a partir de 1911 primeiramente na Capital, aos poucos foram estendendo pelo interior do Estado. Essas escolas preocupavam-se com a formação do trabalhador e da trabalhadora. Ao primeiro destinavam os cursos de mecânica, marcenaria e pintura, dirigidos a vários ramos da indústria e não apenas a um específico. As trabalhadoras destinavam cursos de confecções, bordados, flores e chapéus e outros.”⁶⁴ (Ribeiro, 1986:15-16)”

Mas em geral o ensino profissional no Brasil continuou a ser um atendimento as classes marginalizada, ocupando e moralizando a juventude pobre.

De acordo Marcos Antonio Gonçalves⁶⁵ (1990) este ensino “desde época remota, estava fadado a ser considerado um ensino de segunda classe. As escolas técnicas se apresentavam como o único caminho para a classe baixa, de algum modo, ascender na escala social. E isso continuou no Estado Novo.”

É claro que aqui este autor tenha se onerado ao deixar entender que o ensino profissionalizante, por ser para a classe baixa, tenha que ser fadado a um ensino de segunda classe⁶⁶, e quando perscruta sobre uma época remota possa infelizmente ter incluído o ensino artesão da idade média, a qual têm aspectos tão pouco estudados.

⁶⁴ GITAHY, Maria Lucia Caira; RIBEIRO, Maria Alice Rosa; CAETANO, Coraly Gará. Trabalhadores Urbanos e Ensino Profissional. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1986.

⁶⁵ GONÇALVES, Marcos Antonio. Formação Profissional: Tratamento de texto de uma série metódica ocupacional. Rio de Janeiro: SENAI/DN, Divisão de Pesquisas, Estudos e Avaliação, 1990 (Passim).

São Paulo de acordo com Ribeiro (e outras). Aqui um trecho recortado que exemplifica as características do Liceu e das escolas profissionais:

O Liceu está predominantemente voltado para a formação de trabalhadores, de artesãos para a construção civil, mais precisamente para empresas que atuam no setor. Ou, se for o caso, seus alunos podem tornar-se pequenos proprietários de oficinas de pintura decorativa, de serralheria artística, de marcenaria, de artistas, etc. Alguns podem dirigir-se ao magistério profissional, permanecendo na escola como professores.

Nas Escolas profissionais, não há predominância de um ramo produtivo específico, como no caso anterior. Há o predomínio do ofício mecânico, o mais procurado entre os alunos. Os alunos egressos dessas escolas têm como opção profissional ingressar como assalariados na indústria, preenchendo ocupações intermediárias, mestres, contramestres, ou tornar-se pequenos proprietários, sócios de oficinas de manutenção de máquinas, reparação de automóveis, fabricação de peças, etc. Às moças-aprendizes o ofício destinado é o de confecções. Muitas tornaram-se modistas nos ateliers das costureiras famosas da época, assalariadas nas fábricas de roupas ou costureiras por conta própria.

O caminho percorrido pelos egressos do Liceu e das Escolas Profissionais não leva necessariamente às portas da fábrica. Quando dispõem de algum "capital", os aprendizes abrem oficinas próprias ou em sociedade, as quais prosperam com o crescimento da população, com a expansão das fábricas e com o processo de urbanização. As pequenas oficinas tornam-se necessárias para a prestação de uma série de serviços, quer para a população em geral (marcenaria, serralheria, pintura, reparação elétrica, confecções de roupas, etc.), quer para as fábricas e comércio (manutenção de máquinas, fabricação de pequenas peças, etc.).(Ribeiro, 1986:17)

São Paulo era uma das cidades mais privilegiadas, onde os fazendeiros cafeicultores passaram a fixar residência, tendo um surto de crescimento de 1890 à 1900 de aproximadamente 168%⁶⁸, tendo já em 1887 *"três tecelagens, uma cerâmica, cinco grandes fundições, quatro fábricas de artefatos de madeira e uma de mobília, uma de produtos suínos, uma de fósforos, duas de chapéus e centenas de pequenas fábricas e oficinas de artesãos"*(Gitahy, 1986:23).

Quanto as Escolas Ferroviárias, que na história da formação do trabalhador tiveram parte importante neste processo, deixo para exemplificar posteriormente.

Até a década de 30 ainda houve muitas leis, decretos e portarias que buscaram o alargamento do ensino profissional no país, entre eles a lei n.º 3454 de 1918, o decreto n.º 13.064 também de mesmo ano, o decreto n.º 13.721 de 1919 do Presidente Epitácio Pessoa, até a tentativa de tornar toda rede pública profissionalizante através do projeto inicial de Fidélis Reis (1922), depois da lei municipal de autoria de Fernando Azevedo (1928) e o coerente manifesto dos Pioneiros (1932)⁶⁹. Estes foram em maioria frustradas pelas resistência de setores da

⁶⁸ Isto de acordo com Censos de 1890, 1900, 1920, 1940 e Araújo Filho, J. R. de "A População Paulista", in: A Cidade de São Paulo, vol. II. /Citado por Gitahy.

⁶⁹ Ver Machado (1989).

população que viam a educação para o trabalho como algo degradante, de acordo com Jair M. Silva este fato se deveu a uma cultura existente.

“Em um país de cultura escravista e com características apresentadas pelo Brasil, entre os quais uma concepção aristocrática da vida tem predominado, o trabalho, de modo especial o de natureza manual, tem sido estigmatizado como algo a ser evitado.”⁷⁰

A fala do Presidente da República Venceslau Brás talvez resuma algumas concepções de época:

“... a escola não é somente um centro de instrução, mas também de educação e para esse fim o trabalho manual é a mais segura base; instalem-se escolas industriais, de eletricidade, de mecânica, de química industrial, escolas de comércio, que os cursos se povoarão de alunos e uma outra era se abrirá para o nosso País. Se não tivermos pessoal habilitado para essas escolas, o que não é de se admirar, país novo que somos, contratemos no estrangeiro a missão industrial. Conseguiremos, assim, remediar em parte os males do presente e lançaremos as bases para um futuro melhor, bem como alcançaremos desviar a corrente impetuosa e exagerada que atualmente existe para a empregomania e para o bacharelismo.”⁷¹

A aversão pelo trabalho manual no país se explicaria também, de acordo com Ribeiro, pela preferência na opção do trabalhador(a) para um determinado regime de trabalho: ou o de ser assalariado do capital ou ser assalariado do Estado(emprego mais atraente). Por essa razão o discurso oficial do Estado contra a “empregomania”, que tornaria o funcionalismo “inchado” e a favor do trabalho manual que até pouco tempo era de mão de obra escrava.

⁷⁰ SILVA, Jair Militão da. O Ensino Médio e a Educação Profissional.

⁷¹ MACHADO, Lucília R. de Souza. Educação e divisão social do trabalho, 2ª ed, São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1989. P.26.

C. A INDUSTRIALIZAÇÃO DA PROFISSIONALIZAÇÃO.

1. A Demanda Industrial.

Até anos próximos à 1930 o Brasil foi pouco industrializado, se vangloriando por sua vocação agrário-exportadora. As indústrias existentes consistiam em pequenos núcleos e oficinas, tais como as que produziam tecidos, calçados, vestuários e móveis e tinham baixa produtividade sendo pouco rentáveis, provavelmente em sua maioria não tinham ainda uma organização centrada na hierarquização do modelo taylorista, pode-se exemplificar isto através dos ramos da construção:

“... naquele momento, estavam menos separadas a concepção da execução, menos subdivididas e especializadas as tarefas que hoje se apresentam numa complicada hierarquia em que trabalham arquitetos, engenheiros, projetistas, técnicos, desenhistas e também empreiteiros, mestres de obras e as várias equipes de trabalhadores que se revezam a cada fase da construção no interior do canteiros de obras, cada qual com sua própria hierarquia, divisão e subdivisão do trabalho. Portanto, naquele momento, estas funções muitas vezes se concentram num mesmo profissional. Nestas condições, dificilmente se contrataria um arquiteto para uma obra menor, um bom mestre seria suficiente.” (Gitahy, 1986:59)

Assim não se verificavam alta demanda para o ensino profissional voltado a “grande” indústria.

Isto muda quando ocorre o estrangulamento externo do modelo de produção primária exportador brasileiro, por causa das duas grandes guerras mundiais e crises subsequentes, assim também como a grande depressão em 1929 que reduz drasticamente a atividade econômica mundial.

A procura dos países pelos produtos primários brasileiros cai drasticamente, e a importação de produtos industrializados se vê em crise, desta maneira quando o Estado compra a produção excedente e financia os estoques internos de produtos agrícolas, favorece a manutenção das altas taxas de renda do setor agrário-exportador.

Com suas rendas e a necessidade de produtos industrializados (antes importados) mantidos, há a precisão de um investimento para esta última modalidade de produção, provocando uma industrialização para substituição das importações.

De acordo com José Rodrigues⁷² está industrialização tardia para substituição de importações se dá em três períodos: de 1929 à 1945 na substituição dos bens não

⁷² RODRIGUES, José. O Moderno Príncipe Industrial: O Pensamento Pedagógico da Confederação Nacional da Indústria – Campinas, SP : Autores Associados, 1998. – (Coleção educação contemporânea)

duráveis de consumo final; de 1945 à 1954 na substituição dos bens de consumo duráveis; e de 1954 à 1961 a substituição de bens de capital e da indústria de base.

Mais tarde estes modelos de industrialização para substituição entram em crise, de acordo com Machado(1989) este tipo de produção funcionavam na “*folga permitida pelas flutuações conjunturais da economia mundial, do que um processo orgânico e interno*”, mas o que mais nos interessa nesta discussão é que a demanda por profissionais para a indústria começa a existir.

“A partir da década de vinte encontravam-se, no mercado de trabalho da cidade [de São Paulo], trabalhadores brasileiros qualificados nos diferentes tipos de escolas profissionais existentes, sejam elas particulares, religiosas, estaduais ou pertencentes a empresas. Porém não eram suficientemente numerosas e tampouco moldadas em estreita relação com as necessidades das indústrias. Buscava-se a produção de um operário eficiente e integrado aos objetivos da empresa e da Nação. Um profissional e um cidadão útil ao Estado.” (Gitahy. 1986:40)

A “revolução” de 1930 marca além do início da Segunda República no Brasil, marca também a intervenção direta do Estado sobre as questões relativas a industrialização, sua sindicalização compulsória, organizada e centralizada.

Na instituição do Estado Novo em 1937, após a derrota da ANL (Aliança Nacional Libertadora) e da dissolução do Congresso Nacional, é proclamada uma nova “Carta Constitucional” que a respeito da educação para o trabalho no artigo 129 expressa que, “O ensino pré vocacional e profissional, destinados às classes menos favorecidas, é, em matéria de Educação, o primeiro dever do Estado”⁷³ e no artigo 131 coloca que “os trabalhos manuais devem ser obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias (Machado. 1989:34)”.

2. Utilitarismo sim, Filantropia não.

Esta pontuação sobre o ensino pré vocacional e profissional destinados às classes menos favorecidas, não se inserem mais como aspecto de filantropia, mas sim como uma necessidade real de profissionais para as novas indústrias, demarcando que estes profissionais viriam de uma classe específica, da escola para os pobres, enquanto a escola para os ricos seriam preparatórias para um ensino superior.

Mas apesar da exclusão das características filantrópicas das escolas profissionais (pelo menos idealmente), ficaram o caráter utilitarista desta formação, com uma concepção pragmático.

“O caráter imediato estava dado pela idéia de que desde início o ensino teria de constituir uma utilidade imediata e proveitosa [...] e, ao mesmo tempo, pelo fato de que ao Liceu cumpria formar em um prazo mínimo de aprendizagem, o operário competente e especializado.

⁷³ SILVA, Jair Militão da. O Ensino Médio e a Educação Profissional

'[...] em primeiro lugar a disciplina mental e social que deve existir em qualquer organismo industrial e no próprio operário'. A disciplina profundamente incorporada 'em qualquer organismo industrial e no próprio operário' é expressa no desenho, que como lembra Sérgio Ferro é 'designio', 'ordem' a ser lida, transmitida e cumprida.' (Githay, 1986:78)

a) O ensino profissional para Ferroviários e o SENAI.

Esta visão utilitarista se torna mais clara quando o Ministério da Educação manda em 1938 um anteprojeto sobre a aprendizagem industrial de adolescentes a entidades patronais. Em 1942 é criado através do Decreto - Lei n.º 4.048 o Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários, que só mais tarde passa a ser chamado Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), sob a tutela da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

José Rodrigues defende que a CNI teve um papel fundamental no pensamento pedagógico na *con(formação)* dos trabalhadores, através de sua *tríade pedagógica* – *SENAI, SESI e IEL*, assumindo o papel do mito-príncipe de Gramsci:

"O moderno príncipe, o mito-príncipe, não pode ser uma pessoa real, um indivíduo concreto; só pode ser um organismo; um elemento complexo de sociedade no qual já se tenha se iniciado a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e fundamentada parcialmente na ação. Este organismo já é determinado pelo desenvolvimento histórico, é o partido político: a primeira célula na qual se aglomeram germes de vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais." (Gramsci apud Rodrigues, 1998:41)

Através do SENAI se inicia a industrialização da profissionalização voltado aos interesses das indústrias.

Na estruturação do ensino no SENAI é eleita uma "metodologia" específica, ao invés da formação do profissional completo como ocorria nas diversas escolas profissionais, que exigiria maior tempo para a sua qualificação e não o dirigiria a um posto de trabalho, se prefere uma formação direcionada a um tipo de ocupação existente na indústria. Esta formação do SENAI é baseado no Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional de São Paulo (CFESP).

Rodrigues (1998) afirma que o "*CFESP, ao lado do Instituto de Organização Racional do Trabalho de São Paulo (IDORT), foi responsável pela introdução no Brasil dos princípios tayloristas*" (Rodrigues, 1998:17). Poderíamos dizer com o CFESP que temos a gênese de alguns dos pressupostos originais do SENAI.

"O ensino profissional para ferroviários foi uma experiência distinta das anteriores. Contou com a participação da iniciativa privada, através das empresas ferroviárias, e do poder público. Várias experiências de ensino para ferroviários foram implantadas até culminar com a criação, em 1934, do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção

Profissional, cuja preocupação residia, principalmente, em formar mecânicos para as ferrovias.

Distiguem-se claramente nas instituições pesquisadas duas concepções de qualificação. No Liceu e nas Escolas Profissionais, há a preocupação com a formação do operário completo, o que se reflete nos métodos de aprendizagem. O aprendiz passa por todas as operações relativas a um ofício, além de receber forte carga em desenho e matemática.

Diferentemente, a concepção de qualificação presente nas Escolas Ferroviárias é mais específica. Liga-se ao tipo de ocupações existentes na ferrovia. A aprendizagem vincula-se diretamente ao trabalho na ferrovia. A formação oferecida é definida em função do posto de trabalho que o aluno-aprendiz ira, mais tarde, ocupar. Há a preocupação de especializar, de fornecer ao aluno somente o conhecimento mínimo necessário ao exercício daquela função. Todo conhecimento transmitido e toda prática desenvolvida são, de medida certa, metodicamente racionalizados para o posto de trabalho para o qual o aluno foi selecionado.”(Ribeiro, 1986:16)

Em 55 anos de existência o SENAI alcança em sua rede física de formação profissional 956 unidades de ensino, as quais diversificaram suas malhas de atuação frente as necessidades da indústria nacional e frente as exigências das regiões economicamente representativas que possuem um desenvolvimento industrial específico.

“O conceito de pensamento pedagógico se referencia na concepção gramsciana de hegemonia: a capacidade de um trabalho social de exercer a direção político-cultural do conjunto da sociedade. Tal direção, de forma alguma, limita-se à coerção, apoiando-se, sobretudo, na capacidade de um determinado grupo ou classe social convencer aos demais da identidade entre os seus próprios interesses particulares e o interesse geral da sociedade.” (Rodrigues, 1998:8)

O desenvolvimento do pensamento pedagógico inicial do SENAI, é representado pelo pensamento de Euvaldo Lodi, um dos fundadores da CNI e presidente desta de 1938 à 1954. Este defendia a necessidade de buscar um processo de industrialização do país através de uma ideologia desenvolvimentista⁷⁴, combatendo as idéias e tendências contrárias a estas.

Desta maneira recusa a idéia da vocação agrícola exportadora e combate a idéia de incapacidade da industrialização brasileira por causa das características circunstanciais do seu desenvolvimento, isto representaria segundo ele:

“... não apenas o reflexo de um comportamento inôngruo com o progresso industrial, mas a sobrevivência de concepções, institutos e formas de ação próprias de uma estrutura econômica pré-capitalista e, portanto, pré-industrial (LODI apud Rodrigues, 1998:62).”

⁷⁴ José Rodrigues sintetiza a ideologia desenvolvimentista em quatro características, a saber: A industrialização é a via de superação da pobreza; não há meios de alcançar uma industrialização eficiente através das forças espontâneas de mercado; por isso, é necessário que o Estado planeje a economia; o planejamento deve definir a expansão dos setores econômicos, além dos instrumentos da mesma; e o Estado deve ordenar também a execução da expansão, captando e orientando recursos financeiros, e promovendo investimentos diretos naqueles setores em que a iniciativa privada seja insuficiente (BIELSCHOWSKY apud Rodrigues, 1998:60).

3. Artesanal sim, Manual não.

“A cimalha é armada por meio de malhêtes de pestana, sendo os machos abertos nas ilhargas. Na parte da frente, junto das ilhargas, leva uns bocados de madeira da largura das pilastras, com os mesmos rincões e com quatro milímetros de espessura. Estes bocados de madeiras são colocados entre as guarnições da base da cimalha e a própria guarnição da cimalha; são grudados um em cada extremidade, além de outro ao centro.”⁷⁵

Com uma linguagem e conhecimento próprio do ofício as primeiras escolas, que visavam realmente a profissionalização, se configuraram em alguns aspectos semelhantes ao ensino artesanal das corporações, pois uniam o ensino e a produção no mesmo local, eram oficinas-escola e não o inverso.

a) As oficinas escolas.

Na extensa formação do aluno, não se ensinavam uma função específica de um ofício, como pregava a racionalização do trabalho, mas iniciavam da mais simples função como aprendizes e atingiam as mais complexas, muitas vezes saindo das escolas como mestres.

“... o dono da marcenaria que o empregou [...] sugeriu que o marceneiro se matriculasse no Liceu de Artes e Ofícios, onde ele próprio havia estudado. Era a grande chance de Antônio e ele se saiu bem. Foi ali que aprendeu a maior parte do que conhece hoje. Virou um mestre-marceneiro, função que o torna responsável pela produção de tudo o que sai da marcenaria, incluindo o projeto e o trabalho artístico em madeira.”⁷⁶

Para este modelo de qualificação, a formação deveria ser a de “oficiais completos”.

“O grau máximo de especialização estava em se especializar por matéria prima: o aprendiz escolhe a ‘arte’ de trabalhar o ferro, a madeira ou o couro. No curso de marcenaria o sistema de educação integral previa a aprendizagem em três partes: torneado, entalhe e marcenaria, sem contudo, que o aprendiz se dedicasse com exclusividade a alguma destas operações. O fim da aprendizagem era a formação do ‘operário completo na sua arte’.” (Ribeiro, 1986:143)

Como forma reforçadora desta característica artesanal foi atrelado na época (principalmente em S. Paulo), apesar do ecletismo existente, um estilo que surgiu de uma certa maneira, como contestação da industrialização sem arte e da desqualificação do profissional, o Art-Nouveau.

⁷⁵ A instrução foi retirada de um manual do ano aproximadamente de 1963, escrito por ex-proprietário de uma marcenaria, indicando a confecção de uma junção.

COLARES, José P. dos Reis. Manual do Marceneiro. Lisboa –PT : Tip. Da Empresa Diários de Notícias [ca. 1963] (Biblioteca da Instrução Profissional)

⁷⁶ A TRADIÇÃO ESTA DE VOLTA. Marcenaria Moderna – São Paulo : Casa Paulista de Comunicação -Leo Madeiras, Ano I – n.º 10, ago. 1997 – Reportagem p. 20 – 25.

A arte aplicada ao trabalho manual foi levantado nas escolas profissionais para a formação do profissional completo, principalmente nos Liceus, trazendo o valor das habilidades para a produção material.

As obras do Liceu de Artes e Ofício de S. Paulo, das portas e móveis da Catedral da Sé ao mobiliário do Jôquei Clube da mesma cidade, atestam a qualidade dos produtos ali feitos naquela época, assim como as referidas habilidades de seus produtores⁷⁷.

Este estilo trazia uma contradição que foi assumida e assimilada pela elite da cidade, pois estes adquiriam seus produtos como demonstração do status social, chegando na produção a ser utilizado (o estilo) para a glorificação da indústria⁷⁸, havendo assim um esvaziamento do seu conteúdo ideológico original.

"Entre outras, as idéias precursoras de William Morris e Ruskin formam a base do movimento. Seu anti-industrialismo traduz-se num estímulo ao renascimento das artes manuais e ofícios artísticos, e se torna o defensor da arte numa civilização industrial. Morris estendeu ainda mais o papel da arte. Pintor, membro da irmandade pré-rafaelista e autor da novela utópica 'News from Nowhere' delineia um socialismo, não apenas como sistema econômico, mas como verdade ética da vida humana e do sentido artístico. Criou oficinas na Inglaterra de onde saíam móveis, tapetes, encadernações e onde o conceito medieval do artista como artesão era revalorizado. Sua recusa à utilização de qualquer procedimento industrial encarecia muito seus produtos, que não eram consumidos pelo povo, para quem idealmente seria destinados. Transformavam-se então em artigos de luxo." (Gitahy, 1986:68 - 69)

b) A opção do modelo SENAI.

Não foi a concepção de oficinas escolas o modelo adotado de (con)formação do operário formado no SENAI.

Para entender a escolha da concepção de ensino é necessário entender que um dos principais objetivos do SENAI (objetivos objetivamente realizados) é preparar um profissional adequado a indústria, inserindo-o num modo de produção idealizado pela CNI, segundo Frigotto⁷⁹ o projeto pedagógico do SENAI é *"ensinar o que 'serve' e moldar moralmente o trabalhador ao ideário industrial e da conciliação entre capital e trabalho. O SENAI incorpora este ideário como 'missão'."*

Desta maneira junto com a necessidade de uma estruturação sistematizada da organização e do currículo, das metodologias e conteúdos dos cursos no SENAI,

⁷⁷Ver Anexo II pg 97 Obras de Vulto executados pelo Liceu de Artes e Ofícios. "trabalhadores Urbanos e Ensino Profissional"

⁷⁸ Ver Gitahy.

⁷⁹ Introdução do MODERNO PRÍNCIPE INDUSTRIAL de José Rodrigues.

houve também a mudança de concepção referente ao tipo de formação e da qualificação ideal dada pelo ensino profissionalizante.

Se parte do pressuposto que, quanto maior a complexidade e abrangência na qualificação do profissional que lida diretamente com a manufatura do produto, maior será o valor de troca agregado ao seu trabalho através do salário (aumentando a exigência para que o salário se mantenha alto), consequentemente o custo do produto sem o lucro também aumentará, limitando a mais valia (lucro) obtida no preço, pois apesar da qualidade do trabalho a quantidade de produtos seria reduzida na produção artesanal e o custo alto.

Assim a qualificação do profissional completo (quase artesão), com habilidade lapidada e conhecimentos relativos a uma chamada “arte” estaria também ligado diretamente ao preço do produto produzido e a mais valia obtida deste, influenciando na opção do modelo para o profissional especialista (segmentado) da indústria. Como consequência desta opção, as profissões e cursos voltados ao trabalho com a madeira começaram a perder parte de seu prestígio social, que era legitimado pelas características artesanais/artísticas da produção e pela versatilidade de aplicação e uso em outras trabalhos.

“Nas escolas de aprendizes artificies estavam em funcionamento entre 1912 e 1926, oficinas de marcenaria, sapataria e alfaiataria. Havia muito pouco de estudos de Mecânica e Metalurgia. Estes eram ofícios que tinham vínculos fortes com as necessidades colocadas pela grande indústria mecanizada, quando tem lugar a substituição de instrumentos manuais por aparelhos mecânicos e feitos de metal, em lugar da antiga matéria então empregada nestes instrumentos: a madeira.” (Ribeiro, 1986:122)

Há ainda poucas marcenarias que ainda mantêm uma produção marcada pela habilidade (artística/artesanal) e técnica de execução, nestas os operários são formados na própria oficina, e os móveis são adquiridos por pessoas que procuram um produto único e artístico. O que é mais visível é a desqualificação da formação do operário e um simples levantamento de livros, pesquisas e teses sobre esta área demonstraria isto, pela quase (ou total) inexistência de retornos, o que ocorre de maneira inversa com aquela que já foi sua parceira, a mecânica.

“A mecânica e a marcenaria eram cursos amplos e que formavam um trabalhador capaz de ser absorvido por um amplo espectro de ramos industriais, não em suas atividades principais, mas naquelas que lhes eram acessórias, como ocorre com a mecânica em relação a fiação e tecelagem de tecidos.” (idem:122)

“A madeira e os metais, além de sua importância como materiais de construção, mesmo em casas, servem também de matérias-primas para a preparação de ferramentas, de meios de produção; nenhum ramo de produção dispensa oficinas

*auxiliares mecânicas ou de marcenaria. O estudo do trabalho em madeira ou em metais é a introdução à técnica geral, a base da técnica geral).*⁸⁰ (Pistrak, 1981:56)

O trabalhador da madeira em sua maioria se encontram na construção, nas produções em série⁸¹, em serviços de manutenção de hotéis, escolas e outras instituições, onde a qualquer momento podem ser substituídos, pois não possuem habilidades e conhecimentos complexos formados e exigidos (com exceção daqueles que reformam móveis antigos).

Voltando às Escolas Profissionais do Estado de São Paulo, a sucessão da direção da Escola Masculina da Capital em 1934 (que servia como referência aos demais escolas do Estado) de Aprígio Gonzaga⁸², que defendia a formação completa, por Horácio A. da Silveira, marcou uma nova linha de pensamento. Sobre a influência de Roberto Mange, Horácio Silveira buscou a adaptação das “idéias científicas”, através da organização racional do trabalho, introduzindo nas discussões e divulgações o método racional, a série metódica, a seleção e a orientação do psicotécnico, substituindo o empirismo no ensino/trabalho até então reinante nos cursos profissionais. Estas escolas posteriormente se transformariam ou dariam viabilidade às escolas técnicas.

O direcionamento para a organização do currículo através do chamado método racional, efetuado no ensino profissional (representado pelo SENAI) o metamorfoseou para um ensino industrial (ou dos industriários) de larga escala e menor tempo, caracterizado por uma organização pedagógica que se voltou para o “desenvolvimento”, através da preparação de uma mão de obra especializada (segmentada) e dividida entre os trabalhos manuais e intelectuais. Adaptando-se diretamente as necessidades das empresas idealizadas e reconhecidas na CNI, onde

⁸⁰ PISTRÁK. Fundamentos da Escola do Trabalho ; Tradução Daniel Aarão Reis Filho. – São Paulo : Brasiliense, 1981.

⁸¹ Vale lembrar que apesar da marcenaria perder em grande medida o seu valor artístico, no Brasil ainda é em grande parte dependente do trabalho manual.

⁸² Uma das preocupações de Gonzaga para argumentar a favor da formação integral dentro de um ofício era o desemprego tecnológico, pois com a maquinização da indústria, mesmo que alguns setores do ofício fossem eliminados o profissional formado poderia se integrar a outros sem dificuldades. Gonzaga teria também uma formação orientada através dos pensamentos da “nova escola”, da “educação pelo trabalho e para o trabalho, dizia ele que: “*Se a missão das escolas profissionais é isto: se elas têm o objetivo a formação de homens máquinas, melhor será dar as fábricas e oficinas uma subvenção para que admitam um certo número de menores, e façam do filho do ferreiro um ferreiro, ... da filha da costureira uma costureira, novo eito de escravo dessa gleba disfarçada que é a indústria...*”(Gonzaga apud Ribeiro, 1986:131)

os interesses da nação ficaram representados pelos interesses das grandes indústrias ou de setores industriais locais e regionais.

"Missão institucional do Sistema SENAI: Contribuir para o fortalecimento da indústria e o desenvolvimento pleno e sustentável do país, promovendo a educação para o trabalho e a cidadania, a assistência técnica e tecnológica, a produção e a disseminação de informação e a adequação, geração e difusão de tecnologia." (SENAI. Relatório Anual, 1995 apud Rodrigues, 1998:20)

Sucedeu-se assim uma grande separação (talvez total) entre o trabalho industrial e artesanal/artístico após o parcelamento do trabalho, o estabelecimento da linha de produção em massa, e enfim após as regras do fordismo (periférico) implantadas, que mais adiante narraremos, mas de maneira contraditória atualmente nos defrontamos com uma nova inversão: as limitações para um trabalho "quase" artesanal, ou seja, um trabalho que exija uma habilidade lapidada e conhecimentos relativos a uma chamada "arte" (ou técnica, profissão, engenharia...), que permita flexibilidade produtiva ruiu.

c) Uma nova inversão.

As habilidades e conhecimentos que anteriormente nos referimos não é necessariamente aquele relacionado ao trabalho manual, na verdade se em muitas empresas as habilidades manuais ainda são requeridas seria por falta de opção, pois com o advento da automação a tendência lógica seria este tipo de trabalho tender a desaparecer na indústria.

O profissional então requerido seria o polivalente que ficaria responsável por diversas etapas do processo produtivo, podendo cuidar da elaboração do projeto de uma das partes do produto, até à observação da execução adequada realizada pela máquina, trabalharia em conjunto com uma equipe integrada a outras (estas muitas vezes localizadas em outros países) na realização do produto final.

A grande quantidade de trabalhadores na grande indústria para produzir muitos produtos de qualidade e quantidade não estaria mais atrelada, o custo alto da produção se volta para outros locais: aos investimentos em tecnologia de automação, comunicação, informática e marketing.

Isto traz novos aspectos necessários a formulação dos objetivos na (con)formação dos operários desta nova indústria, muitas vezes contraditórios aos anteriores.

Este profissional deveria ser altamente qualificado e envolvido com o processo de produção e muitas vezes com o de comercialização, deveria ser autônomo e capaz

de mudar a linha de produção para maior eficiência, deveria ser capaz de criar soluções e produtos novos que tenham aceitação no mercado. Seria um trabalhador “cognitivo” já que não lidaria diretamente com a transformação da matéria, sua produção abstrata teria por papel a criação de valores de troca (ai poderia estar também um papel “artístico”).

Mas paramos por aqui para salientar que o desenvolvimento do mercado capitalista não é tão lógico, portanto:

*“... não há um movimento generalizado de desqualificação ou um movimento de aumento geral da qualificação, mas um movimento contraditório de desqualificação do trabalho de alguns pela ‘superqualificação’ do trabalho de outros, isto é, uma polarização das qualificações requeridas que resulta de uma forma particular de divisão do trabalho, que se caracteriza por uma modificação da repartição social da ‘inteligência’ da produção. Uma parte dessa ‘inteligência’ é ‘incorporada’ às máquinas e a outra parte é distribuída entre um grande número de trabalhadores, graças à atividade de um número restrito de pessoas encarregadas da tarefa (impossível) de pensar previamente a totalidade do processo de trabalho ...”
(Freyssenet apud Antunes, 1998:55)*

Desta maneira apesar de ser defendido que o trabalho manual “não mais permite dar conta do novo trabalho operário nas indústrias(idem:51)”, este ainda sobrevive por exemplo na periferia da força de trabalho: no mercado informal, na flutuação entre o moderno e o tradicional, e ainda, em alguns países o trabalho manual artesanal acoplado a tecnologia, da sustentação a horizontalização da produção, fornecendo peças e acessórios para a grande indústria, possibilitando a flexibilidade produtiva.

“Fergus Murray [...] mostra que na última década, a tendência à descentralização da produção atingiu, na Itália, um conjunto de empresas, que têm reduzido o tamanho de sua planta industrial e incentivado o putting-out do trabalho, em direção às pequenas unidades produtivas, artesanais, aos domestic outworkers.”(Antunes, 1998:19)

d) O design artesanal.

O termo “artesanais” utilizado na citação anterior provavelmente não deve se remeter ao que passou a significar o trabalho artesanal depois da sua segmentação do trabalho artístico, onde de acordo com Queiroz⁸³ “passou a significar o trabalhador manual que desempenha um trabalho com instrumentos rudimentares, por sua própria conta, sozinho ou com o auxílio da família e de alguns aprendizes”. Mais sim demonstra a utilização deste termo, como referência ao domínio do fazer do artesão sobre a ferramenta e sobre o processo produtivo.

⁸³ Prefácio de:
ALEGRE, Sylvia Porto. Mãos de Mestre: itinerários da arte e da tradição. São Paulo: Maltese, 1994.

Ou seja, nas pequenas unidades produtivas, os trabalhadores detêm em parte o domínio do processo de fabricação da peça quanto ao tempo, a forma e a organização do trabalho. E a máquina ferramenta que despojou em parte o conhecimento do artesão na execução do trabalho é tomada novamente pelo trabalhador como instrumento, onde dependendo de sua habilidade, criatividade e desempenho lapidará um serviço por excelência.

Existe um eixo de continuidade e uma menor quantidade de rupturas nos domestic outworkers, de maneira similar a forma tomada de produção do artesanato do nordeste, ao qual se refere o trecho a seguir:

"...no universo da oficina', na confecção e no material empregados na feitura dos objetos, existe um "eixo de continuidade", e as rupturas que existem são poucas; há pois, uma "sólida herança do trabalho que se reproduz de geração a geração. A origem das práticas é predominantemente portuguesa, sejam estas provenientes das atividades e de antigas corporações de ofícios, sejam oriundas das chamadas indústrias caseiras."⁸⁴ (QUEIROZ, 1994: Prefácio)

Por isso as pequenas empresas que possibilitam o processo de flexibilização e horizontalização em muitos países são caracterizados como artesanais.

Mas esta forma de produzir não é a única opção industrial moveleira, a comparação de dois modelos de organização produtiva feita pelo BNDS poderá exemplificar, a Itália e a Alemanha são países que se destacam na Europa pela produção de móveis, respondendo respectivamente uma por 18% e a outra por 10% das exportações mundiais⁸⁵:

"Cabe destacar dois modelos organizacionais bem distintos: o alemão, mais concentrado, onde predominam as empresas médias e grandes, cujas principais vantagens competitivas são baseadas em economias de escala tanto na produção como na comercialização e no financiamento, estando mais de 25% da oferta nas mãos das 10 maiores companhias; e, em contraste, o italiano, que, além de baseado em pequenas firmas inovadoras (tecnologia e design), especializadas em determinados nichos e cujo tamanho reduzido implica maior flexibilidade para atender às variações da demanda, também se fundamenta em grande terceirização da produção, viabilizada pela forte indústria de partes e componentes de móveis do país. Além disso, as parcerias entre a indústria moveleira italiana e os fabricantes de máquinas são muito freqüentes..." (panorama BNDS)

Num painel de configuração de modos de produzir, entre a escolha de modelos - o concentrado e verticalizado; ou o baseado em pequenas firmas associadas com produção horizontalizada, dentro de um novo padrão periférico de produção; ou

⁸⁴ ALEGRE, Sylvia Porto. Mãos de Mestre: itinerários da arte e da tradição. São Paulo: Maltese, 1994.

⁸⁵ Informações obtidas a partir de um Estudo associado a página da internet do Programa Brasileiro de Design, sob o título de "Design como Fator de Competitividade".

ainda a reconfiguração de um outro modelo a partir dos anteriores - um profissional se torna importante: o designer.

O designer chamado também de desenhista industrial ou desenhista de produtos, atua não só na indústria de grande escala, mas também nos campos gráficos, de moda e têxtil, na decoração de interiores, na confecção de páginas da internet entre outros, incluindo a produção artesanal, e por influenciar o campo de atuação do marceneiro torna-se importante a análise desta profissão.

Este campo de trabalho se torna responsável pela decoração de interiores, e na indústria de móveis pelo desenho e pelo projeto de produtos, tendo devido a isto que se referenciar em tendências e estilos de móveis, buscando assim linhas que o diferenciem, mas que sobretudo tenham aceitação no mercado. O profissional consegue alcançar destaque quando impõem (no mercado) ou apresenta um estilo próprio e original que venda.

“Preocupadas em consolidar suas vendas no mercado global, muitas empresas que costumavam explorar novas tendências no design de móveis passaram a adotar um comportamento bem mais moderado. Na maior parte dos estandes do Salão Internacional do Móvel, realizado em Milão, em meados de abril, a linguagem dominante revelou forte preferência pelo desenho clássico, de linhas retas, com predomínio da horizontalidade. Móveis com flexibilidade – no uso e na roupagem – adaptam-se mais facilmente a diversos ambientes e convivem, sem conflitos, com diferentes estilos. Isso ajuda a aumentar suas possibilidades de aceitação num mercado que cresce em ritmo cada vez mais lento.”⁸⁶ (p.98)

Nos Liceus de Artes e Ofícios de São Paulo, descritos anteriormente, os cursos de desenho já tinham uma procura acentuada⁸⁷, pois estes atendiam diversas áreas que objetivavam apreender esta linguagem da produção: o desenho.

A inserção do designer no trabalho industrial, de forma diferente do antigo desenhista, traz um novo papel lingüístico abstrato, com códigos próprios, que ganham destaque pela inserção de valor agregado ao produto, sendo desenvolvido muitas vezes nas grandes indústrias por uma equipe multidisciplinar, que têm o objetivo de atingir fins preestabelecidos.

Quando os cursos de designer começaram concretamente a existir no Brasil, de acordo com Guimarães, ele era responsável apenas pela “maquiagem” do produto, ou seja, pela sua aparência externa. Este autor defende que atualmente o papel desta

⁸⁶ Design convencional e básico predomina no Salão de Milão, para garantir vendas e evitar prejuízos.
In. PROJETO DESIGN. Revista de Arquitetura, “design & Interiores” nº 232 jun. 99

⁸⁷ Em algumas épocas as matrículas dos cursos de desenho, tinham um predomínio numérico de alunos provindos dos cursos das artes em madeira e de profissionais que já trabalhavam nesta área.

profissão teria se ampliado envolvendo os conceitos de arte, ciência e tecnologia. Ao projetar e pensar o produto este(s) profissional(is) projetaria e pensaria muito mais do que uma imagem externa:

"Quando falamos em arte – 'representação do mundo pessoal do artista' – como afirma Bruno MUNARI (1979, p.33) – falamos de uma atividade que não tem ligação senão com o seu criador, em consonância com seu tempo e história.

Mas, como enfatiza Joaquim REDIG (1992, p.95): 'Ninguém discute que o designer é também um artista, na sua lide com formas, cores, materiais, com a imagem e com a mensagem, com o tato e a sensibilidade'. O importante, no entanto, não é conferir arte aos objetos industriais e sim transmitir e traduzir a essência tecnológica, também parte da cultura, neste caso da cultura material.

Tendo a criatividade como essência, o designer ao contrário do artista – visa estabelecer o contato direto com as necessidades da população, delimitando sua ação pelas tecnologias disponíveis.

Por outro lado, a ciência – tida como um 'conhecimento especial sobre a natureza, sobre o Homem e sobre a sociedade', Ivan ROCHA (1996, p.82) – é um processo de investigação para desenvolver conhecimento.

O desenvolvimento de produtos, embora também utilize o processo de investigação (pesquisa) e tenha no próprio produto a possibilidade de validar (pela aceitação do público consumidor) aquilo que se encontrou como solução para o problema, não busca gerar conhecimento, embora seja ele um subproduto do processo de pesquisa no qual são utilizadas metodologias específicas.⁸⁸" (p.43 – 44).

Quando o produto é pensado e projetado, é embutido nele a forma em que será produzido, para que camada ou grupo social será dirigido, qual tecnologia será empregada (ou valorizada) e mesmo como será a participação do homem nesta produção. Desta maneira é possível analisar nos produtos, qual a medida que o designer esteve a serviço do modo de produção, ou ao contrário, o modo de produção esteve a serviço do designer e do ser humano.

"Vale observar, [...], que não conseguimos detectar nenhum testemunho ou nem mesmo preocupações com produtos destinados a portadores de direitos específicos (crianças, idosos, paraplégicos, por exemplo). Nota-se mesmo a ausência de móveis destinados a creches, escolas, hospitais e até daqueles que, por padrão econômico e de qualidade, destinam-se a grupos socialmente menos favorecidos. Tem-se a sensação de que o salão [de Milão] foi feito apenas para usuários da segunda idade e com elevado poder aquisitivo. A forte conotação estético-econômica da produção prevalece em relação a outros valores e preocupações de natureza social. A autonomia da arte, a arte pela arte tão cara aos italianos, encontra no salão [internacional do móvel] seu espaço por excelência.⁸⁹" (p.107)

Estes valores são muitas vezes levantados e discutidos pelos profissionais, ou pelos diversos espaços que surgem e agregam as opiniões - o designer ambiental, humano, funcional, ergonômico, de identidade . . . – são formas levantadas e

⁸⁸ GUIMARÃES, Ana Lúcia Santos Verdasca. A inserção do Design Industrial no Brasil: Essência e História. In. Tecnologia & humanismo. Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, PR / n.º 18 – 1998.

⁸⁹ MAGNAVITA, Pasqualino Romano. Design: diferença e repetição. In. PROJETO DESIGN. Revista de Arquitetura, "design & Interiores" nº 232 jun. 99

escolhidas por cada pessoa (e empresa) e desenvolvidas por escolas, linhas de trabalho e programas de apoio, tanto no desenvolvimento de projetos “híbridos”, inspirados nos modelos internacionais (principal fonte do designer nacional), quanto no desenvolvimento de projetos próprios, originais e autônomos. Como exemplo dos espaços de discussão disto temos:

A Revista Tecnologia e Humanismo:

“O design faz parte, hoje, de um processo de inovação que se estabelece em nível mundial. Na construção de uma filosofia do design, deveria estar o comprometimento em buscar aquilo que os seres humanos precisam e desejam, sem necessariamente utilizar tudo aquilo que a tecnologia disponibiliza.” (GUIMARÃES. 1998:45)

“O design pode alargar o mercado inventando novos objetos para novas necessidades reais (ao contrário daquilo que se faz nos Estados Unidos, por exemplo, onde se inventam necessidades para depois se poderem vender produtos.” (MUNARI apud GUIMARÃES. 1998:45)

O Estudo do Design como fator de competitividade⁹⁰:

“... o novo consumidor de móveis está cada vez mais fiel aos ditames das modas decorativas, e a nossa empresa faz suas modificações a partir de referências de empresas de vanguarda nacionais ou por meio da cópia de exemplares estrangeiros fazendo uma ‘tropicalização’ do produto”

E o Programa Brasileiro de Design do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior:

“Programa Brasileiro do Design tem por objetivo promover o desenvolvimento do design brasileiro. Para isso, ele conta com as iniciativas de agentes econômicos e sociais, e também de organismos governamentais para intensificar, ampliar e fortalecer as possibilidades existentes, criando novos mecanismos e instrumentos de apoio, fomento e financiamento nesta área.

O programa se justifica plenamente porque a ação do design no cenário da evolução tecnológica e no processo de globalização da economia apresenta-se como uma estratégia de fundamental importância, agregando valor e criando identidade para os produtos, serviços e empresas. Ele é o elemento criativo e diferencial decisivo para a competitividade das indústrias nos mercados interno e externo.

O Brasil, com suas características próprias e contrastantes, é um país de identidade forte e criativa, apto a desenvolver seus potenciais e apresentar seu design, sua Marca Brasil, no mercado competitivo internacional.”

O papel do designer na Idade Média era realizado pelo artesão que projetava as “formas e essências dos produtos” e por isso tinha que ter um olho na oficina e outro na rua para poder produzir e vender. Posteriormente com a separação do ato de criar do ato de fazer, esta tarefa foi sendo assumida por “especialistas”, vindos normalmente da arquitetura.

⁹⁰COUTINHO, Luciano (coord.). PROJETO: DESIGN COMO FATOR DE COMPETITIVIDADE NA INDÚSTRIA MOVELEIRA. Convênio: SEBRAE/ FINEP/ ABIMÓVEL/ FECAMP/ UNICAMP/ IE/ NEIT (1999). www.abimovel.org.br

“O mestre vidraceiro ‘sabia’ cada elemento de sua obra. A realidade do vitral está ligada ao conjunto, visto sob a luz sempre variável, em que desaparece a estrutura de chumbo que une os pedaços de vidro coloridos.” (SCHULMANN apud GUIMARÃES. 1998:44)

O designer cada vez mais é forçado a assumir os papéis e tarefas destes antigos artesãos que conheciam a tecnologia de produção, os materiais empregados e suas características, assim como a arte do ofício, isto é feito através de métodos de pesquisa e do trabalho em grupo, que procura suprir a deficiência do designer de não conhecer os ofícios, a produção em particular e de não participar diretamente da produção.

Diante da globalização e dos novos processos de produção, resta saber, que rumo a formação (e conformação) dos trabalhadores e para onde o desenvolvimento do designer brasileiro (e da identidade da “*Marca Brasil*”) deverá despontar. Torna-se importante para isto a discussão e o levantamento do papel do artesanato e do artesão na produção e constituição do designer e vice - versa.

Não se sabe se este trabalhador, assim como o que ocorreu com seus ancestrais das corporações (que não dominaram a linguagem escrita), ficará a margem destas novas linguagens do designer, ou à assumirá como necessidade.

Na formação e constituição nem sempre contínua (depende do movimento histórico) dos produtores artesanais brasileiros (que de acordo com alguns autores nunca irá deixar de existir), e portanto, na formação e constituição de muitos marceneiros e marcenarias, fica como incógnita o papel lingüístico que o seu produto deverá assumir diante do cenário que lhe é apresentado.

III. SEGUNDA PARTE: O PROCESSO DO TRABALHO E O CONTEXTO ATUAL.

A. A GLOBALIZAÇÃO

“Trabalho é toda transformação que o homem imprime a natureza para disso tirar proveito. Pode ser diretamente com as mãos, com a ajuda de instrumentos, ferramentas e máquinas ou ainda com a colaboração de outros animais.”⁹¹

“O homem é o ser que transforma seu meio ao mesmo tempo que produz sua subsistência. Por isso é o único ser que tem história.”⁹²

Definições se encontram propagados em meios acadêmicos ou não, mostrando o trabalho como parte da construção histórica do homem como ser humano e na criação de sua cultura. O conceito do termo trabalho deveria ser considerado no sentido filosófico da palavra “*poesis*”, ligando-o a criação de uma obra, deixando de lado a sua origem “*tripalium, opus, labor*” que se remete a sofrimento e tribulação, isto seria a realização no e pelo trabalho, a práxis.

Este trabalho (*poesis*) sempre estará como necessidade ou possibilidade ao lado do homem a partir do seu contexto; na busca, na criação de instrumentos, no seu conhecimento individual e social e na ação realizadora.

“Vygotsky busca compreender as características do homem [...] tomando o surgimento do trabalho e a formação da sociedade humana, com base no trabalho, como sendo o processo básico que vai marcar o homem como espécie diferenciada. É o trabalho que, pela ação transformadora do homem sobre a natureza, une homem e natureza e cria a cultura e a história humanas.

Os animais, diferentemente do homem, não produzem deliberadamente, instrumentos com objetivos específicos, não guardam os instrumentos para uso futuro, não preservam sua função como conquista a ser transmitida a outros membros do grupo social”⁹³.

Desde a origem da humanidade o homem sempre trabalhou, mas aqui não gostaria ainda de discutir esta questão.

Busco adentrar naquele significado específico possibilitado e generalizado a partir da revolução industrial: o emprego - trabalho assalariado onde se “*trabalha unicamente para manter-se, para satisfazer as meras necessidades ‘necessárias’*”⁹⁴ e esboçar o

⁹¹ Retirado da Enciclopédia Barsa.

⁹² SESC. Entrevista: Emir Sader (Assunto: Trabalho/Desemprego e Tempo livre) - <http://www.uol.com.br/sesc/spu/spuee17.htm> - 1998.

⁹³ OLIVEIRA, Marta Kohl. VYGOTSKY: Aprendizado e desenvolvimento - Um processo Sócio Histórico - 4ª ed. - São Paulo : Scipione, 1997. (pg. 27 à 29)

⁹⁴ ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho - 5ª ed. - São Paulo : Cortez ; Campinas, SP : Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1998.(pg. 126)

contexto internacionalizante das transformações que vem mudando o cenário da organização do trabalho.

Isto se faz importante na análise dos problemas cotidianos e regionais referentes ao trabalho, pois interfere como cenário, como pano de fundo ideológico legitimador de políticas e de ações produzidas no âmbito destas questões.

1. A Mundialização do Capital.

“Pela lógica gramsciana, a internacionalização dos processos e estruturas societárias, sua constituição e articulação em escala planetária [...], teria que ser analisada sob dois enfoques, interdependentes e interdeterminantes, a saber: *o fato em si* (os contornos e características objetivas empiricamente detectáveis) e *a visão do fato* (as concepções de sua historicidade e significado sociológico).⁹⁵”

Fatos relacionados com o trabalho assalariado chegam hoje acompanhados de um forte discurso de “modernidade”, onde os que não acompanham este processo (ou não compactuam), com a ideologia nele contido, são considerados como parte de um retrocesso. Informações como uma teia ideológica se expandem em diversos níveis sociais que divulgam e explicam mudanças na realidade atual sob uma determinada concepção de mundo.

Em maio de 1998, a folha de São Paulo declara em caderno especial o colapso do trabalho (emprego), já a revista Galileu (ex Globo Ciência) anuncia em novembro do mesmo ano que a queda da bolsa de valores do outro lado do mundo, no Japão, afeta a vida dos brasileiros e causa desemprego.

Num relato de uma discussão cotidiana sobre as eleições, uma senhora com pouco estudo, simples, deu sua opinião, dizendo que votou no governo atual⁹⁶ pois este não tinha culpa do desemprego, exemplificando que antigamente uma loja de calçados tinham quatro funcionárias no caixa; hoje, só há uma e um computador, mas o atendimento é melhor porque é mais rápido.

“...o capitalismo[...]desenvolve e mundializa instituições, padrões e valores sócio – culturais, formas de agir, sentir, pensar e imaginar – Ao lado das peculiaridades sócio culturais[...]desenvolvem-se as tecnologias e as mentalidades organizadas com base nos princípios da produtividade, competitividade e lucratividade. Aos poucos, ou de repente, o consumismo se generaliza e intensifica, transfigurando expectativas e comportamentos⁹⁷”.

⁹⁵ MELLO, Alex Fiuza de. Mundialização e política em Gramsci – São Paulo : Cortez, 1996. – (Coleção questões da nossa época)

⁹⁶ Governo do então Presidente Fernando Henrique Cardoso, o qual foi reeleito em 1998.

⁹⁷ OCTAVIO, Ianni. - Observações sobre o “Globalismo” (p. 37 – 47). In. Modernidade: Globalização e Exclusão. (pg. 40)

O fato em si é que a organização da economia mundial a partir da década de 70 ⁹⁸, de acordo com alguns autores, se configura cada vez mais por uma interdependência, a chamada “globalização”.

De acordo com Angela Borges e Maria da Graça Druck⁹⁹ este termo vem sendo apresentado “como um novo momento do desenvolvimento capitalista, a nível mundial; como um aprofundamento da internacionalização da economia, através do desenvolvimento das forças produtivas e do mercado internacional”.

Fato este já visualizado por Gramsci, quando concebe o capitalismo simultaneamente “*como um modo de produção e como um processo civilizatório geneticamente grávidos de mundialidade* (Mello, 1996:17)”.

Grávido de mundialidade porque o capital como processo de produção e acumulação, sobrevive da hegemonia na subordinação do trabalho, tendo no excesso de produção e na incapacidade de fazer a mercadoria ser comercializada a causa das crises cíclicas do capital, necessitando crescer para englobar mercados externos, para isso tem como modo de regulação e ampliação a busca da síntese de coerção e persuasão¹⁰⁰, que não subsistem com outras formas de organização internamente que tenham princípios contraditórios aos seus, tendo que lutar para subjuga – los.

2. A Insuficiência do Fordismo.

Esta combinação de persuasão e coerção¹⁰¹, se deu como exemplo na introdução do Taylorismo-Fordismo, que resumidamente dentro do modo de produção, pode se caracterizar como sendo um método que já foi chamado de gestão científica do trabalho ou simplesmente de administração científica (taylorismo), o qual tinha por objetivos fabricar a maior quantidade de produtos (produtos homogêneos) em menor tempo (produção em massa), medindo a partir destas características a eficiência da produção.

⁹⁸ Como processo caracteristicamente mundializador começou bem antes.

⁹⁹ BORGES, Ângela, DRUCK, Maria da Graça. Crise global, terceirização e a exclusão do mundo do trabalho. Caderno CRH, Salvador, n.º 19, p. 22 – 43, 1993. (pg. 25)

¹⁰⁰ Ver Mello (1996:25-92)

¹⁰¹ Pode se encontrar a análise de como se deu este processo em:
HELOANI, José Roberto. Organização do trabalho e administração: uma visão multidisciplinar, 2ª ed.
– São Paulo : Cortez, 1996 (pg. 79).

Para isso propunham a “cooperação” (disciplina) dos trabalhadores num mesmo ambiente em uma organização centralizadora (indústria), separando a concepção (quem planeja) e execução das tarefas (quem fazia), defendendo a hierarquia como necessária, constituindo assim a divisão do trabalho parcelado, fragmentando as funções e relativizando a necessidade de qualificação para o trabalho. Assim como as peças constitutivas dos produtos da indústria deveriam ser completamente intercambiáveis, facilitando o ajuste numa cadeia contínua de produção, o operário deveria ter seu trabalho também de maneira intercambiável, realizando movimentos únicos, simples e automatizados, ajustando-se perfeitamente na linha de produção.

Stephen A. Marglin faz uma análise histórica a partir das contradições existentes de como se deu a *“origem e funções do parcelamento das tarefas”* demonstrando que a real intenção situava-se em despojar o operário de qualquer controle, possibilitando ao capitalista (patrão) o poder de prescrever a natureza do trabalho e a quantidade a produzir, permitindo a acumulação determinada e controlada por apenas um interesse (a do patrão).

Era necessário ainda alto nível de controle dos tempos e movimentos de modo a otimiza-los, através do incentivo do salário por peça e do controle do ritmo da fabricação por cronômetros (cronometristas), substituindo-os posteriormente (no fordismo) pela velocidade da esteira que levava as peças aos operários na linha de montagem, ditando o ritmo do trabalho.

O estabelecimento das regras do Fordismo no contexto brasileiro se deram pela força e coerção (chamado de fordismo periférico), tendo como uma das consequências a falta de adesão dos trabalhadores e uma acirrada disputa entre os que se organizaram ou não dentro destas regras. Dentro de um quadro de desorganização industrial e de uma ausência de cultura técnica, houve um pequeno alcance do modo fordista de produção, limitando-se a setores considerados chaves, numa heterogeneidade de formas de gerir a produção e num deficiente e pouco desenvolvimento/introdução de novas tecnologias.

Estes processos de produção (taylorismo/fordismo) nos Estados Unidos já se deram dentro de um panorama característico que lhe favorecia.

“...visão de Finney para a sociedade norte-americana: Essa concepção de cúpula e base – levou-nos novamente à noção de uma hierarquia graduada de inteligência e instrução. [...] No ápice desse sistema devem estar os especialistas, que impulsionam a

*pesquisa para setores altamente especializados do front. Atrás deles, vêm esses homens e mulheres que as universidades deveriam formar, que estão familiarizados com as descobertas dos especialistas e são capazes de relacionar um segmento com o outro. Esses líderes do pensamento relativamente independentes proverão mudanças progressistas e reajustamentos constantes. Atrás desses, vêm os graduados no curso secundário, que são um tanto familiarizados com o vocabulário dos que se acham acima deles, têm um sentimento de familiaridade com as diversas áreas e um respeito pelo conhecimento especializado. Finalmente, vêm as massas mais estúpidas, que repetem os slogans dos que estão diante de si, imaginam que os entendem e seguem por imitação.*¹⁰²”

“...os E.E.U.U (Estados Unidos) apresentam ‘uma composição demográfica racional’ pelo fato que sua história civilizatória recente, diferentemente da Europa, impediu a estruturação de uma ordem de classe muito numerosa e de funções desiguais no mundo da produção(...)’- ‘distinguir-se- iam daqueles da Velha Europa (como também da Índia e da China), emaranhada num ‘mosaico societário’ extremamente heterogêneo e complexo herdado da feudalidade, razão das resistências intelectuais e morais ali verificadas contra a introdução do novo modelo de produção industrial.” (Mello, 1996:87).

Talvez por causa deste mosaico societário e sua resistência na velha Europa (e Japão), apesar do domínio tecnológico, científico e econômico norte-americano o processo de reestruturação ou reengenharia produtiva descentralizada se deu na prática inicialmente em outros países como:

Itália

“... a ‘Terceira Itália’ como experiência concreta, teria possibilitado o advento de uma nova forma produtiva que articula de um lado, um significativo desenvolvimento tecnológico e, de outro, uma desconcentração produtiva baseada em empresas médias e pequenas, ‘artesanais’.” (Antunes, 1998:17).

Japão

“Após a repressão que se abateu sobre os principais líderes sindicais, as empresas aproveitaram a desestruturação do sindicalismo combativo e criaram o que se constituiu no traço distintivo do sindicalismo japonês da era toyotista: o sindicalismo da empresa, o sindicato casa, atado ao ideário e ao universo patronal.” (Antunes, 1998:25)

Mas estas reestruturações não haveriam se difundido, caso não houvesse outra questão em jogo, a insuficiência do fordismo.

O fordismo em relação ao taylorismo intensificava ainda mais o ritmo, a divisão, repetição e monotonia do trabalho na produção de massa, sem uma contraparte garantida de persuasão nas sociedades com um discurso democrático, havendo ainda uma forte pressão para a redução dos salários movidos por reformas que visavam a sustentação da balança comercial e controle da inflação¹⁰³.

¹⁰² APPLE, Michael. Ideologia e Currículo – São Paulo : Brasiliense, 1982.
Michel Apple busca na produção da História do Currículo nos Estados Unidos, principalmente voltado aos imigrantes e negros, seu acultramento e a função determinada da escola de Controle Social.

¹⁰³ O descontrole da inflação e da balança comercial foram criados com base nos próprios princípios do capitalismo *produtividade, competitividade e lucratividade*.

"...adotado por Richard Nixon, em 15 de agosto de 1971, [...] a Nova Política Econômica [...] decretada em meio a uma série de medidas governamentais para manter a hegemonia do dólar, corroída pela ameaça do déficit comercial. O conjunto de medidas incorporava a taxação de 10% sobre todas as mercadorias importadas pelos Estados Unidos, subsídios para a aquisição de novas máquinas e equipamentos para empresas americanas, além do congelamento de preços e salários por 90 dias."
(Heloani.1996:79)

Tendo pôr causa destas pressões como consequência a resistência dos operários a este modelo (taylorismo-fordismo), como nos mostra a grande quantidade de greves ocorridas no período de 1971 à 1974 em grandes empresas principalmente nos EUA, Japão e Alemanha, onde se exigiam aumentos salariais, mas também melhores condições de trabalho.

O fordismo-taylorismo entrou em crise por perder a capacidade de persuasão, mesmo nos Estados Unidos onde sua entrada se deu de maneira mais negociada com os sindicatos, verificou-se altas taxas de absenteísmo, de turnover, do aumento de refugos e o grande aumento das taxas de abandono do emprego, onde porcentagens elevadas de jovens que se formavam em faculdades, ao invés de ingressarem nas empresas, se tornavam autônomos em áreas diametralmente opostas a sua formação (como em lanchonetes na beira da praia)¹⁰⁴.

Só que "(...)o capital essencialmente é o conjunto dos interesses da classe proprietária burguesa, e esta 'um organismo em contínuo movimento, capaz de absorver toda a sociedade, assimilando-a ao seu nível cultural econômico'. Dessa feita, o capital não tem forma definitiva, não tem pátria, fronteira, limites, não respeita espaços, particularidades culturais, subverte o tempo, amplia o Estado, concentra e descentra estruturas, desfaz o que é sólido, transforma valores e sentimentos por reelaborações ininterruptas de visões de mundo, desde que em cada conjuntura todas as versões possíveis de renovação (que sempre são ocasionais) mantenham e aprofundem as raízes do único vínculo orgânico necessário: a reprodução do tipo de relação social (a propriedade privada e o assalariamento).¹⁰⁵" (Mello,1996:33)

Na ideologia de competitividade livre nos anos 60 as indústrias americanas tem uma queda na fabricação de produtos voltados ao mercado consumidor interno provocados por fatos relativos a guerra do Vietnã, permitindo a entrada de produtos externos viáveis. Produtos principalmente europeus, confirmando a sua recuperação da última guerra mundial, trazem consigo a desvalorização do dólar. Estes produtos das indústrias externas tinham alcançado grande ganho em produtividade e procuravam em novos mercados a possibilidade de conseguir maiores lucros (acumulação). Na recuperação a indústria norte americana se concentra nos segmentos de maior renda, que se caracterizavam pela cultura consumista que buscavam o valor de troca das coisas e não o de uso, tendo uma procura e produção maior dos produtos diversificados, em detrimento ao atendimento das camadas mais pobres através da produção em massa.

¹⁰⁴ Assim como Heloani (1996) também os filmes e documentários que apresentaram o já clássico movimento hippy, que protestavam contra a guerra e que negavam o papel reservado a eles na organização da sociedade, demonstram estes fatos.

¹⁰⁵ O comunismo de mercado da china é uma prova disto.

Assim se delineou a busca pela capacidade hegemônica de modelos capitalistas juntamente a sua crise cíclica, na tentativa de absorver novamente a sociedade global de seu interesse. Para a explicitação desta busca de hegemonia no decorrer do trabalho buscou-se de uma maneira artificial fatos, situações e transformações que poderiam ser caracterizadas e analisadas como coercitivas e da mesma maneira fatos, situações e transformações que poderiam ser enfocados como persuasivas.

Mas é importante salientar que esta divisão se deu artificialmente, porque o processo de estabelecimento do Pós fordismo ou da acumulação flexível, se deram unificadamente “*através da coerção para retomada da capacidade de comando*” e da “*persuasão para o convencimento*”, ou seja, os recortes e as análises da realidade hegemônica, na maioria das vezes, ao mesmo tempo que trazem características coercitivas, trazem em seu bojo discursos persuasivos.

3. Através da coerção a retomada da capacidade de comando: A acumulação flexível.

“O instrumento é feito ou buscado especialmente para um certo objetivo. Ele carrega consigo, portanto, a função para a qual foi criado e o modo de utilização desenvolvido durante a história do trabalho coletivo.”¹⁰⁶ (Oliveira.1997:29)

Podemos considerar que as novas tecnologias trazem diversas possibilidades, como a ampliação do tempo livre indicada por André Gorz, mas o instrumento não é uma variável independente, como nos fala Teixeira (1998) sobre a tecnologia, ela “*não é neutra, mas expressão de relações sociais num determinado contexto sócio-econômico, político e cultural*”

“Entre outras questões, ela tem concorrido para se retomar o controle gerencial da produção e do processo de trabalho; para reduzir a dependência do capital em relação ao trabalho, incorporando à máquina o saber informal, a inteligência do trabalhador e simultaneamente, para o desenvolvimento de sistemas de controle sobre o trabalhador, ditando-lhe o ritmo do trabalho.”¹⁰⁷

¹⁰⁶ Mc Luham de acordo com Muraro “*encara toda a tecnologia como extensão do corpo humano ou de alguma de suas partes*”, mas como tal estas tecnologias também nada mais são do que os instrumentos criados pelos homens com base em sociedades caracteristicamente capitalistas, e como instrumentos estas tecnologias alcançam altos níveis de complexidade assumindo em sua estrutura e funções grande parte dos princípios da sociedade da qual se originou, isto traz muitas questões em jogo em discussões teóricas sobre seus fins e consequências, mas também sobre suas possibilidades.

¹⁰⁷ TEIXEIRA, Ana Trabalho tecnologia e educação – Algumas considerações Caderno do CEAS Salvador Centro de Estudos e Ação Social. 1998 nº 177 (pg. 36)

Nas relações sociais, estas novas tecnologias na área da microeletrônica; informática, robótica e telecomunicações, e em parte na biotecnologia e nas tecnologias dos materiais se constituíram através de investimentos principalmente, em instrumentos caracteristicamente poupadores de mão de obra.

“...‘o toyotismo’ (derivado da Toyota japonesa), que introduz a necessidade de o trabalhador operar simultaneamente várias máquinas e cria, como respostas para a crises financeiras, o aumento da produção sem ampliar em correspondência, o número de trabalhadores.”¹⁰⁸

“Em relação ao nível de emprego, a indústria automobilística continua a ser a maior empregadora do mundo. Contudo, em 1985, as empresas localizadas no Japão, Estados Unidos e Europa estavam empregando praticamente o mesmo número de trabalhadores que em 1970.” (Marques apud Heloani, 1996:86)

Assim ao invés de se reduzirem os salários se reduziram a necessidade do grande número de mão de obra, a partir da utilização das tecnologias e da reestruturação produtiva. Independentemente aumentaram a quantidade final a ser produzida, criando um desatrelamento entre a grande produção e a quantidade de emprego direto.

“O ganho em produtividade está ligado diretamente à menor dependência do homem na execução das tarefas da empresa, barateando os custos e também refletindo na melhoria da qualidade e rapidez.”¹⁰⁹ (Marcenaria Moderna, 1998:50)

No processo de circulação de mercadorias a capacidade pessoal se transforma em capacidade das coisas e no trabalho com as máquinas automatizadas a capacidade de produção é colocado nesta e não mais no homem, nesta inversão de sujeito objeto as considerações e possibilidades para qualificação humana se tornam favoráveis para qualificação tecnológica e comercial.

“O caso da fábrica automatizada japonesa Fujitsu Fanuc, um dos exemplos de avanço tecnológico, é elucidativo. Mais de quatrocentos robôs fabricam, durante as 24 horas do dia, outros robôs. Os operários, quase quatrocentos, trabalham durante o dia. Com métodos tradicionais seriam necessários cerca de 4 mil operários para se obter a mesma produção. Em média, a cada mês, oito robôs são quebrados, e a tarefa dos operários consiste basicamente em prevenir e reparar aqueles que foram danificados, o que traz um volume de trabalho descontínuo e imprevisível. Existem ainda 1700 pessoas nos trabalhos de pesquisa, administração e comercialização da empresa.” (Gorz apud Antunes, 1998:51)

“A baunilha é produzida em três pequenos países da África Oriental. Cem mil agricultores dependem dela para a sua subsistência. Alguns anos atrás, duas empresas de biotecnologia fizeram uma experiência: tomaram o gene que codifica a proteína da baunilha e o retiraram do grão de baunilha. Colocaram o gene numa bactéria, que

¹⁰⁸ FOLHA DE S. PAULO. O colapso do trabalho. São Paulo, 1º maio. 1998 - Caderno Especial p.1 – 12. (pg. 2)

¹⁰⁹ A HORA CERTA DE RENOVAR OS EQUIPAMENTOS. Marcenaria Moderna – São Paulo : Casa Paulista de Comunicação -Leo Madeiras, Ano III – n.º 25, nov. 1998 – Entrevista p. 49 – 51

*substituiu toda a baunilha natural, sem o grão, sem a planta, sem a terra, sem o agricultor, sem a safra: isso é plantação em tecido, biotecnologia.*¹¹⁰”

Derivado das pressões dos governos para que as empresas aumentassem ou diminuíssem as exportações ou importações (dependendo do contexto), bem como das pressões competitivas e da luta pelo controle da força de trabalho, estas empresas se “ofereceram” para fornecer empregos e desenvolvimento para outras regiões ou países que lhes apresentassem maior vantagem tributária e de infra-estrutura, havendo um grande deslocamento muitas vezes de parques inteiros de produção de uma região para outra e da formação de uma rede de subcontratação, através da compra, privatizações, fusões, terceirizações e consórcios com as empresas nacionais ou locais, formando assim grandes oligopólios ou redes globais em vários setores.

*“...muitos setores estão quase 100% globalizados: autopeças, eletrodomésticos, higiene e limpeza, química, laticínios, bens de capital, farmacêutica, hotelaria, bolachas e doces.”*¹¹¹”

*“A abertura comercial e a globalização das atividades econômicas têm introduzido novas formas de cooperação entre as empresas, como o licenciamento de produtos, joint ventures, entre outras. A indústria brasileira de móveis também não ficou imune a estas novas influências, com muitas empresas recorrendo ao licenciamento de produtos estrangeiros como forma de modernizar suas instalações industriais, ou seja, a partir do produto projeta-se o layout necessário.”*¹¹²”

A produção e competição mundial torna-se desta maneira mais acirrada ao reduzir o número de empresas que conseguem competir e milhões de trabalhadores, de acordo com Gaudêncio Frigotto, não contam nestas empresas como força de trabalho e nem como consumidores¹¹³, tornando o poder de negociação das grandes empresas (ameaça de se mudar ou de se fixar aonde maior vantagem receberem,

¹¹⁰ RIFKIN, Jeremy. Identidade e Natureza do Terceiro Setor. In: IOSCHPE, Evelyn Berg [et. al.]. **3º Setor – Desenvolvimento Social sustentado**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997. p.11-23.

¹¹¹ LODI, João Bosco. O outono de um sonho: O livre fluxo de capitais pelo globo e a busca de escala de produção tornaram obsoleta a idéia de indústria nacional. CartaCapital, São Paulo, 24/dez. 1997.

A revista CartaCapital coloca como reportagem de destaque o empresário nacional como espécie em extinção (com desenho de dinossauro do lado inclusive), destacando diversas vendas e fusões ocorridas em grandes empresas nacionais e internacionais, tendo no Brasil a maioria das empresas compradas e fundidas com empresas externas.

¹¹² ABIMOVEL(Associação Brasileira das Indústrias do mobiliário). Panorama BNDS (Assunto: O recente desempenho do setor moveleiro) - <http://www.abimovel.org.br> – 199_.

¹¹³ FRIGOTTO, Gaudêncio. Cidadania e Formação Técnico Profissional: Desafios neste fim de século.

“O mercado globalizado se locupleta com um terço de trabalhadores e de consumidores. Os outros dois terços são atirados à sorte ou ao desespero(pg.7)”.

ocasionando demissões em massa) com os governos e respectivos sindicatos mais forte.

"Em um primeiro momento, desloca algumas plantas industriais que podem ser operadas pôr alguns países em desenvolvimento e passa a importar alguns produtos..." [sendo que] "A internacionalização da produção permitiria [...] ao capital reorganizar o paradigma industrial, e a informática poderia ser aplicada como instrumento para assegurar a flexibilidade na linha de montagem." (Heloani, 1996:77 - 78)

Sem a necessidade de base industrial fixa, a possibilidade de internacionalização da produção e do comércio foi maior, junto a reorganização do paradigma industrial e da divisão internacional do trabalho, se caracterizando em varios sentidos como um padrão de acumulação flexível.

"A introdução de novos equipamentos automatizados com base na microeletrônica e de novas técnicas de gestão empresariais concorreram para o incremento da produtividade na indústria de móveis e para a flexibilização dos processos de produção, ou seja, obtenção de muitos tipos de produto de uma mesma linha de produção, os quais passaram a ser produzidos em maiores escalas, perdendo o seu caráter artesanal.

Além dos avanços tecnológicos, o aumento da horizontalização da produção, ou seja, a presença de muitos produtores especializados na produção de componentes para a indústria de móveis, também vem contribuindo para a flexibilização da produção, assim como para a redução dos custos industriais e o aumento da eficiência da cadeia produtiva. Tanto na Europa como nos Estados Unidos verifica-se grande concentração da produção final nas grandes empresas, enquanto que as pequenas e médias especializam-se no fornecimento de partes de móveis ou atuam em determinados segmentos do mercado.¹¹⁴

A flexibilidade baseada nos instrumentos com base em microeletrônica e na reorganização da estrutura da empresa possibilitam, a rápida modificação dos produtos e uma dimensão mais criativa para adaptação as demandas diversificada dos mercados. Os avanços em telecomunicações e informática, possibilitam a construção de redes globais informatizadas de gestão e também a sofisticação dos aparelhos orientadores da opinião pública que agenciam comportamentos.

A outra maneira que se restabelecem a capacidade de comando do capital é através dos empréstimos dos centros financeiros e de outras organizações (chamados por alguns autores como novos senhores do mundo).

O empréstimo a países que precisam de dinheiro como o Brasil, exige em troca a implementação de políticas e o direcionamento à metas pré definidas ou orientadas externamente, perdendo ou limitando sua soberania.

¹¹⁴ ABIMOVEL (Associação Brasileira das Indústrias do mobiliário). Panorama BNDS (Assunto: O recente desempenho do setor moveleiro) - <http://www.abimovel.org.br> - 199_.

"Os Estados nacionais, em crise fiscal motivada pelos pesados encargos que devem pagar aos credores internacionais acabam por não ter recursos para garantir as obrigações constitucionais"¹¹⁵

Muitos destes países vendem como títulos estas dívidas públicas valendo juros, em troca os investidores injetam dinheiro na economia, mas para ampliar o retorno monetário poderosos "investidores" o tomam como a "bola da vez" (termo designado para o país emergente com a economia fragilizada o suficiente para a especulação render maior lucro), ameaçando cobrar estes títulos (e as vezes cobrando) caso os juros não aumentem originando maior ganho, tudo isto "num piscar de olhos", movimento de capitais que poderiam ser comparados a uma "manada monetária de elefantes".

As grandes empresas interessadas neste dinheiro louco que movimenta as bolsas financeiras, abrem seus capitais colocando suas ações para a venda e compram ações de outras empresas, os bancos por sua vez aumentam as aplicações e investimentos, ocorrendo desta maneira a interpenetração patrimonial entre as grandes burguesias industriais e financeiras.

"O investimento privado não retorna aos patamares anteriores; uma parcela será concentrada nos segmentos que podem oferecer o crescimento da produtividade do trabalho e a outra se dirige para a especulação financeira internacional através da expansão bancária." (Heloani.1996:87)

Uma empresa aqui no Brasil pode ser administrada na Alemanha ou Japão, podendo diminuir produção, mudar projetos, investir em outros setores de importação e exportação, cortar emprego.... de uma maneira muito veloz, da mesma maneira, no mercado financeiro ao menor sinal (ou boato) de mudança da economia, milhares de dólares (capitais voláteis) podem entrar e sair de um mesmo país no mesmo dia ou hora.

Desta maneira o alto capital contido em grandes burguesias financeiras, o acúmulo de capitais em empresas que se reconstituíram como "novos oligopólios globais", junto a sua alta escala de produção gerado pela robótica e pelas reorganizações do sistema produtivo, torna o endividamento de diversos países seu calcanhar de "Aquiles", possibilitando assim o surgimento de políticas de portas abertas, ou seja, já não se encontra mais barreiras políticas e econômicas para o capital internacional.

¹¹⁵ Frigotto.[s.d.]:06

"A crise do Estado – nação, com transformações de sua natureza, a medida que deixa de cumprir a função protetora das economias nacionais. Mudam-se as prioridades do Estado, que deixa de ser do bem estar e, aos poucos, transforma-se num instrumento de adaptação das economias nacionais , à economia mundial. ¹¹⁶" (Robert W. Cox, apud Borges e Druck 1993:25)

Os governos nacionais se tornam concessionários para políticas globais, compatibilizando legislações de acordo com os chamados verdadeiros governantes do mundo globalizado, buscando camuflar as transformações em percurso através de outras causas, outras explicações para seus efeitos.

Nega-se as soluções encontradas pelo próprio capital através das teorias de John Maynard Keynes (teorias Keynesiana) do "Bem estar Social", para as consequências da superprodução e de menor demanda engendrada na crise 1929.

A regulação social, a intervenção do Estado na economia, a multiplicação de demanda através de aumento de gastos governamentais, a reprodução da força de trabalho na esfera pública e o controle de áreas estratégicas de distribuição e produção que caracterizavam o Estado do "bem estar social", tudo isto é colocado em cheque pelo retorno neoliberal das teorias de auto regulação do livre mercado, só que agora a nível mundial.

No documento *"Modernização das Relações de Trabalho: Princípios e Objetivos"*, feito em 1995 pela Confederação Nacional das Indústrias (CNI), na gestão de Mário Amato, José Rodrigues analisa que:

"Esse documento reafirma a construção do tópos da economia competitiva, a partir daí, um novo perfil para as relações trabalhistas Para isso, os encargos e direitos sociais devem ser reduzidos e flexibilizados, o sistema de seguridade social precisa ser reformulado, o poder normativo da Justiça do Trabalho deve ser eliminado, a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) deve ser extinta ou reduzida a um mínimo de regras muito gerais. Enfim, reduzir, flexibilizar e extinguir são as palavras de ordem da indústria brasileira para as relações de trabalho." (Rodrigues, 1998:122-123)

¹¹⁶ BORGES, Ângela, DRUCK, Maria da Graça. Crise global, terceirização e a exclusão do mundo do trabalho. Caderno CRH, Salvador, n.º 19, p. 22 – 43, 1993.

B. A GESTÃO DA GLOBALIZAÇÃO.

1. Persuasão e o convencimento.

" 'Durante quanto tempo nossa democracia política suportara que setenta milhões de pessoas vivam a maior parte de sua vida num clima totalitário?' É Robert J. Doyle quem faz a pergunta. É ele o diretor de pessoal de uma firma capitalista, a Donnely Mirrors Co., (...) Diz ele: 'Há pouco tempo estive conversando com alguém que chegou da Iugoslávia (...) lá há coisas interessantes. Nem de longe acho que se deva aceitar o comunismo, mas a idéia de eleger os gerentes é interessante e não parece incompatível com nosso sistema social' ".¹¹⁷

Médice:

" Sinto-me feliz, todas as noites, quando ligo a TV para assistir ao jornal. Enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se eu tomasse um tranqüilizante após um dia de trabalho. "¹¹⁸

Fernando Henrique Cardoso:

"A questão não será mais a de 'menos Estado', como na onda neoliberal (agora talvez em declínio, após Margaret Thatcher e Ronald Reagan), e tampouco de 'mais Estado' como no soviétismo stalinista, porém a de 'melhor Estado' tendo por objetivo a correção das desigualdades causadas pelo mercado. "¹¹⁹

Discursos como estes, apresentados em determinados momentos históricos, permitem verificar a tentativa de camuflar a realidade, onde muitas vezes seus autores acreditam mesmo nestes contos criados, tendo como consequência maior deste marketing o agenciamento do interlocutor modelizando seus valores.

Se mostra nestes discursos a tentativa de persuasão, a tentativa de levar a crer induzindo a decidir, a aceitar um valor ou uma situação.

O discurso de *Robert J. Doyle* no início do texto feito na época da guerra fria, coloca a autoridade da nossa responsabilidade "imperialista" de sustentar sobre si o sistema dito totalitário socialista, como se realmente fosse de responsabilidade do capital.

Contraditoriamente ressalta a idéia de eleição de gerentes ocorridos no país **totalitário** e defende que no seu país esta idéia não seria incompatível com o seu sistema social, podendo ser aplicado. Assim pode-se questionar, se a idéia fosse democrática mas não fosse compatível com o lucro, poderia ser aplicada?

¹¹⁷ GORZ, André. *Crítica da Divisão do Trabalho* : tradução Estela dos Santos Abreu – 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes 1996 (Passim).

¹¹⁸ MANCE, Euclides André. *Globalização, Subjetividade e Totalitarismo - Elementos para um estudo de caso: O governo Fernando Henrique Cardoso*. Copyright do Autor - <http://www.aol.com.br/mance> – 1998.

¹¹⁹ CARDOSO, Fernando Henrique. *Relações Norte Sul no Contexto Atual: Uma Nova Dependência?* In *O Brasil e a Economia Global* / Renato Baumann 3ªed. Editora Campus.

Temos nas modernas empresas de hoje, junto com as novas tecnologias, metodologias de gestão que procuram abordar o operário de uma maneira diferenciada; como participante responsável pelo sucesso da empresa, através do desenvolvimento de novas culturas gerências e novas formas de organizar os processos de produção.

Antunes levanta para a discussão, a tese de especialização flexível de Sabel e Piore que defende que a *"Forma produtiva que articula, de um lado, um significativo desenvolvimento tecnológico e, de outro, uma desconcentração produtiva baseada em empresas médias e pequenas, 'artesaniais'. – [...] um modelo produtivo que recusa a produção em massa, [...], e recupera uma concepção de trabalho que sendo mais flexível, estaria isenta da alienação do trabalho intrínseca à acumulação de base fordista (Antunes, 1998:17)."*

A teoria embasadora destes processos têm como referencia algumas áreas da indústria, que de maneira limitada se desenvolveram de certa maneira, com a união entre quem planeja a peça e quem executa, isto permitido pela tecnologia (CNCs.\Comandos Numérico de Controle aplicados em centros de usinagem, ligados através de fibras óticas diretamente a programas computadorizados de desenho e simulação\CADs como exemplo).

Alguns autores defendem que a informatização dos processos da indústria podem gerar uma práxis na ação do operário com finalidade específica, mas se verificam que a mesma informatização em diversas áreas afins, trouxe maior separação ainda, entre quem planeja e quem executa.

Neste jogo de poder são diversos os vocábulos e discursos utilizados para nomear as varias organizações políticas de gerenciamento, que pregam a participação mais ativa do funcionário para a melhoria da empresa, tendo como origem de acordo com Ana Teixeira mais direta o modelo Japonês de produção Toyotismo ou Ohnismo.

"Coriat fala em quatro fases que levaram ao advento do toyotismo. Primeira: a introdução, na indústria automobilística japonesa, da experiência do ramo têxtil, dada especialmente pela necessidade de o trabalhador operar simultaneamente com várias máquinas. Segunda: a necessidade de a empresa responder a crise financeira, aumentando a produção sem aumentar o número de trabalhadores. Terceira: a importação das técnicas de gestão dos supermercados dos EUA, que deram origem ao kanban. – [...] 'o ideal seria produzir somente o necessário e fazê-lo no melhor tempo'. [...] Quarta fase: a expansão do método kanban para as empresas subcontratadas e fornecedoras (Coriat apud Ricardo Antunes, 1998: 24)"

Além do Cartão/Placa (Kanban), houve também o sindicato da empresa e outras organizações como o Circulo de Controle de Qualidade (CCQ), o Controle

Total de Qualidade (CTQ), Just-in-Time (JIT – no momento exato), processos que em parte diferenciam a empresa¹²⁰ que usa e as que ainda segmentam totalmente o planejar e o realizar da tarefa.

“... a mecanização consiste em fazer separadamente as partes de uma tarefa ou ação, fragmentando-a em uma série de partes repetíveis, ou móveis. Na tecnologia eletrônica, principalmente na automação dá-se o oposto radical: o processo é encarado como um todo. Ao invés de se preocupar com máquinas diferentes, necessárias para uma ‘linha de montagem’, na automação encara-se o processo produtivo como um sistema integrado de processar informação. O que interessa são as trajetórias globais e não as diversas partes.” (Muraro, 1974:55)

Mas a alienação produto x produtor por intermédio do capital, relatada em Marx situa-se longe de sua superação, pois estes processos de reengenharia exigem na maioria dos casos maior desenvolvimento da capacidade da atenção dirigida (abstração), da vigilância, responsabilidade e capacidade de prever o trabalho da máquina. Não há uma retomada do controle do produto pelo produtor, ou mesmo da divisão concepção/execução, do processo de produção e da sua destinação final.

A qualificação criativa do homem para o trabalho ainda é relativa ao seu valor de uso e de troca para o capital obter a mais-valia.

“Nas modernas economias de mercado os verdadeiros agentes da criação de riqueza e do desenvolvimento são indivíduos, através da inovação e da produtividade de seu trabalho, bem como do conhecimento a ele aplicado. Um grupo de indivíduos, cada qual com suas necessidades, que resolve se reunir em uma mesma sociedade de negócios, para a realização de um objetivo comum, constitui a empresa.” (Rodrigues apud Modernização das Relações Trabalhistas CNI, 1995:16-7)

“Criar constância de propósito para a melhoria do produto e do serviço, com o objetivo de tornar-se competitivo, manter-se em atividade e gerar emprego.”¹²¹

¹²⁰ CCQ – Programa de participação dos empregados através de reuniões em pequenos grupos na avaliação do processo produtivo, normalmente fora do horário de trabalho, que tem por objetivo obter seu envolvimento, onde o supervisor tem o papel de ser um contato com a empresa, que deve procurar promover implementações discutidas no grupo de melhorias para a produtividade e qualidade da empresa. É impedido reivindicações salariais e mudanças no processo de trabalho.

TQC – Teoria que promovem a idéia da adaptação dos empregados a funções conforme suas reais potencialidades para garantir qualidade, e defende a necessidade de valores e atitudes baseados na cooperação, confiança, harmonia e convergências de ações. Desenvolve a idéia de um sentimento de pertencimento a “família” da empresa, se comprometendo assim com seus objetivos.

JIT / Kanban – Administração provinda das formas dos supermercados americanos de repor suas prateleiras de produtos. Controle da produção industrial e de seus materiais de modo que os estoques e os suprimentos sejam repostos no momento certo e na quantidade exata, conforme os pedidos, tendo o kanban como o aviso visual da necessidade de suprir estoques das etapas de produção imediatamente anteriores, acionando o processo do fim para o começo.

Kaizen – Instrumentos desenvolvidos como o controle estatístico de processo, que visam a melhoria do processo e não somente do produto.

¹²¹ SCHERKENBACH, William W. O Caminho de Deming para a Qualidade e Produtividade: rotas e mapas, 3ªed. [tradução de Maria Clara Forbes Kneese]. Rio de Janeiro, Qualitymark, 1990. (Passim). (pg.1)

Estes discursos tem como lógica a premissa de que a manutenção dos ganhos (salário) e o melhoramento das condições de ambiente de trabalho provem da empresa, através das novas tecnologias e formas de gestão (modernidade), portanto um melhor desempenho na produção, competitividade e conseqüente lucro com a adaptação da empresa ao mercado será revertido ao operário, é omitido neste discurso as desigualdades entre patrão e funcionários, como se estes estivessem num mesmo patamar.

Estas teorias da qualidade procuram convencer que o ambiente do trabalho deva ser (contraditoriamente) competitivo e democrático, desta forma o operário se sentiria responsável pela qualidade na fabricação do produto e pelo desempenho da empresa, ligando sua realização pessoal ao desenvolvimento das melhorias na empresa (projeto de vida dentro da empresa) num objetivo comum. Ambiente que se desmancha para o funcionário quando este é demitido, percebendo o quanto era ilusório a sua ligação ou seu papel na empresa.

Outra maneira pregada pelas empresas como forma de promoção da autonomia e como criatividade frente a crise, é a realização da terceirização, que ficou conhecida como processo em que a empresa desliga departamentos que não sejam ligados diretamente a produção (manutenção, consultorias, limpeza...) e contratam empresas especializadas para realizarem estas tarefas.

"... procuraram terceirizar etapas do processo produtivo como forma de reduzir custos e enfrentar a concorrência externa. Neste novo ambiente de abertura comercial e de intensa competitividade, a indústria brasileira de móveis tem revelado uma grande capacidade empresarial de adaptação." (Panorama BNDS: 199_)

No Brasil as indústrias convidam e apoiam os próprios funcionários para abrirem pequenas empresas prestadoras de serviços, esta empreitada na verdade inicia-se como forma de relegar seus problemas de adaptação a abertura do mercado a outros, suas terceirizadas muitas vezes assumem não só papéis secundários dentro da produção, desarticulando grandes e combativos sindicatos, como produzem partes importantes dos produtos veiculados ao nome da empresa contratadora.

Algumas destas micro e pequenas empresas inexperientes, não conseguem suporte para garantir o selo de qualidade total, falindo em grande parte por causa das exigências das suas antigas empregadoras de onde surgiram e da concorrência de firmas maiores.

Desta maneira volta-se a questão inicial: será que as melhorias nas condições de trabalho podem se tornar generalizadas para todos, caso estas melhorias não se transformem em lucro?

A chamativa “*Proletários de todo o mundo uni vos*” e sua teoria embasadora socialista, de acordo com Victor Meyer e vários outros autores, se configura com maior valor que antes, se adaptando ao contexto atual “*como uma luva*”. Os trabalhadores de grande parte do mundo têm o mesmo problema e muitas vezes o mesmo “patronato” globalizado, suas organizações, e reproduções de modelos administrativos são libertadores por um viés e castradores em muitos outros, apesar disto o socialismo nunca foi visto com tanto descrédito e ceticismo, ou talvez desesperança depois da queda do socialismo real europeu e asiático.

“... o desmoronamento dos regimes do Leste europeu, em lugar de significar a superação de Marx, constitui, ao contrário, um indicador de sua atualidade. Levando-se em conta que uma filosofia é viva e insuperável enquanto o momento histórico que ela apresenta não for superado.” (Saviani apud Marcos Cassin, 1991:14)

O discurso relatado anteriormente do ditador brasileiro Médici se torna exemplificador, pois esboça um país cheio de paz e de desenvolvimento, enquanto em seu contexto funcionava a grande repressão e censura, onde através do Ato Institucional n.º 5 (AI-5) o governo castra os direitos civis.

Aquele discurso não era vazio, pois remetia a tranqüila programação de uma conivente rede de televisão, privilegiada com grandes incentivos e apoio do governo, os quais não davam trabalho aos censores da ditadura¹²².

“Os pensamentos dominantes são apenas a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de idéias e portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; dizendo de outro modo, são idéias do seu domínio.” (Marx apud Marcos Cassin, 1980:55-56)

¹²² Trecho retirado de documento da internet de autoria de Euclides André Mance: “*Conforme Armando Falcão, que foi Ministro da justiça durante o regime militar, entre 1974 a 1979, ‘o Globo tinha uma posição de apoio aos governos revolucionários porque o doutor, o jornalista, Roberto Marinho apoiou a revolução de março de 1964 desde ela eclodir. Ele foi revolucionário de primeira hora e continuou, portanto, como revolucionário, a apoiar os governos da revolução’.*”... “*A globo não tem uma vocação necessariamente militarista ou ditatorial. Mas tem uma vocação governista. Onde tem governo está a rede globo; se não tem governo, saiu do governo, já não interessa mais.*”

MANCE, Euclides André. Globalização, Subjetividade e Totalitarismo - Elementos para um estudo de caso: O governo Fernando Henrique Cardoso. Copyright do Autor - <http://www.aol.com.br/mance> – 1998.

a) A produção e a influência da cultura.

"... na idade da velocidade instantânea da tecnologia elétrica [...] [o] 'tempo de maturação', que tornava humanamente suportável a inserção de novas tecnologias [e informações] na sociedade, não mais existe." (Muraro, 1974:34)

"... no intervalo de tempo que vai do nascimento à morte de um único indivíduo de nosso tempo, as condições mudaram mais que um milhão de anos no início da humanidade." (Muraro, 1974:30)

É importante considerar a partir deste ponto, sobre à quem a nossa sociedade de massa, (reconhecidamente premiada no item de má distribuição de renda) escuta. A arte, os valores e as verdades quem as promove? Quem elege suas formas de apresentação e representação para a maior parte da população?

O ensino, as exposições ricas de diferentes culturas num mesmo país de contradições, os grandes livros científicos ou literários, as festas, os costumes, a pesquisa, quais hoje destes fazem frente aos veículos de comunicação de massa *voltados ao capital e sua ideologia*? Será que não são cooptados como em um processo de osmose? Quando não o são, a sua produção não se torna super valorizada ficando presa a circuitos privilegiados e estagnados, incompreendidos e fora do alcance da maior parcela da população?

O que se via de mais autêntico de um povo era a sua cultura: sua produção artística, sua religião, sua moral, seus costumes ... , já nas interações globais de hoje vemos o destituir destas especificidades que os representavam, é feito um descalabro de generalizações culturais de maneira problemática, a partir de um mesmo foco, de apenas um ponto de vista cultural, movidos na maioria das vezes por motivos comerciais e isto em diversos países, principalmente nos inseridos no mercado global.

Nem mesmo a Disney¹²³ se dá mais o trabalho de adaptar suas produções a diversas culturas, ao invés produz em seus desenhos mundiais, culturas onde sua especificidade é o que há de mais desterritorializado e efêmero, de aparências superficiais e preconceituosas, sendo que, o que mais fica é a marca comercial dos brinquedos, lancheiras, camisetas... e seus valores embutidos.

"Não podemos hoje falar de educação ao nível paroquial, precisamos ver o impacto do satélite educacional, cujo centro de emissão é único, cuja programação atinge vários

¹²³ Ver: GIROUX, Henry A. A Disneyização da Cultura Infantil. (49 – 81) In. SILVA, Tomaz Tadeu da. , MOREIRA, Antonio Flávio (org.) Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.

*continentes, cria cultura da dependência e com ela forma o escravo contente.*¹²⁴
(Tragtenberg apud Santaella.1995:73-74).

Todo estímulo é educacional¹²⁵, e traz consigo uma reação, reação que é cientificamente analisada, sistematizada e teorizada para ser controlada dentro de um limite de variáveis, a partir de semioses significativas, exibidos nos programas e propagandas dos meios de comunicação de massa. A sociedade do consumo se tornou atualmente o “ópio do povo”, quantos não abandonaram as reivindicações passadas por um bom emprego e uma estabilidade econômica que garanta seu poder de compra, afinal quem não gostaria de ter um carro zero na garagem, uma casa pelo menos parecida com a da novela das oito, quantos será que trocariam as propagandas comerciais (como exemplo o “shop tour”) pela propaganda política?

Ao se projetar um novo produto na indústria se procura criar nestes, valores de uso e de troca que editem um novo estilo de vida, isto para poder alavancar a comercialização do mesmo, divulgando a troca do velho pelo novo, e assim novos valores são postos e antigos divulgados como ultrapassados, objetivando ou a sobrevivência da empresa no mercado comercial (como marca a ser consumida) ou a ampliação dos lucros.

“... o novo estilo de vida da sociedade moderna, que passou a priorizar maior conforto, introduziu novos conceitos ao projeto produto. Parcela crescente dos móveis comercializados passou a ser projetada de forma que qualquer cidadão não tenha dificuldades na montagem [...] eliminando a figura do montador e, com isso, barateando o produto. [...] Além disso, esse tipo de móvel, ao baratear também o frete, obtém uma grande vantagem no comércio internacional.” (Panorama BNDS:199)

A propaganda de um refrigerante de limão bastante conhecido (sprite) é ilustrativo; traz a mensagem contínua que “imagem não é nada e sede é tudo”, mas trabalha basicamente com imagens condicionando-as a sede (associando-as também a idéia de ser radical), ficando assim o comportamento do telespectador agenciado a consumir aquele refrigerante quando tem sede, estas semioses desenvolvidas não por sorte e sim por vários profissionais envolvidos, trabalham de acordo com Mance com a “produção de subjetividade em que operam, especialmente, as mídias eletrônicas veiculando mensagens em tempo real pelo mundo todo, (...) publicidade que produz imaginários em torno de uma certa configuração de sociedade de consumo”.

¹²⁴ SANTAELLA, Lúcia. (Arte) & (Cultura): Equívocos do elitismo, 3ª ed. São Paulo : Cortez, 1995.
(Biblioteca da educação. Série 7. Arte e Cultura.)

¹²⁵ Educacional no sentido que traz modificações ao indivíduo.

Convencer. Hoje esta palavra mais do que antes, faz parte dos discursos aparentemente coerentes dos governos, das empresas, das escolas, dos partidos, enfim nas instâncias de relações de poder organizacionais, que buscam seduzir aquelas pessoas à elas relacionadas.

Se percebe na prática corrente, na capacidade dos meios de comunicação de massa, no discurso oficial do Estado e nas organizações das modernas empresas, que estes trabalham não tanto com a idéia de se levar a aceitar, mas sim com a idéia de se levar a crer, irrompendo o campo da subjetividade, num envolvimento manipulatório e/ou direcionador.

De acordo ainda com Euclides André Mance a *"subjetividade engloba tudo o que é próprio à condição de ser sujeito, isto é, capacidades sensoriais, afetivas, imaginativas e racionais envolvidas nos processos de perceber, compreender, e agir [...] abstratamente, a subjetividade se reduz a um conjunto de matérias e funções que, sendo organizadas a partir de regime de signos, se convertem em substâncias e formas [...] Essas matérias e funções são ordenadas a partir de regimes de signos [...] O modo [...] de realizar todas as atividades necessárias à existência e convivência humanas é semioticamente organizado"*.

Para entendermos podemos tomar como contra ponto um ícone tornado nacional por seu carisma¹²⁶, Fernando Henrique Cardoso¹²⁷, que acredita assim como Oskar Lafontaine citado por ele que *"se o socialismo é incapaz de oferecer esperança, ou se oferece mero protesto [...], mesmo sendo um 'movimento' e compreenda outros movimentos, ainda assim falhará na preparação do caminho para uma mudança que não se limite a mentalidades e ideologias, mas represente um instrumento político para dias melhores (Cardoso1996:7)"*.

Acredito que esta afirmação estaria correta dentro de um contexto *ahistórico* de ordem e progresso, numa realidade como convém a teoria positivista, onde a mudança de mentalidades e ideologias não possam gerar ou manter transformações e organizações sociais de ordem conflituosa, criando novas formas de conceber a política e a economia ou mesmo de novos sistemas sociais.

¹²⁶ O carisma se mostra por certas virtudes, identificadas e reconhecidas pela massa, que confere ao líder um poder extraordinário.

¹²⁷ CARDOSO, Fernando Henrique Relações Norte Sul no Contexto Atual: Uma Nova Dependência?
In O Brasil e a Economia Global / Renato Baumann (org.) 3ªed. Rio de Janeiro – Campus : SOBEET, 1996.

b) Sob o discurso da modernidade ou pós – modernidade.

O discurso oficial da preparação para o futuro é o da modernidade, como se o conceito de moderno estivesse embuído de melhor ou pior, de bem ou de mal, com vantagem ou desvantagem, de valoroso ou não.

"Esta é uma das marcas autoritárias do atual governo: a imposição de um pensamento único e o desprezo pelas idéias divergentes. No lugar de argumentos, lançam epítetos para desqualificar aquele que pensa diferente: nhienhenhêm, neobobismo, fracassomania, pensamento arcaico, defensores do atraso, ultrapassados, jurássicos e outros." (Rui R. de Campos, 1999: 21)

Este conceito de modernidade é utilizado como se fosse uma evolução e de faceta necessariamente neoliberal, onde o discurso racional de eficiência e economia, enfatiza seus princípios de competitividade e produtividade máxima, com menor gasto e maior ganho (lucratividade) e não o de distribuição equalizada, de justiça, de melhorias sociais, de desenvolvimento para todos, etc.

As opções de acordo com Cardoso, de não participar desta "pós modernidade" seriam catastróficas para o terceiro mundo, pois *"O que uma vez era apenas parte do terceiro mundo constitui hoje um vasto mundo de carências, fome e acima de tudo, de desesperança. Outras partes do terceiro mundo conseguiram tornar-se da economia global [...] efetivamente possuem os recursos internos necessários para escapar da 'quarteirização' que conduz a pobreza desesperançada (Cardoso 1996:11)"*.

Argumento persuasivo bastante forte, o qual nos diz que para não se tornar um quarto mundo de carências, fome e desesperança, é necessário aumentar o fosso entre os ricos e os pobres, entre a quantidades de desempregados em relação aos empregados, entre a fome e miséria e a exportação rentável. Aumentar a recessão que elege prioridades para poucos como se fossem vantagens para todos.

É nestas premissas que se percebe a propaganda da desesperança, onde a força do trabalho, que sempre esteve ao lado do homem, e que pode melhorar a qualidade do meio e buscar sua adaptação, na criação de instrumentos para isso, na superação das suas limitações ambientais, biológicas, históricas e culturais, são colocados como inviáveis, incapazes e fracas frente ao poder do capital. Será isto real ou nova camuflagem de interesses vigentes e intocáveis, na qual sua posição social mantém a ordem e o *status quo*?

Os vieses de resistência são colocados como mínimos ou limitados, quando não nulos. Estes não poderiam ser considerados como um desafio de superação teórica e prática.

O trabalho é utilizado nas sociedades de classe como forma limitadora do homem, na alienação e expropriação de sua produção, mas isto não impede os sujeitos históricos através dos jogos de poder, de a partir da idealização de objetivos coletivos claros (utopias), melhorar a qualidade do meio e buscar a sua adaptação, através da criação de instrumentos (teóricos e \ou práticos) próprios para isso.

C. UMA SÍNTESE: AS INFELIZES CONSEQUÊNCIAS DO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO.

“Quanto a automação propriamente dita, ela representa o fim do trabalho como necessidade de sobrevivência. Fechou-se assim, um ciclo histórico que durou dez mil anos e se iniciou com a agricultura muscular. Com o término do trabalho funda-se, também a alienação dos frutos deste trabalho. Inicia-se a civilização do lazer. Pela primeira vez, em seu todo, a humanidade vence a carência e conquista a abundância. É o pleno domínio da natureza. Doravante, todos os homens – teoricamente – podem ter acesso à reflexão, ao mundo da cultura e à plena gratificação.” (Muraro, 1974:63)
“Este fim de século será, pois, a era da total mestiçagem cultural, do total envolvimento e solidariedade dos povos”. (Idem:58)

Em pleno ano de 1999, vemos este postulado de 1974 que apostava na evolução tecnológica como motor da história¹²⁸ no seu inverso, a mestiçagem cultural tem no seu lugar a intolerância, no lugar do envolvimento e da solidariedade dos povos, temos a exclusão maciça de pessoas do mercado de compra e venda de trabalho e de produtos, pessoas que sofrem por isso e agem por isso.

Da mesma maneira são diversos os países que não despertam mais os interesses dos grandes grupos econômicos, sendo por isto alienados dos processos de produção, organizados sob o espectro da globalização.

Isto traz consequências à tessitura social, tanto a nível local quanto mundial.

1. O Não Emprego.

No mundo Capitalista: *“Ter um emprego não só constitui o principal recurso com que conta a maioria das pessoas para suprir suas necessidades materiais como também lhes permite plena integração social. (©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda)”*.

Antes o desemprego estrutural¹²⁹ visto apenas como um problema do terceiro mundo, agora se mundializa exportado para todos os países do primeiro mundo. É claro que no terceiro mundo, mesmo nos países emergentes, este tipo de desemprego ganha maior amplitude, padecendo também em grande medida do desemprego

¹²⁸ Isto talvez por apostar na sorte da revolução socialista, mas esta depende das contradições acirradas e situações históricas, e sobretudo, do meu ponto de vista, dos sujeitos históricos.

¹²⁹ ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.:

- “(1) Desemprego estrutural, característico dos países subdesenvolvidos, ligado às particularidades intrínsecas” da estrutura “de sua economia...”
- (2) Desemprego tecnológico, ... Resulta da substituição do homem pela máquina e é representado pela maior procura de técnicos e especialistas e pela queda, em maior proporção, da procura dos trabalhos meramente braçais.
- (3) Desemprego conjuntural, também chamado desemprego cíclico, característico da depressão, quando os bancos retraem os créditos, desestimulando os investimentos, e o poder de compra dos assalariados cai em consequência da elevação de preços.
- (4) Desemprego friccional, motivado pela mudança de emprego ou atividade dos indivíduos. ...
- (5) Desemprego temporário, forma de subemprego comum nas regiões agrícolas, motivado pelo caráter sazonal do trabalho em certos setores agrícolas”.

funcional (friccional) e do tecnológico. Gouveia (1993) pesquisando a significação do trabalho infantil em uma favela nota que *“Há, tanto por parte dos pais quanto das crianças pesquisadas, a consciência de que é enquanto trabalhador manual, desqualificado, que eles vão se inserir no mercado de trabalho”*.

O trabalho informal lícito ou não, é adotado em massa por pessoas sem acesso ao trabalho formal, e é tornado alternativa econômica, visto até como forma de resolução dos problemas.

2. O Estado de Mal Estar Social

Historicamente na sociedade brasileira como fator complicador, as teorias de Keynes não chegaram as vias de fato, sendo implementada parcialmente no controle do mercado, mas sem um atendimento público funcional de qualidade, necessário a regulação social, tendo como consequência um alto grau de carências e demandas hospitalares, educacionais e de atendimento social as baixas camadas populares.

Isto torna agravante o problema da ampla exclusão de setores de trabalhadores do mercado, seja do emprego, seja do consumo.

Esta situação endêmica se torna caótica quando os desempregados perdem o amparo deste já limitado “Estado do Bem Estar Social”, em vias de desmantelamento de fato, pelo apelo do discurso neoliberal e pelo comprometimento do Estado com dívidas internas e externas, que tomando grande parte de suas receitas inviabilizam políticas públicas e sociais.

“O que foi instituído no passado objetivando justiça social, como o sistema de saúde e a escola pública, hoje é fonte de injustiça social, devido aos péssimos serviços prestados a população.”¹³⁰

A precarização das políticas públicas implica em baixa qualidade do atendimento a saúde, e daí o retorno de doenças infecto contagiosas consideradas controladas.

O meio ambiente também sofre pela falta de verbas para a sua recuperação, pela falta de fiscalização e controle desta que ainda teima em persistir. Esta natureza é agredida e atacada tanto por inescrupulosas empresas, quanto por ações dos empobrecidos e miseráveis.

3. A Tábua de Salvação.

“Detalhados estudos econométricos indicam que as taxas de investimentos e os graus iniciais de instrução constituem robustos fatores de previsão de crescimento futuro. Se

¹³⁰ GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal e Cultura Política : Impactos sobre o associativismo do terceiro setor – São Paulo, Cortez, 1999. – (Coleção questões da nossa época) p. 10

nada mais mudar, quanto mais instruídos forem os trabalhadores de um país, maiores serão suas possibilidades de absorver as tecnologias predominantes, e assim chegar a um crescimento rápido da produção. [...] O desenvolvimento econômico oferece aos participantes do mercado de trabalho oportunidades novas e em rápida mudança.¹³¹”
(Liliana R. P. Segnini apud Banco Mundial; 1996)

A educação é exortada, financiada e acessorada muitas vezes por organismos internacionais, mas ficam na maioria das vezes nos paradigmas do tecnicismo renovado pela tecnologia, e nos paradigmas da qualidade total de eficiência, medida a partir da maior produtividade e menor gasto por aluno.

A educação neste contexto é pregada como tábua de salvação, como se fosse o motivo da diferenciação dos países do primeiro mundo e dos países emergentes¹³², recebe um amplo espaço na mídia e novos projetos são gestados para melhorar a qualidade. Mas o esforço dos Estados por qualidade na Educação normalmente tem sido em geral, menor nas mudanças reais na qualificação do professorado, sem um aprofundamento, recurso e "disposição necessária", ficam estanque nas discussões econômicas e de gestão.

“O capital sempre procurou sonegar instrução. No entanto, o novo padrão de exploração com o uso da tecnologia sofisticada - que altera a composição orgânica do capital pela complexificação e valorização do capital fixo - exige que a 'torneira da instrução' seja aberta um pouco mais, para formar o novo trabalhador que esta sendo aguardado na produção. A questão que se coloca para o capital é: como instruir um pouco sem aumentar o grau de conscientização das classes populares? Nossa hipótese é que, uma vez, que não pode deixar de instruir um pouco mais, o capital vai querer controlar um pouco mais a agência escola, de forma a garantir a veiculação de seu projeto político.” (Freitas apud Marcos Cassin, 1993: 8)

Há desigualdades até a exclusão total no acesso a informação e a conhecimentos qualitativos para uma determinada parcela da população, bem como desigualdades nas condições de interpretação¹³³ destas (falta de uma cultura que instrumentalize a interpretação do mundo), onde tal capacidade no mundo tecnológico e informativo atualmente representam poder, emprego e inclusão.

¹³¹ REVISTA DE EDUCAÇÃO. Campinas : SINPRO – Sindicato dos Professores de Campinas e Região, 1999.

¹³² Mesmo que toda população tivesse uma escolaridade satisfatória e qualificada, sendo o desemprego estrutural, não haveria trabalho para todos, como supõe este argumento. A busca pela escolarização universalizada deve ser para possibilitar uma formação de cidadania, onde os estudantes fossem preparados para atuar na sociedade existente, possibilitando se adaptar a ela ou a buscar sua superação através de um conhecimento “científico”.

¹³³ “O saber interpretativo, nas ciências humanas, refere-se às condutas intencionais, decifrando as linguagens sociais existentes – desde o urbanismo até a investigação científicas, passando pela mídia”(Gohn. 1999:14)

“... a escola não é representada enquanto espaço de promoção de ascensão social, como faz supor um discurso liberal. Para o morador da favela, a escola aparece como espaço alheio às suas vivências e necessidades, destinada ao morador da cidade, esse sim em condições de se beneficiar do processo de escolarização, para sua inserção no mundo do trabalho.” (Gouveia, 1993:54)

4. A Violência.

Nestas realidades a violência se torna quase palpável, talvez usada como forma de reação não direcionada dos oprimidos, por questão de sobrevivência ou como forma de buscar aquilo que é propagado pela cultura capitalista do “ter”. Matam por tênis, blusa, carros ou qualquer coisa material que valha dinheiro.

O motivo da violência pode ser também uma forma de negar a realidade, buscando-se alívio dela, por auto afirmação, demonstração de poder, ou tudo junto, como é o exemplo da violência que envolve o uso de drogas lícitas e ilícitas.

Grupos que não são movidos por motivos ideológicos, por reivindicações políticas, pela busca material, geram violência por violência, simples demonstração de poder, onde impressionantemente ficção se torna realidade, e atrocidades são comparáveis aos filmes de “Mad Max”, cometidos em alguns países da África e por gangues urbanas em diversas cidades no mundo.

A violência nos países desprivilegiados, abandonados e descolonizados pela falta de atrativos para a atenção comercial (que é referência no globalismo), e/ou pela falta da disputa ideológica dos poderes dominadores antes presentes (representantes ideológicos do poder do capitalismo ou do socialismo), trazem a tona como auto afirmação da cultura a intolerância com relação as diferenças. Estas antes abafadas se tornam guerras de etnias, tribais ou religiosas.

Com isso grande massa dos desafortunados da guerra, da violência e do desrespeito marcham em direção aos países do primeiro mundo em fuga, na busca de condições de vida mais digna onde em seus países não tinham, estes pedidos de asilo ao primeiro mundo nem sempre são bem aceitos.

De acordo com Antônio Carlos Gomes da Costa *“As levas crescentes de trabalhadores ilegais que chegam ao primeiro mundo, vindo das áreas miseráveis do planeta, estão gerando o conceito novo de exilados econômicos. A reação dos setores afetados nas nações mais prósperas tem sido de intolerância e, até mesmo, de violência. A emergência dos neo-facismo e outras formas de nacionalismo de direita é uma ameaça potencial (ainda larvar) às conquistas nos campos da democracia e dos direitos humanos”*¹³⁴.

¹³⁴ COSTA, Antônio Gomes da. Educação e Trabalho /Curso: Introdução à ação sócio educativa módulo II. – Belo Horizonte, MG : MODUS FACIENDI/Publicações e Serviços Ltda., 1996 – (Desenvolvimento Social e Ação Educativa) (p.9)

Talvez os únicos que não sintam (ou sentem pouco) a exacerbação do medo e da desestabilização do que há fora de seus muros, são as trezentas famílias mais ricas do planeta, que de acordo com Rifkin possuem um patrimônio que somado equivale ao patrimônio de 40% da população mais pobre do planeta, podendo construir um outro mundo de riqueza e beleza.

A violência física, emocional, econômica, social e cultural fruto da concentração de capital (do aumento do bolo da riqueza), da ampliação da pobreza e da miséria em parcela significativa da população mundial, toca mesmo nos condomínios e residenciais, onde os muros tendem a crescer em direção ao céu como uma grande prisão, numa busca de isolamento do que há fora dos seus modos de vida. O Rio de Janeiro é um exemplar laboratório de contradições, onde luxuosas casas e condomínios contrastam com miseráveis favelas, lado a lado.

"...ocorre uma metamorfose do sistema de desigualdade social no capitalismo para um sistema de exclusão social."¹³⁵ (Gohn.1999:11)

5. A Resistência Procurando a Direção.

Nesta onda de acontecimentos a resistência ocorre na política, nos sindicatos, na ciência, em meios de comunicação e em múltiplas situações da sociedade em geral, mas carecem em muitos casos de clareza nos objetivos quando visam a resolução das consequências e não das causas, ficando na remediação dos fatos (ou limitados apenas na análise destes). Carecem de um maior poder de alcance na comunicabilidade, que propague uma cultura de esperanças de mudanças, de formulações de utopias, os quais se possam acreditar possíveis e que funcionalmente "valham a pena" de serem alçadas.

"Neste contexto, a cultura emerge como prática de produção de significados, espaço e campo de significações. Ela é ação, atividade, experiência, e, portanto, confere dinamismo ao processo social, não sendo simples resíduo ou conjunto de acervos mortos (nos museus) ou estáticos (em comportamentos pré-codificados pela tradição)." (Gohn.1999:34)

"Com a globalização da economia, a cultura se transformou no mais importante espaço de resistência e luta social. Segundo alguns autores, o conflito social central da sociedade moderna ocorre na área da cultura." (Gohn.1999:8-9)

Problemas emergentes a partir de uma determinada tensão social na situação¹³⁶ existente dialéticamente trazem a tona movimentos e instituições sociais

¹³⁵ GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal e Cultura Política : Impactos sobre o associativismo do terceiro setor – São Paulo, Cortez, 1999. – (Coleção questões da nossa época)

¹³⁶ Um pensar crítico através do qual os homens se descobrem em 'situação'. Só na medida em que esta [situação] deixa de parecer-lhes uma realidade espessa que os envolve, algo mais ou menos nublado em que e sob que se acham, um beco sem saída que os angustia e a captam como a

que procuram soluções. Isto quando o Estado (o primeiro setor) se vê inviabilizado politicamente, economicamente e/ou ideologicamente de atuar e garantir os mínimos sociais¹³⁷ e as empresas (o segundo setor) por sua vez em seus objetivos, não atingem as questões prementemente sociais, afinal estas não lhe fazem parte diretamente do escopo de suas preocupações com finalidades basicamente de ordem econômica.

Assim denotasse estatisticamente o aumento do número de novos movimentos e organizações que procuram atender as demandas sociais, muitas vezes funcionando com o apoio do primeiro (do Estado) ou do segundo setor (das empresas), ou ainda se auto financiando. São Movimentos Sociais, Organizações Não Governamentais, Organizações Sem Fins Lucrativos, Associações Comunitárias e Fundações.

Estes estão sendo instrumentalizadas a partir da definição do conceito de um Terceiro Setor.

situação objetivo-problemática em que estão, é que existe o engajamento. Da imersão em que se achavam, emergem, capacitando-se para se inserirem na realidade que se vai desvelando (Paulo Freire, 1987: 102)."

¹³⁷ "...o conceito de mínimos sociais foi se configurando como correspondente ao provimento 'das necessidades básicas da população em termos de emprego, renda, educação, saúde, previdência social, alimentação e nutrição, habitação e saneamento, transportes humanos etc.'" (Calsing apud José Rogério Lopes, 1998: 96)

"Como variação entre a realidade daqueles que nada têm e a daqueles que muito têm é atravessada por um espaço público de apropriações de 'excedentes' e de normalização das relações sociais, a concepção de mínimos sociais é estabelecida, assim, pelos padrões de acesso ao que existe na sociedade para ser distribuído. Paralelamente, há a difusão de um ideal de que o escopo desses 'excedentes' só pode se ampliar na proporção inversa em que diminuir a distância quantitativa e qualitativa entre os que possuem muito e os que possuem nada ou pouco..." (José Rogério Lopes, 1998: 99)

D. TERCEIRO SETOR: UM CONCEITO EM DISPUTA.

A consideração do Terceiro Setor é importante para o entendimento do objeto de nossa pesquisa, por estar situado neste vários programas de formação e capacitação dos trabalhadores/as voltados para a inserção no mercado de trabalho. Por isso vamos fazer a seguir, uma breve análise de sua natureza.

É sob o conceito de Terceiro Setor que se congregam as obras de filantropia, ou seja de amor a humanidade, mas este setor carrega consigo um fundamento novo, diferente das antigas instituições, movimentos e organizações de assistência.

As antigas instituições se deviam fundamentalmente a caridade existente e perpetuada “por *dadiva dos filantropos*(p. 20)¹³⁸”, na sua generosidade¹³⁹, no seu carisma e poder congregador.

Este algo novo dado ao enfoque filantrópico, da caridade e do mecenato¹⁴⁰, deve-se não somente a um caráter utilitarista, mas a busca de generalização da condição de cidadania a pessoa humana.

“... pode-se dizer que o Terceiro Setor é composto de organizações sem fins lucrativos, criadas e mantidas pela ênfase na participação voluntária, num âmbito não governamental, dando continuidade as práticas tradicionais da caridade, da filantropia e do mecenato e expandindo o seu sentido para outros domínios, graças, sobretudo, à incorporação do conceito de cidadania e de suas múltiplas manifestações na sociedade civil.” (GIFE, Fernandez, 1997:27).

Esta cidadania se refere aos direitos e obrigações dos indivíduos membros de um Estado, de igualdade perante a lei, independentemente de sua condição e origem econômica, étnica, social, cultural ou religiosa.

O respeito e a intervenção para garantia da condição de cidadania a todos os indivíduos é para os teóricos que debatem a filantropia, levantados neste trabalho, dever do Estado, mas também da sociedade civil. Assim esta tem a obrigação solidaria (assim como o Estado) de garantir a defesa, a liberdade, a ausência de crueldade e o respeito a dignidade humana. Defesa a todos os desrespeitados em seus direitos econômicos, sociais, culturais, de integridade física e de um ambiente saudável.

¹³⁸ KUHMANN JUNIOR, M.. Instituições pré escolares assistencialistas no Brasil (1899-1922) In. CADERNOS DE PESQUISA nº 78. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, Ago. 1991. (17-26).

¹³⁹ Ver análise que Paulo Freire faz sobre a generosidade em *Pedagogia do Oprimido*.

¹⁴⁰ Mecenaz é o filantropo que financia e incentiva as letras, as ciências, as artes ou os artistas e sábios.

A realização dos campos de congregação da sociedade civil com este fim se daria no chamado Terceiro Setor.

Este instrumento teórico em processo de definição, na busca de uma identidade, discorre sobre diversidades de concepções e aspirações sobre seus fins, ideologias e formas de atuação frente aos problemas sociais estabelecidos, tendo como pano de fundo de legitimação o debate, sobre o que vou chamar de, cidadania social e cidadania liberal.

A cidadania liberal prevê para este Setor um papel equilibrador das conseqüências das crises do capitalismo e de uma remediação das injustiças nele contidos (uma concepção formativa ajustada a “nova era do mercado”), através da criação de um novo campo de empreendimentos econômicos no atendimento aos excluídos, da propagação da empresa cidadã, do zelo ecológico para com o ambiente e em geral na distribuição de serviços aos que não tem condição de pagar por ele, buscando um desenvolvimento social sustentável no capital.

Já os analisados como divulgadores da cidadania social prevêem os aspectos anteriores, mas acrescentam a intenção de se atingir um objetivo de transformação das relações dentro da sociedade, onde se prega que a cidadania de direito é conquista.

Através da condição mobilizadora da sociedade civil numa co-responsabilidade pelo bem geral da comunidade, se buscaria a congregação de pessoas, militanças e dissidentes de movimentos, que queiram atuar por uma mudança cultural e social, numa transformação que se inicie a partir de dentro da lógica existente, ou que se inicie através da preparação de caminhos que suscitem a esperança de transformações, mas uma esperança que não espera e sim crie o momento propício para.

Se buscaria: a formação de uma instância organizada de atuação na sociedade; a formação de consciências críticas com condições de interpretar os conhecimentos e as ideologias percorridas nos veículos de comunicação; buscar alternativas de sustento dos indivíduos alienados e marginalizados do mercado; criar maior poder congregador, comunicativo e divulgador de utopias e de ideologias libertárias, uma busca cada vez mais *sui genere* de maior “humanização”¹⁴¹?

¹⁴¹ (...) o homem, mesmo sendo homem, continua a ser um mamífero; mas seu valor, como o do homem, reside precisamente na sua diferença para com o grupo de onde nasceu (Gramsci apud Mello, 1996:62).

Humanização, conceito encontrado nas obras de Paulo Freire, não poderia ser assumido como necessário por quem vê na injustiça e desigualdades sociais a diminuição da espécie humana como espécie diferenciada?

Por princípio pode se encontrar(ou criar) no Terceiro Setor um fundamento revolucionário de humanização social internacionalizante¹⁴².

¹⁴² "E assim como a dinâmica da modernidade potencializou e alargou a produção e a circulação de bens e valores a outros patamares de materialidade(...),as manifestações culturais mais relevantes tornaram-se aquelas cuja formulação passou a conter expressividade e significado mais universais. ...o universal é sempre um particular potencializado em escala ampliada (Mello,1996: 61)."

IV. A PESQUISA DE CAMPO

A. A COLETA DE DADOS

Nesta parte do trabalho foram visitadas oito entidades que possuíam cursos de marcenaria ou de trabalho com madeira, são eles: a Associação de Assistência Social São João Vianney; a Associação Promocional Oração e Trabalho; a Casa de Maria de Nazaré; Casa dos Anjos; a Casa dos Menores de Campinas; Cidade dos Meninos; o Centro Comunitário Santa Lúcia; o Centro Integrado Nair Valente da Cunha; o Externato São João; o Centro Profissional da Escola Salesiana São José.

A visita em alguns casos foram feitas a partir de um contato inicial por telefone, onde marcado os encontros, foram aplicado os questionários. Em outros casos, a visita foram feitas sem o contato inicial, isto graças ao auxílio do educador Dorival José Zago¹⁴³ que acompanhou as visitas, e por conhecer diversas pessoas pode abrir as portas de algumas entidades.

Quanto aos questionários percebeu-se que houve uma certa resistência para responde-los, um dos prováveis motivos seria por causa do direcionamento de algumas questões ao mercado de trabalho ou também pela quantidade de questões, pois a maioria das entidades não tinham uma pessoa direcionada ao atendimento externo e para responder as questões tinham que parar seus afazeres. Por este motivo o instrumento mais utilizado ao invés do questionário foi a entrevista¹⁴⁴ (gravada), a qual foi baseada nas questões do questionário.

É importante salientar a limitação da pesquisa de campo, a qual foi realizada apressadamente, pois o tempo disponível¹⁴⁵ não foi o necessário para visitar oito entidades, assim houve um empobrecimento das informações coletadas, a qual em princípio eram para ter sido coletadas a partir de três frentes – Administrador, Educador e Aluno – e isto nem sempre foi possível.

Mas é claro que os dados aqui selecionados para serem expostos no trabalho podem ser considerados validos e importantes para conhecer parte de uma rede de

¹⁴³ Professor de marcenaria e Coordenador do Cursinho de Cristandade de Campinas e coordenador dos Cooperadores Salesianos.

¹⁴⁴ O resultado destas gravações por ser muito extenso para a transcrição poderá ser utilizado para uma possível continuação deste trabalho.

¹⁴⁵ O tempo disponível para os contatos iniciais e as visitas foram de apenas cinco Quarta feiras em meio período, quatro tardes e uma manhã.

entidades em funcionamento, atendendo crianças e adolescentes na cidade de Campinas.

As áreas de atuação das entidades são diversas, são núcleos, centros comunitários, abrigos, etc., assim como a forma de organização e a estrutura dos ambientes também. Os fatos mais comuns encontrados nas instituições foi o financiamento existente da FEAC (quase todas), o apoio material e/ou metodológico do SENAI e a difícil tarefa de gerir a escassez financeira (apesar do apoio das parceiras).

Em geral têm o objetivo de atender crianças e adolescentes provindos de famílias com baixa renda e na seleção dos alunos tem como exigência declarada que estes estejam freqüentando a escola do ensino formal público.

B. ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL SÃO JOÃO VIANNEY

Associação Assist. Social São João Vianney

Rua Macaraí n.º 305 – Bairro Cura D'Ars

Fone: 230-0677

1. A Entidade.

A entidade surge em 1957 com o Cônego Bruno Nardini, na época em que este era o Reitor do Seminário existente no bairro. Numa assembléia convocada pelo Cônego, funda junto com a comunidade a Associação de Assistência e Proteção à Infância São João Maria Vianney.

“Destinava-se esta, a dar proteção e assistência social; Médica, Instrutiva e Educacional, à infância em geral, ‘Sem distinção de nacionalidade, sexo, cor, credo político ou religioso’.” (folhetim da Entidade 1997/1998)

Os trabalhos iniciais foram organizadas com trabalho voluntário em sede provisória, mantidas por campanhas, donativos e promoções diversas, tudo com muitas dificuldades.

Têm no histórico de suas conquistas os serviços de saúde do bairro assumido pelo Estado e também a construção da primeira escola do local.

Tendo deixado com o Estado os serviços de saúde houve a concentração do atendimento nos serviços de Assistência Social, por isso formulando um novo estatuto, no qual a entidade passou a chamar-se Associação de Assistência Social São João Vianney.

“Em 1981 é contratada uma Assistente Social e à partir daí, além de atendimento dispensarial, a entidade vem trabalhando com grupos diretamente na comunidade, procurando um envolvimento da população na identificação e busca comum de prováveis soluções para os problemas mais graves que apresenta.” (folhetim da Entidade 1997/1998)

2. O Curso.

O curso de iniciação a marcenaria, dividido em seis fases de 100hs cada (duração aproximada de um ano), tem por clientela (20 alunos na faixa etária de 12 à 14 anos) a comunidade de três entidades, a do Grupo das Servidoras Léa Duchovni, do Centro Assistencial Romília Maria e o da Associação Assistencial São João Vianney, mas a quem tem a responsabilidade de administrar o trabalho é a última entidade, as outras duas são parceiras no atendimento das necessidades das crianças e do encaminhamento ao curso de marcenaria. O curso surgiu em 1989 a partir de um programa de profissionalização do COMEC:

“O COMEC (Centro de Orientação ao Menor de Campinas), vinha de 86 a 88, desenvolvendo o projeto de profissionalização em Marcenaria, em Convênio com o

SENAI e Secretária de Estado, o que garantia sua manutenção. A entidade já possuía equipamentos adequados, porém o alto custo e o cancelamento do Convênio pela Secretária do trabalho inviabilizaram sua continuidade.

A FEAC, vinha iniciando um trabalho geograficamente regionalizado e buscando alternativas para a questão da profissionalização do 'menor' e em uma das reuniões de região envolvendo técnicos de várias entidades da região Cura D'Ars, surgiu a idéia de integração de recursos.

Iniciaram-se então, por meio da FEAC, os contatos com as diretorias das entidades interessadas, geograficamente próximas e que já mantinham um trabalho com adolescentes: Vianney; COMEC; Grupo das Servidoras Léa Duchovni; Romília Maria.

Houve um consenso e em 23/01/89 as entidades se mobilizaram para conseguir equipamentos e materiais necessários para a implantação oficial da Oficina Escola. O local foi cedido pela Paróquia Cura D'Ars, o respaldo financeiro foi assumido pela FEAC e o convênio com o SENAI possibilitou a elaboração do conteúdo programático e a emissão dos certificados de aproveitamento.

Formou-se então uma Comissão Administrativa composta por um representante de cada entidade e uma comissão técnica, formada por um técnico de cada entidade para seleção e acompanhamento dos alunos; ficando sob a responsabilidade de uma entidade o controle e recebimento dos recursos financeiros, contratação do instrutor e encarregada de serviços gerais, bem como a prestação de contas aos órgãos envolvidos." (Questionário Administrador)

A oficina, como foi dito, funciona num salão da paróquia que fica desligado da sede da São João Vianney (a sede e a oficina ficam em duas ruas distintas), o local com iluminação não muito adequada é dividido em três ambientes. Primeiro, dividido por armários, estava a sala de tecnologia onde as carteiras eram organizadas em um círculo, tendo a frente a mesa do professor.

A oficina, considerada não muito bem estruturada por meu companheiro de visita¹⁴⁶, tinha ao meio um corredor identificado por faixas amarelas (de segurança) que dividia de um lado as bancadas e algumas máquinas e do outro apenas máquinas. Ao final do corredor estava um depósito/almoxerifado improvisado.

Além de participar das aulas de oficina, os alunos também tem a possibilidade de participar de cursos, palestras e programas agendados pela São João Vianney. Um exemplo que poderia ser citado é de um aluno que atualmente termina o curso de marcenaria no Centro Profissional Dom Bosco, o qual foi encaminhado pela S. João Vianney depois de fazer o curso primeiramente na entidade. Este aluno a partir de um curso de marchetaria em laminas possibilitado pela entidade, montou uma pasta com criações suas a partir daquele curso.

Por ser similar o funcionamento da oficina a que existe na APOT, este será descrito depois, pois nas duas entidades trabalham o mesmo instrutor.

¹⁴⁶ Como já situado anteriormente o professor Zago me acompanhou na maioria das visitas.

Um dos problemas relatados pelo instrutor foi a inadequação do local, as tentativas de arrombamento e a depredação do local (fato que estaria em vias de solução com a construção de uma nova sede que estaria em andamento).



Vianney - 1



Vianney - 2



Vianney - 3

C. ASSOCIAÇÃO PROMOCIONAL ORAÇÃO E TRABALHO

1. A entidade

A APOT como é conhecida teve seu surgimento pela iniciativa do Padre Haroldo J. Rahm, do professor Osvaldo Cândido Ferreira e a socióloga Núbia França, que em 1977 juntos fundaram a entidade filantrópica. Em 1978 batizam de Fazenda do Senhor Jesus o terreno de 300.000m² ganhado, iniciam assim um trabalho terapêutico e de reintegração social voltado aos farmacodependentes e alcoolistas.

Este trabalho atualmente é dividido em quatro programas: Meninos de Rua; Recuperação de Farmacodependentes e/ou Alcoolistas; Criatividade Alternativa e Profissionalização e o Amor Exigente.

A proposta de trabalho é embasado na trilogia Oração (espiritualidade), trabalho e Terapia de Apoio como formas de promover a recuperação e a desintoxicação.

“Um período eles têm a laborterapia, como pode ver não temos faxineiro nada, eles fazem toda a manutenção da casa, inclusive a cozinha. No período da tarde são as reuniões de grupo, terapia de apoio, auto ajuda e amor exigente. À noite espiritualidade. O ponto forte é mesmo trabalhar a recuperação, a desintoxicação”.
(Entrevista Administrador)

O trabalho no programa Meninos de Rua é dividido em quatro etapas, tendo cada uma seu objetivo mais específico:

Etapa 01 – Rua: *“Abordar e cativar as crianças e adolescentes que estão na rua, motivando-os a buscarem novas opções de vida(p.03)”*

Etapa 02 – Casa Aberta: *“A casa funciona como ponta de triagem e encaminhamento para outras etapas do programa ou outras instituições afins(p.04)”*

Etapa 03 – Casa do Meio\Masculina: *“Desintoxicação e tratamento”*

Etapa 03 – Casa de Guadalupe\Feminina: *“Desintoxicação, tratamento e ressocialização”*

Etapa 04 – Casa Jimmy: *“Oferecer a oportunidade de participar em um processo sócio-educativo que possibilite o encaminhamento à escola e à profissionalização, e um possível retorno familiar ou família substituta.”*

Situados na Fazenda Vila Brandina, muitos destes programas e suas etapas, buscam lançar mão de estratégias que dêem uma continuidade ao trabalho desenvolvido para manter a sobriedade do adolescente, acrescentando para isto o desenvolvimento do processo de educação formal e profissionalização, buscando incentivar a continuidade dos estudos e/ou a inserção no mercado de trabalho.

A Casa visitada Clarice Pires Vieira têm como proposta de ação a profissionalização, dando suporte aos programas que necessitam deste trabalho para a reinserção social, mas além de atender os meninos internos atendem também a comunidade local.

2. O curso

E é então que surge o curso de marcenaria como uma das opções de profissionalização.

O curso de iniciação profissional de marcenaria objetiva, de acordo com a coordenadora, possibilitar a ressocialização do aluno dando-lhe opções as drogas e a delinquência.

Dentro de uma bonita área verde, faz parte de um pavilhão(setor profissionalizante) a oficina de marcenaria, onde dentro de linhas amarelas são demarcadas os espaços das bancadas, das máquinas e das ferramentas, onde logo na entrada se encontram em um painel (de aproximadamente 1,6m x 2m de dimensões) completo de ferramentas manuais

Este curso tem a duração de seis meses, onde em algumas máquinas de pequeno porte os alunos desenvolvem uma série metódica de pequenos exercícios (Tábua de carne, banquetta...), que visam desenvolver, cada um, uma habilidade ou um conhecimento específico no trato com a ferramenta, com uma determinada operação ou tipo de construção.

A proposição dos exercícios é feita inicialmente com um desenho na lousa, onde os alunos copiam e posteriormente é passado os cuidados e as técnicas que devem ser seguidas para confeccionar a peça. Não existe uma separação de horários para o ensino da tecnologia ou do desenho, sendo assim estes são ensinados conforme avança as operações.

Os problemas salientados pelo professor foram: o curto tempo para ensinar, a falta de estudo dos alunos, alguns apresentariam, segundo o educador, dificuldades de leitura, de escrita e ainda dificuldades de aprender. Foi salientado também que alguns não tinham interesse pelo curso, pois teriam se inscrito para “fugir” dos serviços (laborterapia) de manutenção.

Este professor da APOT e da Vianney, tem sua formação dada pelo SENAI, com passagem pela indústria, sua atualização seria feita através de contatos com profissionais da área e com os materiais cedidos elo SENAI. Acredita que a marcenaria é uma arte que requer gosto ou dom pelo trabalho.

Os “drogaditos” como são chamados, participam dos cursos já no final do tratamento, no processo de ressocialização. Para chegar a este ponto já passaram por uma triagem, fizeram entrevistas, ficaram quatro meses em uma outra fazenda, onde se dá o processo mais forte de desintoxicação e se tudo correr conforme o esperado ficam mais dois meses na casa Jimmy, sendo acompanhados pelos técnicos (psicólogas e serviço social).

“Aqui é a ressocialização, ele vai mais para a comunidade, pode estar saindo um pouco mais. Nesta semana eles podem estar indo para o shopping, para o taquaral. Durante a semana é isto, de manhã laborterapia, [...] , a tarde são reuniões e a noite tem saídas também num grupo de reforço para o AE (Amor Exigente) e NA (narcóticos Anônimos). Nas saídas tem sempre um monitor acompanhando.” (Entrevista Administrador)

A coordenadora vê a possibilidade como proposta de organizar uma produção artesanal, de maneira que possa ser organizada a venda e o lucro revertido a instituição, visto que a entidade vive de doações e parcerias, passando muitas vezes por dificuldades financeiras.

“A obra sobrevive de doações, alias está passando por uma fase muito difícil, foi dispensado muitos funcionários, tanto que o nosso setor foi o mais afetado com a dispensa. Estamos hoje com a marcenaria e a eletricidade, os outros cursos não existe recursos para dar continuidade.” (Entrevista Administradora)

Já existe além dos trabalhos realizados no curso de marcenaria, os trabalhos artesanais que são desenvolvidos pelos internos, os quais são vendidos em uma barraca na feira de artesanatos de Campinas no Centro de Convivência.

Tendo o trabalho (laborterapia) como parte da recuperação é colocado a dificuldade de contar com os alunos formados para produzir.

“Outro problema aqui para nós é a rotatividade, porque não posso contar com a aluna que fez o curso de costura, pois logo que concluir o curso vai embora, isto quando se poderia contar com ela para produzir. Assim nunca temos ninguém para produzir.” (Entrevista Administradora)

A coordenadora na entrevista se mostrou informada sobre o Terceiro Setor e também relatou conhecer o trabalho feito pela ACOMA na favela Monte Azul.



APOT - 1



APOT - 2



APOT - 3

D. CASA DE MARIA DE NAZARÉ: CASA DOS ANJOS

Rua 2 n.º545 – Jardim Liliza
CEP: 13058-271 Campinas/SP
Fone: 233-6644

1. A entidade.

Este núcleo de atendimento a crianças e adolescentes de 07 à 14 anos, teria surgido a partir de um grupo de oração da Igreja Catedral da cidade de Campinas, a proposta seria encaminhar a ação existente na oração, assim em 1988 fundaram a entidade filantrópica Casa de Maria de Nazaré, voltada inicialmente a atender os meninos de rua que ficavam nas escadarias da Igreja. E em 1989 conseguem inaugurar a primeira casa sede no centro de Campinas, financiado inicialmente pelas promoções feitas pelo grupo de oração, pela renda de uma barraca de doces e salgados instalado na frente da Igreja Catedral e parcerias como a FEAC, a prefeitura e outras.

Financiado em grande medida pela parceria com o Credicard foi construído um bonito prédio com bonitos jardins que contrastam com o que se vê nas favelas e construções na baixada ao lado da casa dos Anjos.

Esta casa dos Anjos foi inaugurado em abril de 1998, esta unidade I situada na região noroeste de Campinas no jardim Liliza atualmente atende 220 crianças e adolescentes carentes ou de rua. A tarefa colocada como papel da entidade é dar, no período em que a criança não está na escola pública, uma alternativa as que ficariam na rua, possibilitando um ambiente “saúdável” e um ponto de apoio alimentar (as crianças recebem alimentação), de lazer e de formação humana.

“Usando uma metodologia construtivista, são desenvolvidos trabalhos sócios-educativos promovendo a criança e o adolescente(...) em seu real ser.

** Áreas de atendimento abrangidas: - social – educação – saúde.¹⁴⁷”*

Nesta casa com aulas de reforço, de evangelização, com brincadeiras, atividades e cursos diversos são atendidas as crianças da região fornecendo quando necessário apoio a família. O local funciona de modo similar a uma escola infantil, com hortas, sala de brinquedoteca, sala de marcenaria ou de artesanato...

“Neste local, cresceu o número de atendimentos e houve o direcionamento do trabalho sócio-educativo, com metodologia de reflexão-ação e com implantação de ensino informal, artesanato, canto, horta, jardinagem e evangelização, em regime semi aberto.(idem)”

¹⁴⁷ Folder da instituição.

2. O curso

Por ser atendido na maioria crianças o trabalho com a madeira se caracteriza mais como um trabalho recreativo, onde o monitor ou alguma criança mais velha devidamente instruída recorta as peças em uma máquina conjugada estacionária modelo hobby, ou recorta as peças nas máquinas manuais, as quais ficam num quarto pequeno (aproximadamente 2m x 3,4m), encaminhando as peças depois para as outras crianças para montar, lixar, colar e pintar em grandes mesas do lado de fora daquele quarto.

O objetivo é que a criança, mais tarde no futuro dela, tenha alguma coisa que fazer. É ensinado para eles a importância de passarem o que eles aprendem[. . .] As vezes têm pais que mal sabem pegar num martelo direito, eles podem ensinar os pais, ajudar as mães. . .”(Entrevista com o Educador)

O monitor formado no Externato São João e ex-aluno do Sr. Zago¹, é que dava as aulas na pequena oficina, tinha participado na sua formação dos programas dados no externato como a capoeira o qual continua freqüentando (não mais no extenato).

Um dos problemas relatados pelo educador seria a grande quantidade de alunos para um monitor, já que existiriam áreas que ofereceriam risco de segurança. Esta seria uma das suas maiores preocupações onde para supera-la sempre usa um aluno mais “evoluído” para auxilia-lo.

“... quando o aluno sair daqui vai partir para o trabalho, porque tudo que ele faz aqui, sempre tem um que brinca, mas mesmo brincando eles procuram fazer a coisa correta, prestam bastante atenção. Acredito que por isso mais tarde quando ele arranjar um serviço ele vai sabe levar o serviço a sério também.(idem)”



Casa dos Anjos - 1

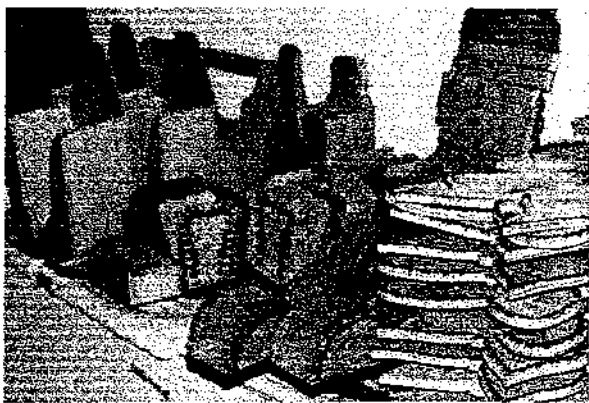


Casa dos Anjos - 2

¹ A visita realmente foi uma visita, pois meu acompanhante Sr. Zago, sem saber, conhecia a coordenadora provisória que nos atendeu, pois ela tinha participado do movimento de cristandade do cursilho e o monitor tinha sido seu ex-aluno na marcenaria.



Casa dos Anjos - 3



Casa dos Anjos - 4

E. CASA DOS MENORES DE CAMPINAS: CIDADE DOS MENINOS

1. A entidade

Nesta entidade não obtive a entrevista nem as respostas dos questionários enviados(motivos particulares da entidade), por esta razão será descrito apenas o funcionamento do curso, obtido através da entrevista com o educador.

2. curso

Nesta instituição abrigo funcionam diversos cursos, entre eles o de marcenaria que se divide praticamente em seis parte, que envolvem o conhecimento geral do profissional, conhecimentos das ferramentas, para isso são confeccionados pequenos exercícios, para depois ir aumentando a dificuldade, como o formicamento de móveis, entre outros a etapa final é o envernizamento (patina, decape...) das peças.

Os alunos, na maioria internos, precisam estar cursando a escola regular e respeitar as normas e disciplinas.

O instrutor entre as instituições visitadas foi o único que aprendeu a trabalhar diretamente na oficina, sem um curso anterior de marcenaria Ele acredita que um bom profissional deve ter raciocínio rápido, ter facilidade de se expressar e entender, ser dinâmico e ter desenvoltura.

O mercado em sua visão procura profissionais que tenham disciplina, que sabe cumprir horários e tenham experiência no assunto.

É neste sentido então que se procura trabalhar, para que os adolescentes tenham possibilidades e obtenham condições de disputar o mercado de trabalho.

O curso funciona com matérias doadas, que ao final conseguem um bom resultado graças aos acabamentos especiais aplicados.

O educador é bem experiente no ramo, pois trabalhou durante anos em varias industrias de móveis. Acredita que a profissão é envolvente, tanto no aspecto profissional como emocional, isto por considerar o trabalho desafiador à medida que surge uma peça que nunca foi feita, sendo gratificante, ao final, o desafio vencido, a obra pronta. Mesmo assim acredita que este trabalho detalhista e de estilo será trocado por maquinarias, perdendo estas características.

F. CENTRO COMUNITÁRIO SANTA LÚCIA

Av. Carlos Lacerda, n.º503

Jardim Sta. Lúcia

Tel. (0__ 19) 227-3080

1. A entidade

Este centro do Jardim Sta. Lúcia surgiu com o Plano de Integração do Menor (PLIMEC) do Governo Estadual (do prefeito Paulo Egidio) em 1978, tinha como objetivo de dar assistência recreativa e alimentícia as crianças e adolescentes.

Este centro foi um dos únicos projetos que continuou a funcionar, pois depois de um ano a FEAC assumiu o trabalho investindo na proposta de integrar a comunidade nestes recursos, transferindo mais tarde o trabalho de administração para a comunidade. Em parceria com a prefeitura e a comunidade foram criados vários grupos e montados diversos cursos de trabalho artesanal, com os cursos profissionalizantes como pedreiro, ceramista, eletricitista e pintor. Posteriormente a FEAC e a prefeitura deixaram o programa e a comunidade passou a geri-la em 1985 (há 14 anos). No mesmo ano em que a comissão de moradores assumiu a entidade criou-se o projeto de profissionalização em marcenaria, com perspectivas de auto sustento, o projeto foi apoiado por uma agência de cooperação no exterior.

"Considerando a necessidade dos adolescentes de ingressarem no mercado de trabalho para auxiliar suas famílias no orçamento doméstico e a dificuldade de conseguirem um emprego o Centro Comunitário partiu para um curso de qualificação profissional, onde o aluno possa apreender um ofício e ter crescimento pessoal. Orientação quanto aos direitos e deveres, vivência grupal e comunitária, buscando a interação social."
(Questionário administradora)

O programa atualmente é regido pelos próprios moradores do bairro, através da assembléia de comissão de moradores, a diretoria a coordenação a equipe técnica e os funcionários, os doze diretores existentes são da própria comunidade, a entidade é mantida através dos sócios contribuintes, promoções e das parcerias com a FEAC, a prefeitura (fundo municipal), o SENAI e a secretária do Estado. E mantem diversas parcerias no atendimento de seus adolescentes (SENAI, SESI, SENAC, FEAC, CPFL, COMEC, CPDB).

Atualmente os objetivos colocados pela entidade são:

- Proporcionar atividades sócio-educativas as crianças e adolescentes que ficam sozinhos, no período que não estão na escola.
- Contribuir na formação da pessoa e do cidadão.
- Contribuir na formação das dificuldades de aprendizagem possibilitando melhor desempenho escolar.
- Proporcionar outras formas de conhecimento e expressão cultural.

■ *Promover cursos de iniciação profissional.*

Os maiores problemas colocados pela entidade seria com a venda dos produtos fabricados; a desistência de alunos por causa de ter arranjado emprego ou “bico”; a verba para melhorar o espaço, dar bolsas para os alunos e melhorar os equipamentos; e a falta de interesse dos pais e a última colocada foi inesperadamente a dificuldade de montar uma cooperativa.

Hoje a entidade têm três programas: um programa de educação para o trabalho que são os cursos profissionalizantes de datilografia e de marcenaria, o outro é o encaminhamento para o mercado de trabalho para os adolescentes, existe também de maneira diária as reuniões nas rodas, onde todos os dias os alunos sentam numa roda e vão discutir as coisas que acontecem a sua volta.

“Todas as ações sócio educativas realizadas pela entidade visa contribuir para o desenvolvimento e crescimento pessoal, interpessoal e para o exercício da cidadania ativa, para a melhoria na qualidade de vida. Uma das ferramentas utilizadas são as dinâmicas, vivências psicodramáticas, jogos, brincadeiras, etc.” (Questionário Administrador)

2. O curso

O curso tem a duração de um ano, onde neste ano o aluno deverá apreender noções de segurança do trabalho, as habilidades manuais para o desempenho de sua tarefa e a higiene com seu ambiente, deverá para isso conhecer o ferramental, a maquinaria disponível tudo isto através da execução de tarefas ordenadas na série metódica (macete, tábua de carne, banquinho, tamborete, mesa para telefone).

A entrada da oficina de marcenaria deste Centro comunitário fica do lado de fora, onde logo no início existem as carteiras e lousa como uma sala de aula (com as cadeiras organizadas em círculo) e sem divisão ao lado tem – se a oficina, atualmente existe uma turma no período da manhã, ficando a oficina a tarde vazia, (a coordenadora lamenta não ter conseguido colocar ainda em funcionamento neste período).

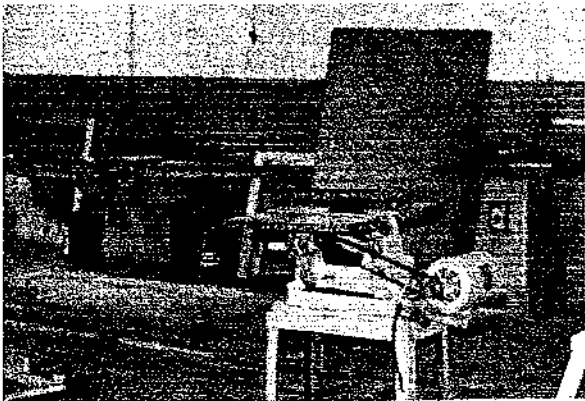
A oficina tem quase todas as máquinas necessárias para uma oficina, sendo que algumas delas são de modelo hobby, o exercício é proposto ao aluno anteriormente nas aulas de tecnologia, onde é feito um estudo para fazer a peça.

“A tecnologia e a pratica andam lado a lado. Antes de iniciar a tarefa, o aluno terá aulas de tecnologia, sobre todas as operações desconhecidas.” (Entrevista Educador)

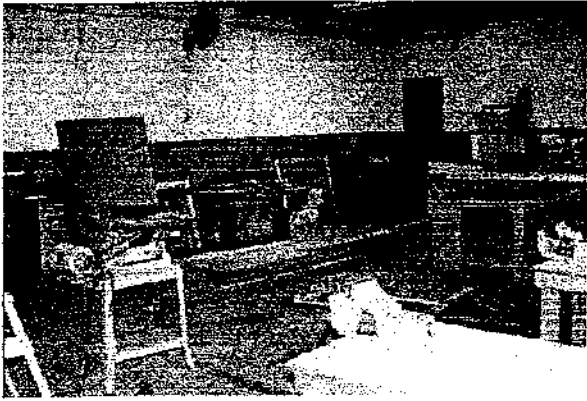
O educador formado em marcenaria no CPDB deixou seu trabalho no banco para se dedicar ao trabalho em marcenaria:

“Eu me considero uma pessoa de sorte, pois com a marcenaria eu consegui unir o útil com o agradável, ou seja, sobreviver fazendo o que eu gosto, sendo mais gratificante

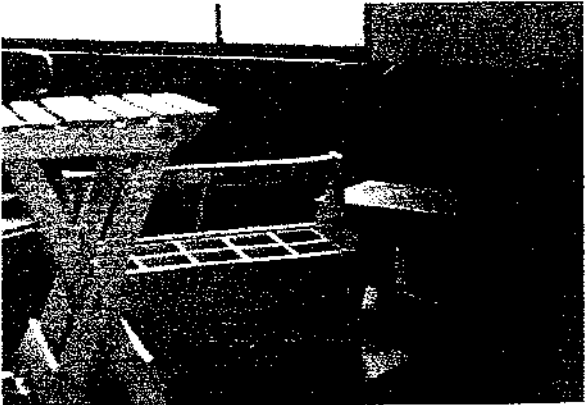
ainda passar um pouco dessa experiência para os adolescentes.” (Questionário Educador)



Sta. Lúcia1



Sta. Lúcia2



Sta. Lúcia3



Sta. Lúcia4

G. CENTRO INTEGRADO NAIR VALENTE DA CUNHA

1. A entidade.

Este centro surgiu no governo do prefeito de Campinas Magalhães Teixeira, localizado logo acima de uma favela (no Cafezinho).

O prédio antes ocupado pelos “guardinhas”, funciona duas partes distintas, a primeira é uma Escola Municipal de Ensino Infantil que atende crianças do bairro e na outra o núcleo que atende crianças de sete a quatorze anos com espaços de lazer, atividades, reforço e ensino profissional que atende aos adolescentes e a seus pais (cursos de costura, manicure e cabeleireiro, datilografia), distante dos dois prédios se encontra a escola de marcenaria que estaria mais associado ao núcleo e o ensino profissional deste.

A clientela atendida por esse curso são adolescentes carentes que estudam em outro período na escola regular, com a idade entre 14 à 17 anos (completo)

O fundador e incentivados dos cursos profissionais foi o Sr. Roberto Frate, que trabalhava como diretor da FUMEC na prefeitura municipal de Campinas, onde os cursos eram mantidos pela promoção social.

As quadras de esporte são utilizadas pela comunidade e pelos alunos.

Como a visita foi diretamente a oficina, que estava parada, pois haviam roubado alguns motores das maquinas e o apoio do Sr. Frate eleito vereador ficou mais difícil na mudança de governo, os dados sobre a entidade foram curtos, pois a entrevista foi feita apenas com o educador Zago que .

2. O curso

É importante salientar que o trabalho na oficina e sua diretrizes não é tanto marcada pela entidade ou mesmo pelo SENAI, pois o educador já mencionado foi um dos responsáveis para abrir e manter o mesmo deixando o trabalho e organização do seu modo.

Esse curso foi inicialmente criado com o intuito de tirar as crianças da rua nos períodos em que não estava na escola e também auxiliar o adolescente a montar seu projeto de vida visualizando melhorias para ele.

O curso de iniciação em marcenaria é dividido em quatro etapas de 102 horas, onde os exercícios propostos tem uma graduação de dificuldades, como Educador o Sr. Zago procura seguir a mesma filosofia de D. Bosco, entende que nesta filosofia a formação humana deve estar integrada ao profissionalismo, portanto ao ensino profissional.

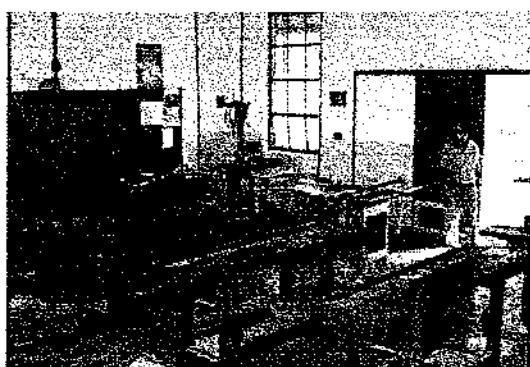
“A vida vale muito mais que a profissão, por isso, é necessário que o indivíduo realize-se como cidadão, ser humano e filho de Deus primeiramente, para juntamente a isso se realizar no serviço profissional e ser um indivíduo social autêntico.” (Entrevista Educador)

Antes de propor o exercício é procurado mostrar o valor daquilo que o aluno deverá fazer, para depois passar o desenho do exercício na lousa e trabalhar as técnicas de confecção do mesmo.

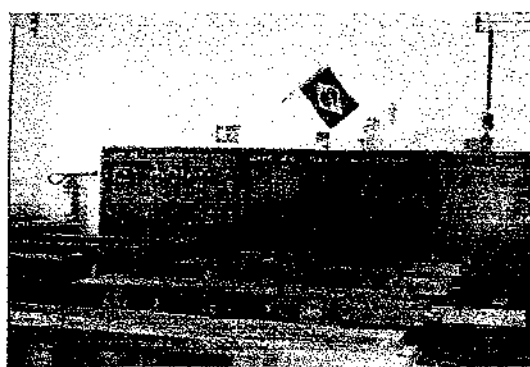
“...dar valor ao que faz profissionalmente e manualmente e se valorizar com gente sentindo-se útil.” (Entrevista Educador)

Com uma visão engrandecedora da marcenaria o “seu Zago”, como é chamado, deu aula, em um determinado período, na marcenaria e depois deu aula de formação humana no CPDB, assim sua formação mistura uma ideologia artesã e religiosa.

“... a marcenaria enobrece o homem, além de ser uma terapia de valores pois, a medida que vai se fazendo um móvel dá-se valor aquilo feito a própria imagem de quem o criou, tornando-o um artista. (Entrevista Educador)”



Nair Valente - 1



Nair Valente - 2



Nair Valente - 3

H. ESCOLAS SALESIANAS

1. PROPOSTA PEDAGÓGICA

As escolas salesianas se pautam na pedagogia da presença, ou seja, no chamado sistema preventivo de Dom Bosco¹⁴⁹, formulado a partir dos documentos escritos por ele e por documentos escritos pelos seus “discípulos” a partir do seu modelo.

“O método pedagógico que criou se baseia na participação do mestre na vida do discípulo, “colocando-o na impossibilidade de cometer faltas”, e deve ser compreendido mais como um meio de manter juntos o educador e o educando do que como um plano de princípios e normas pedagógicas. Convicto de que só a bondade educa, o sistema procura desenvolver as faculdades afetivas do educando, transferindo-lhe o sentido do dever pela continuidade das boas práticas. Assim, João Bosco é o apóstolo da educação pelo amor, e sua pedagogia a da brandura e da convivência feliz.” ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Esta metodologia prega a participação e constante presença do educador na vida do aluno, mas não como um vigia dos alunos e sim como um amigo que quer o seu bem (e o ama). Para isso seria necessário abdicar dos métodos repressivos, este método nesta visão não mudaria o comportamento do educando, fazendo-o agir de uma determinada maneira apenas quando a autoridade autoritária estivesse presente e quando recebesse o castigo. Se sentindo reprimido por não compreender e/ou não concordar com as regras o aluno se revolta e protesta nem sempre da melhor maneira, não tendo realmente uma formação. Isto deveria ser substituído em pró de um método preventivo que colocaria a criança na impossibilidade de cometer o erro por causa da presença significativa do educador em seu meio.

Isto seria possível a partir do desenvolvimento de um complementar e indistinto tripé:

- A Razão - o educador no desenvolvimento da formação e no estabelecimento de regras e normas, deve sempre levar em conta a consciência do entendimento dos porquês das coisas funcionarem de uma determinada maneira e não de outra, as capacidades de compreender, apreender, confrontar, analisar, sintetizar, raciocinar, adaptar-se, inventar, escolher, ordenar, decidir... devem ser

¹⁴⁹ “São João Bosco: Giovanni Melchior Bosco nasceu em 16 de agosto de 1815 em Becchi, perto de Turim, na Itália. Ordenou-se em 1841 e logo iniciou sua obra de educação de crianças, por influência de São José Cafasso. De Turim, sua ação pedagógica se irradiou por meio da Pia Sociedade de São Francisco de Sales, fundada em 1859, e do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, que fundou com Santa Maria Mazzarello.” ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

estimulados para fomentar um relacionamento entre as pessoas a partir do diálogo apoiado no intelecto.

▪ A Religião – neste aspecto se parte do pressuposto que todo ser humano tem e busca uma espiritualidade necessária, esta espiritualidade humana (num clima religioso) transcende como guia na procura de um sentido da vida numa plenitude e isto é oferecido pela religião (no caso a católica), que junto com a razão (tomismo) busca coerentemente fundamentar o bem, a solidariedade, a liberdade, a piedade, a justiça, a compaixão, a comunhão... e outros valores, encaminhando a pessoa para salvação do espírito, sem a distinção e dicotomia entre a vivência da realidade do mundo do jovem (e seu ambiente) e a vivência e necessidade espiritual do mesmo.

▪ A “Amorevolezza” – termo italiano que não encontraria tradução no português, onde poderia estar contido neste a afeição, a cordialidade, a amabilidade, o carinho, empatia e amor. Esta última pilastra prega que não há como ter uma aproximação educativa do jovem, se este não confiar nas reais intenções do educador, e mais, não há possibilidade de real aproximação se o educador não tiver uma afeição, uma cordialidade para com esta criança, adolescente ou jovem. Prezar estes sentimentos para com o educando não basta, é necessário também demonstrar este afeto e corrigir com carinho sendo razoável, sem atitudes vexatórias, humilhantes ou depreciativas.

“- ter idéias claras e posições firmes, mas sem autoritarismo e imposição. A amorevolezza não pode ser confundida com fraqueza, 'laissez faire', falta de orientação ou renúncia a posicionamento próprio. Expressa-se, positivamente, em atitude construtiva e paciente de diálogo e persuasão, evitando qualquer forma de sujeição, de pressão emotiva, de chantagem sentimental. É uma prática pró-ativa que dá segurança, estimula à constância e à convicção.

- tomar a iniciativa de aproximação, dar o primeiro passo, ir ao encontro do jovem com espontaneidade e simplicidade, entender e falar a sua 'linguagem'. A amorevolezza elimina formalidades que geram distâncias. 'Gostar daquilo de que os jovens gostam' – dizia Dom Bosco – é fator que gera aproximação e confiança.

- criar um ambiente espontâneo, onde as normas regulamentares sejam reduzidas ao mínimo necessário, onde os jovens possam manifestar-se com liberdade e naturalidade, em sua alegria, movimento e agitação. 'Dê-se ampla liberdade... contanto que não se cometa o pecado.' [...] 'Proceda de tal modo que todos aqueles com os quais fala tornem-se seus amigos.' [...] 'Recomenda a todos os educadores que dirijam os seus esforços para fazer-se amar e não fazer-se temer.' [...] 'Repito-vos, não vos esqueçais jamais da ternura no agir; conquistai os corações dos jovens por meio do amor.' ¹⁵⁰

¹⁵⁰ Cartilha do curso de pedagogia salesiana.

2. EXTERNATO SÃO JOÃO

Rua José Paulino, 479 - Centro
Campinas/SP CEP : 13013-000
Telefone: - (0__19) 231 2601/231 2644

a) A entidade

*"Missão: Reinserir na sociedade adolescentes que estejam em regime de liberdade assistida ou cumprindo medidas de prestação de serviços reencaminhando-os às suas famílias e à escola, orientar jovens ao trabalho e fortalecer e orientar famílias de baixa renda."*¹⁵¹

A entidade Externato São João surgiu quando os salesianos (e em particular a inspetoria salesiana) voltando-se a filosofia de Dom Bosco, perceberam que existia na cidade de Campinas três escolas voltadas as classes média e classe média alta e nem uma voltada prioriticamente as de classe baixa, assim foi fechado a escola particular Externato São João e em 1994 iniciou-se a primeira obra Salesiana de Campinas financiado pela Escola Nossa Senhora Auxiliadora (o Liceu Salesiano), se investindo nas pessoas em situação de exclusão.

O objetivo inicial do Externato era tirar a criança e o adolescente da rua, atualmente se almeja o trabalho preventivo já que de acordo com a pedagoga o trabalho educativo devido as drogas (o craque principalmente), a violência já não são mais suficientes para tira-los da rua.

O objetivo educativo estaria contido na frase de Dom Bosco "Educar bons cristãos e honestos cidadãos. O trabalho preventivo para isso seria desenvolvido nos conteúdos transversais que inclui a prevenção as drogas, a orientação sexual, o desenvolvimento da consciência negra (os quais são a maioria da clientela), o ensino religioso e reforço escolar.

Os adolescentes de 13 à 18 anos incompletos (com exceções) são provenientes das principais favelas de cidade¹⁵², quase todos sem estrutura familiar, só moram com as mães, alguns com as avós, outros saem de casa devido ao padrasto. A maioria das famílias é sustentada pela "Renda Mínima" (da prefeitura) pois são desempregados. A maior dificuldade é manter o adolescente, que é instável, freqüentando a entidade, pois a desestrutura familiar o afeta em grande medida.

¹⁵¹ <http://www.filantropia.com.br/entidade120.htm>

¹⁵² A maioria são provenientes das favelas do São Marcos, Parapanema, do Vida Nova e Vila Vitória, do parque Ozziel

Os trabalhos desenvolvidos são inicialmente feitos nos núcleos na periferia de Campina, onde desenvolvem a disciplina, coordenação motora, respeito ao próximo, etc. “Muitos não tem noção nenhuma de regras, de limite” .

Já na escola no centro da cidade junto com a prefeitura (FUMEC) é dado o supletivo (são fornecidos os passes de ônibus, lanche, etc.) e diversas outras atividades conforme o envolvimento do adolescente.

Os trabalhos realizados no Externato, na unidade do centro da cidade são divididos em 3 fases, na primeira são desenvolvidas a lógica matemática e o raciocínio lógico, a segunda a leitura, a escrita, o trabalho em grupo e também apreendendo também a fazer movimentações bancárias, a tirar documentos, como se portar diante de uma entrevista, como elaborar um currículo, quais são as atividades que o mercado de trabalho oferece, em qual destas (atividades) que você se encaixa neste momento,...,coisas básicas. Na terceira fase o objetivo é com computação básica sair com o currículo completo, , orientação ao trabalho.

O aluno que se destacarem nestas três fases poderá ingressar no “Externart” e o grupo IleAxé, onde poderá participar de grupos de danças, da diagramação do jornalzinho da casa.

O externato desenvolve uma rede de parcerias com instituições como o SENAC(programa de educação para o trabalho), o CRAÍSA (Centro de atendimento a saúde do adolescente, o SOS adolescentes (fornece cursos como os de formação de multiplicadores e outros), a EMDEC a Escola Salesiana São José, Secretária de Cultura do estado que fazem o atendimento de seu alunos e o prolongamento do seu trabalho.

b) O curso

O curso de marcenaria está atualmente desativado por causa do insuficiente numero de bancadas e espaços de trabalho, em relação a quantidade de alunos¹⁵³, e também pelas dificuldades apresentadas pelos alunos, com relação ao nível de exigência que foi posto para o trabalho na oficina, pois é difícil desenvolver algum projeto quando os alunos ainda não sabem ao menos medir.

Por causa disto as aulas estão sendo de teoria, onde são estudados os cuidados necessários, a disciplina, a medição no trabalho, etc. Mostra-se o valor e a importância de se fazer a peça com atenção aos detalhes. A atividade de marcenaria

não tem um fim em si mesmo, e sim se coloca como um meio, na fase I, para desenvolver a matemática, valores e formação, um dos objetivos principais é clarear a opção profissional do aluno. A oficina de marcenaria não tem o objetivo profissionalizante, é usado mais para desenvolver a concentração, as habilidades manuais, desenvolver a auto estima (que é muito baixa) a partir da percepção que a criança consegue construir alguma coisa, através de trabalhos artesanais.

O curso foi montada porque já funcionava a marcenaria na escola (particular) que dava a manutenção da casa, então foi aproveitado as máquinas e as ferramentas existentes, junto com as doações feita pela Escola Salesiana São José de bancadas para dar estrutura, e a marcenaria e o artesanato favoreciam o trabalho com a clientela inicial, (1994-1996) que tinham muita dificuldade em se concentrar, *a atividade manual, de estar tendo um objeto na mão, de estar agindo sobre ele, era muito interessante, naquela época o auge era a marcenaria e o artesanato, não se falava em temas transversais em reforço escolar, porque não era aceito pelos adolescentes com que agente trabalhava, estes trabalhos artesanais, mais manuais já eram mais aceitos...* (Entrevista com pedagoga).

Se tem a idéia de futuramente, enquanto instituição, que a marcenaria, o artesanato, possa existir ainda enquanto uma oficina de produção, onde os trabalhos poderiam estar sendo expostos ou até mesmo sendo vendidos.



Externato - 1



Externato - 2

¹⁵³ Esta sendo construído um novo prédio para a profissionalização.

3. ESCOLA SALESIANA SÃO JOSÉ - CENTRO PROFISSIONAL DOM BOSCO

Av. Almeida Garret 267 – Jd. Nossa Sr.a Auxiliadora

Campinas/SP CEP : 13087-290

Tel.: (0__19) 744-3000

a) A Entidade

Inicialmente a Escola Salesiana São José nasceu como Associação Agrícola de Educação e Assistência, sendo construída a partir de 1948 e inaugurada em 1952, em 1962 houve a inauguração na ampliação dos pavilhões do curso de mecânica e do pavilhão do curso da marcenaria.

Além dos trabalhos nas plantações existia os cursos profissionais de mecânica, carpintaria, sapataria, alfaiataria e tipografia.

Quem se encarregava e comandava o ensino eram os Irmãos Coadjuutores, salesianos assim como os padres consagrados para a vida religiosa, só com a diferença de serem consagrados ao trabalho religioso, não celebrando missas.

Os alunos recebidos pela escola ate 1960 eram alunos internos que residiam na escola depois deste ano foi aberto o curso primário e o ginásio industrial pagos a alunos externos.

Nos anos de 1967 e 1968 com a colaboração do MEC foi instalado os cursos intensivos de preparação de mão de obra industrial.

A Escola Técnica de Telecomunicações de Campinas (ETEC) foram abertas em 1972 com os cursos de 2º grau de Eletrônica e de Telecomunicações, este último sendo substituído já em 1986 pelo curso de Processamento de Dados.

Em 1976 a Escola reorganizou a promoção social mediante os cursos profissionais que substituíram o Ginásio Industrial, que funcionou até 1978, ano em que fechou-se definitivamente o internato.

Os cursos de marcenaria, mecânica e eletricidade gradativamente foram reduzidos de 4 anos para 2 anos (o curso de datilografia funcionou de 1978 à 1982), estabilizando-se com esta duração em 1982.

A FASTEC (Faculdade Salesiana de Tecnologia) que surgiu como um projeto de um curso superior de tecnologia em 1982 fora implantado em 1987 (sendo incorporado posteriormente a UNISAL) com as habilitações em Eletrônica Industrial e Instrumentação e Controle, com três anos de duração.

Em 1988, celebrou-se um convênio com o SENAI para um Programa de Iniciação Profissional do Menor, foi aberto no mesmo ano com a doação da infraestrutura pela VITAE, Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social, assim os cursos profissionalizantes se estabeleceram com a sigla CPDB - CENTRO PROFISSIONAL DOM BOSCO.

Em 1992 foram abertas 60 vagas para o novo curso de Desenho de Maquinas, e foi acrescentado as disciplinas da grade curricular (Oficina, Tecnologia, Desenho e Ensino Religioso) a Educação Física, com a intenção de melhorar o desempenho motor do aluno e acabar com os problemas de relacionamento, referente a esta matéria dada nas escolas públicas no mesmo horário dos cursos, a qual os alunos freqüentavam em período alternado.

b) Centro Profissional Dom Bosco

O Centro Profissional Dom Bosco (CPDB) é mantido pela Escola Salesiana São José e profissionaliza gratuitamente jovens e adolescentes selecionados como "carentes". Este centro funciona no mesmo ambiente da escola particular, com uma clientela paga que vai do ensino primário ao universitário.

Se objetiva a princípio, por meio de seus cursos, facilitar o acesso dos alunos provindos das camadas de baixa renda ao mercado de trabalho, aumentando a sua condição de sustento e de maiores possibilidades de mobilidade social. Ou seja, visa-se o "direito" destes adolescentes se prepararem para o mundo do trabalho.

Parte-se do pressuposto que os próprios alunos possam alavancar, através de uma profissão, uma renda melhor (por exemplo no financiamento de seus estudos, através de um emprego, no trabalho autônomo, no trabalho informal...), ou mesmo uma outra profissão que tenham maior afinidade.

A seleção dos alunos é realizada a partir dos critérios de idade, escolaridade e renda per capita, objetivando o melhor aproveitamento do curso e a escolha de família de jovens e adolescentes com menor renda.

Quanto a esta seleção de alunos, existe um convênio com entidades ligadas a FEAC (Federação das Entidades Assistências de Campinas), que encaminham os seus assistidos (em varias entidades estes fazem cursos pré profissionais) para se profissionalizarem, dando continuidade aos trabalhos feito pelas instituições, na qual estes se preocupando com a questão da verificação da renda per capita da seleção.

Os alunos encaminhados pela FEAC junto com os alunos regulares das escolas públicas participam de uma orientação profissional, com visita as oficinas e posteriormente é feito pelo Serviço Social a entrevista com as famílias.

Os cursos atuais do Centro são os de Costura Industrial, Marcenaria, Eletricidade (com iniciação em eletrônica e automação), Mecânica (com iniciação em programação de CNC e Centro de Usinagem) e Desenho de Maquinas (com o trabalho em programas de CAD).

Além das salas de aulas comuns (carteira e lousa) todos os cursos possuem seus laboratórios ou oficinas com diversificados tipos de máquinas e programas, no caso do desenho, sendo que um dos projetos futuros é que todos os cursos passem pelo trabalho no laboratório de informática. As últimas aquisições de peso para os cursos foi uma sala de metrologia, máquinas CNCs (torno de controle numérico computadorizado) e de Usinagem e outro laboratório de informática.

As matérias que integram agora a grade curricular é oficina (ou laboratório), a tecnologia dos materiais e instrumentos, o desenho técnico, a matemática aplicada (ou de reforço específico), o ensino religioso (voltado a filosofia) e a educação física.

Além destas atividades existem outras atividades obrigatórias ou não, como as festas e confraternizações realizadas pela escola, a participação da Open house (uma feira de exposição de produtos do mercado e exposição dos trabalhos dos alunos) os trabalhos da pastoral que buscam o desenvolvimento da espiritualidade (como os Dia Da Turma ou DDT, realizado em uma chácara), os esportes e os Bons Dia (e Boas Tarde), que tratasse de uns cinco minutos a cada inicio de atividade do período onde se realiza reflexões rápidas e avisos necessários.

A permanência do aluno no curso é assegurada basicamente através do acompanhamento das faltas na ficha individual do aluno pelo serviço social, que quando percebe faltas continuas (três faltas seguidas), ou é avisada pelo professor, entra em contato com a família para descobrir o motivo, quando é notado a falta de compromisso do adolescente o serviço social busca trabalhar como orientadora educacional analisando com o aluno a importância da sua presença, quando é o caso de desistência o contato com a família é essencial para trazer o aluno de volta se possível.

As regras de funcionamento são bastante trabalhadas inicialmente por se tratar de um curso profissional, onde o adolescente mexe com máquinas e onde os cursos

têm orientação de facilitar a inclusão no mercado de trabalho, assim nota-se dificuldade inicial do aluno no acompanhamento das regras como; não esquecer e conservar o material de cada disciplina, se portar com segurança e com postura profissional nas oficinas, ter e usar o EPI (equipamento de proteção individual), realizar os trabalhos necessários e não faltar.

c) O curso

Este curso de marcenaria tem a duração de dois anos, onde no primeiro existe uma série metódica de exercícios que visam desenvolver e aprimorar as habilidades básicas do aluno no decorrer deste primeiro ano, no manejo de ferramentas manuais, n o manejo de máquinas de pequeno porte e ao final de médio porte e através destes pequenos exercícios¹⁵⁴, procura-se também fornecer informações básicas para a construção de estruturas (colagem, caixote, encaixes...).

No segundo ano não existe uma série metódica de exercícios que o aluno deva seguir, sabe-se que no mínimo o aluno deverá fazer dois móveis de pequeno e médio porte ao total, onde normalmente o primeiro é feito com grande parte da sua estrutura em madeira maciça e o segundo é feito já com grande parte em semi acabados¹⁵⁵, ao final o aluno deverá saber trabalhar com todas as máquinas da oficina e realizar diversos tipos de encaixes, podendo construir móveis. Por causa da escola não ter uma estrutura montada para venda, se procura fazer estes móveis sob encomenda, principalmente para o próprio aluno que paga somente o material para compra-lo, ou para pessoas que conheçam o trabalho que é realizado. Em geral os móveis são de boa qualidade apesar de serem feitos por aprendizes (é claro que algumas vezes acabam por necessitar de um acerto).

O aluno na maioria das vezes faz do projeto inicial, que é muito detalhado para evitar o erro e facilitar o trabalho, até o acabamento (envernizamento) final. O educador passará para estes alunos as medidas básicas e alguma outra informação que lhe permita desenvolver o projeto.

As outras informações o aluno deverá obter a partir das outras aulas como a matemática, a tecnologia e o desenho aplicado a marcenaria.

¹⁵⁴ Os exercícios desta série metódica são: Cabo de martelo, cabide, quadro porta foto, estojo malhetado, caixa com alça e banquetas

¹⁵⁵ Madeiras pré manufaturadas, que são passadas por processo industrial para processa-las deixando-as com medidas padrões para uso, exemplos: compensados, MDF.s, treliças....

A marcenaria ao total tem quatro ambientes de trabalho, além das salas comuns aos outros cursos, são eles o depósito de móveis e semi acabados, o depósito de madeiras, a sala de máquinas e a sala de bancadas. Existe um grande rol de ferramentas e máquinas¹ para o curso e para a produção, já que a oficina (com pessoal a parte) também é responsável pela produção e manutenção da casa.

O curso aparentemente busca um novo fôlego e novos caminhos, vivendo um momento de definição e reformulação (ou apenas de organização).



CPDB - 1

CPDB - 2

CPDB - 3 - 4



CPDB - 5



CPDB - 6



CPDB - 7



CPDB - 8

¹ Tupias, torno, serras (de fita, tico-tico, angulares e esquadrejadeiras), respigadeiras, lixadeiras, furadeiras e máquinas para afiação, além das máquinas manuais elétricas.

V. CONCLUSÃO

A. ANÁLISE E QUESTIONAMENTO DOS DADOS.

1. Comprovação.

A marcenaria remonta sua origem a partir da idade média baseada no trabalho manual, que exigia habilidades artísticas para construir móveis (através da utilização de ferramentas e máquinas-ferramentas). Se percebe que este ofício, mesmo hoje, guarda algumas destas antigas características, tendo por base ainda:

- O trabalho manual
- O trabalho na construção de estruturas
- A habilidade e destreza no trabalho
- O trabalho artístico

Os fatores relacionados a valorização do marceneiro, na indústria moveleira, continua sendo referente as habilidades e destrezas manuais demonstradas pelo trabalhador, para construir estruturas com qualidades artísticas e estéticas. No entanto no decorrer de sua história de trabalho na indústria isto foi relativizado, deixando para o marceneiro apenas a exigência do trabalho e dos valores necessários a produção fordista: disciplina, atenção, obediência, ritmo acelerado, segurança e a parte dita prática do trabalho de massa sem qualificação.

A exigência (e o valor) da habilidade e da destreza, é deixada a cargo do escultor nascido das Belas Artes (o operador das máquinas da indústria moveleira precisa de pouca ou nenhuma habilidade); a exigência do trabalho artístico de criação, que pensa o estilo, a estética e utilidade é deixado a cargo do arquiteto, do decorador e mais atualmente do designer; por fim, a exigência dos conhecimentos “teóricos” para construir, fica por conta dos técnicos e engenheiros que fabricam as máquinas e organizam os layouts das fábricas, sistematizando a gerência de produção e a forma de construção.

A partir do cenário explicitado quais seriam as limitações e possibilidades deste ofício, em relação ao ensino do trabalho nas instituições de caridade e filantropia (ou Terceiro Setor).

“ Se como Marx, consideramos o trabalho como ‘uma atividade adequada a um fim’, estamos supondo o trabalho como característica essencialmente humana, como o que identifica o homem e diferencia do restante da natureza. Isso porque só ele é capaz de estabelecer objetivos, calcados em valores, e busca sua concretização¹⁵⁷” (p. 29)

furadeiras e máquinas para afiação, além das máquinas manuais elétricas.

2. O não trabalho na infância.

A primeira coisa a se analisar seria o papel do ensino de um ofício ou trabalho frente a um discurso de “não-trabalho” a infância.

A infância é o período de crescimento do ser humano, que vai do nascimento à puberdade, onde dentro de nossa consciência e legislação politicamente correta, associa-se a uma noção de sujeito de direito, ou seja, cidadã de direitos e deveres, mas com uma condição peculiar a mais, a de pessoa em pleno desenvolvimento.

Numa concepção burguesa, o trabalho e a infância nunca deveriam se misturar, só que em classes desfavorecidas não é bem assim. De acordo com o estudo de Tania Dauster em uma favela carioca o trabalho infantil é naturalizado e até legitimado. *“Trabalhar desde cedo é regra, um princípio de socialização. [...] A necessidade [do trabalho] é transmitida como reciprocidade e valor na dinâmica das relações familiares.”* (p.34)

Conhecendo estas duas visões de trabalho nos perguntamos se tinham valor os discursos sobre respeito às normas, ao sentimento de ordem, ao estímulo a família e o amor ao trabalho feito pelas instituições caritativas e filantrópicas, levantados por Marcílio, que promoveram e aliciaram ao trabalho os meninos e meninas em situação de abandono.

Muitas análises contra o trabalho infantil defendem que a criança não deva se aproximar do mundo adulto, elas deveriam ser criadas numa realidade “fantasia”, quase mística, fazendo-as viver num mundo sem responsabilidades, compromissos ou esforço.

Mas e de repente quando a criança atingir uma determinada idade em que deixa de ser considerada criança, não será cobrado todas as atitudes que antes não lhe eram necessárias; como se a “maturidade” se desenvolvesse de um modo automático, estanque e individual.

A reflexão sobre este fator se faz importante para não se banalizar a discussão sobre a exploração infantil, e de não se tomar o conceito do trabalho como sinônimo de algo ruim.

3. O trabalho infantil não alienado.

Apesar do sentimento de infância ter sido construído historicamente¹⁵⁷, a criança inegavelmente, dentro das sociedades possuiu e possui as suas “especificidades” de pessoa em pleno desenvolvimento físico, mental, emocional,

¹⁵⁷ PARO, Vitor Henrique. Uma Teoria para Gestão Democrática da Escola Pública – 1998.

¹⁵⁸ Ver Áries.

social, moral e cultural, isto independentemente deste direito ser velado ou não pela sociedade.

É na fase infantil que a criança aprende a andar, a falar, a significar (o mundo), a se comunicar, a conhecer e a conviver dentro do grupo social. Pode ser que mais tarde estas tais habilidades humanas se desenvolvam melhor (ou pior), mas o que seria delas sem um desenvolvimento inicial satisfatório. Se o andar não se desenvolver satisfatoriamente na infância e o correr na adolescência, o que será das habilidades dos jogadores profissionais de futebol.

Quando pensamos a criança hoje, pensamos na sua educação (escolar ou não) e por consequência nos valores tomados como ideais numa sociedade¹⁵⁹ (conscientemente ou não) para ser transmitido, e quais os valores que são eleitos quando se submete o conceito do trabalho como uma coisa menor, uma coisa não intelectual, sem valor?

4. O trabalho educativo

Não é defendido aqui o absurdo que qualquer trabalho seja bom para a criança, nem que o trabalho em si tem um princípio educativo, pois esta consideração seria de “domesticação”, mas sim corrobora-se com Pistrak quando este defende, a construção de um fundamento de uma escola do trabalho onde - “O trabalho é um elemento integrante da relação da escola com a realidade atual, e neste nível há fusão completa entre ensino e educação. Não se trata de estabelecer uma relação mecânica entre o trabalho e a ciência, mas de torná-los duas partes orgânicas da vida escolar, isto é, da vida social das crianças.”

É perceptível como este autor coloca a escola ligada a ciência, e o trabalho ligado a vida social, não “infantilizando” as relações nas escolas e não separando a vida produtiva material da intelectual.

De acordo com Antonio Carlos Gomes da Costa *“O trabalho educativo é aquele em que a dimensão produtiva está subordinada à dimensão formativa. Isto quer dizer que, neste tipo de trabalho, o produto mais importante é o trabalho consciente do seu papel de agente da sua história e da história da classe social e do povo - nação a que pertence.”* Isto como princípio não se pode conceber sem validade.

A escola neste quadro se configuraria, como um dos melhores lugares que pode trazer o trabalho realizado pela criança, para ser pensado e analisado, dentro de paradigmas educacionais de desenvolvimento integral, sem negar o meio e os valores existentes da cultura provinda das famílias das crianças que trabalham.

¹⁵⁹ Que não é neutra.

Poderíamos dizer que não é possível tolerar crianças trocando sua infância e seu pleno desenvolvimento, pela exploração do trabalho alienado, para garantir sua sobrevivência.

É necessário fomentar uma nova proposta de trabalho, que seja uma atividade adequada a um fim. Fim este, não alienado das necessidades destas pessoas em pleno desenvolvimento, tendo assim sentido para as crianças e adolescentes, e desta forma sendo condenado toda e qualquer outra exploração e alienação (e de direito), seja pelo trabalho, seja por outro meio qualquer.

Agora frente a esta análise e concepção, volta-se a pergunta: como se desenvolve a preparação para o trabalho de marcenaria (nas entidades), e quais os valores que relacionados a idéia de trabalho devem perpassar este ensino?

5. Uma análise

Todas as entidades apresentaram similaridades quanto a oficina e o ensino; como a separação de uma série metódica de exercícios (diferentemente daquele modelo inicial dos Liceus de Arte e Ofício), como os objetivos dos exercícios voltados ao trabalho manual¹⁶⁰ e a construção “prática” das peças, e a tentativa de racionalização do layout da oficina, umas como escola e outras mais como oficinas de produção.

Temos que analisar que, excluindo o Externato São João e a Casa de Maria de Nazaré, todas as outras entidades colocaram o curso de marcenaria como um ensino profissionalizante ou de iniciação profissional, e em sua maioria estão sendo assessoradas materialmente e/ou tecnologicamente pelo SENAI, o qual tem toda uma cultura voltada à indústria, independentemente se esta indústria é uma marcenaria ou não. Assim uma das hipóteses iniciais desta pesquisa, que afirmava que os cursos não teriam fins de inclusão no mercado de trabalho, ao menos quanto aos fins declarados pelas entidades, estariam em parte refutadas.

Observou-se que a disciplina, a obediência, a atenção, a segurança, a higiene, a responsabilidade de não faltar, o cumprimento de compromissos e a parte dita prática do trabalho (trabalho que é menos valorizado socialmente/economicamente) são os valores priorizados no ensino pelas entidades. Onde muitas vezes, não importava o

¹⁶⁰ Apesar do relato sobre o desenvolvimento de habilidades, este era voltado a simples aprendizagens no manejo de ferramentas, sem técnicas sofisticadas de trabalho.

que era desenvolvido na oficina de marcenaria, mas importava se os valores necessários à indústria fordista estariam sendo apreendidos.

Desta maneira se formos verificar os exercícios, a organização da oficina e os valores desenvolvidos pelo ensino (levantados na pesquisa de campo), estes não demonstrariam, uma incoerência muito demarcada em relação ao objetivo específico de inclusão ao mercado de trabalho. O problema deste objetivo seria limitar-se na adaptação do aluno a necessidade do mercado, sem fornecer a capacidade de interpretar o mundo, não levando em conta assim, a necessária preparação do ser humano para interagir com o mercado de trabalho, de forma a tomar os objetivos do trabalho maiores que o mercado.

Ministra-se um ofício de forma a não valoriza-lo, passando um mínimo de informação, suficiente para o adestramento prático. É separado o conhecimento técnico do conhecimento humano, desvinculando as novas tecnologias (industriais ou não) do ensino do trabalho artesanal, desconsiderando o potencial de desenvolvimento e transformação a partir do ensino planejado.

Como o desenvolvimento do ensino nas entidades não são iguais, talvez o que seria de maior relevância levantar, não seriam as similaridades dos trabalhos, mas sim as especificidades.

Dentre estas podemos citar os cursos extras, interessantes e importantes, possibilitado pela São João Vianney; já no Externato São João podemos destacar a rede de atendimento oferecida aos alunos, e os trabalhos artesanais e de criação desenvolvidos por eles, assim como os que também são desenvolvidos na Casa de Maria de Nazaré e na APOT. Nesta última a venda dos trabalhos na feira de artesanato de Campinas.

Na Cidade dos Meninos de Campinas, o desenvolvimento dos trabalhos na marcenaria, feito através do aproveitamento de material. O Centro Comunitário Santa Lúcia se destaca com as reuniões e discussões da roda diária, discussões com os adolescentes sobre os fatos ocorridos no seu cotidiano, destacando se também a idéia de montar uma cooperativa.

No Centro Integrado Nair Valente da Cunha a organização da oficina, e a formação humana, unida a formação profissional existente. Por fim a real confecção de móveis de qualidade e beleza feitos por encomenda, realizados no Centro Profissional Dom Bosco.

Todas estas propostas e ações poderiam um dia ser juntadas numa proposta pedagógica abrangente, voltada aos ideais de desenvolvimento e humanização, tendo como clientela e sujeitos aqueles que são deixados a margem da sociedade, desenvolvendo e incentivando a procura por um outro modelo societário, de justiça social, de igualdade real de direitos e deveres, enfim de uma busca de cidadania “social”.

B. PENSANDO UMA ALTERNATIVA PEDAGÓGICA.

A resposta do subcomandante Marcos do Exército Zapatista de Libertação Nacional a carta enviada por crianças da cidade de Jalisco, na República do México, onde preocupados com a guerra no estado de Chiapas escrevem pedindo a paz, nos dá uma pista: *“...então fizemos com que a ferramenta de trabalho se transformasse em ferramenta de luta... Por isto lhes dizemos, com carinho e respeito, meninas e meninos de Jalisco, que vocês levistem a bandeira da paz com dignidade e façam poemas de Invocação à uma vida digna, e que busquem, acima de tudo, a justiça, que é igual para todos ou não é para ninguém”*.

1. As necessidades emergentes.

Uma escola que procura preparar o aluno para atuar no mercado de trabalho, oferecendo qualificações, precisaria conhecer as características deste mercado. Mercado este de serviços de reparo e fabrico de moveis e artefatos de madeira (incluindo seus derivados e acessórios).

Seria necessário perceber as novas tendências de modernização e analisar o seu modelo, para projetar seu ensino, objetivos e suas utopias sociais.

A formação profissional, levando em conta as novas exigências do mercado, dependem em grande medida dos instrumentos utilizados e do enfoque dado ao objeto do ensino-aprendizagem.

Um dos possíveis enfoques na marcenaria, seria buscar meios para reavivar as características da profissão destituída, adequando as novas tecnologias e novas idéias, repensando e a diversificando. Talvez uma das formas para isso seria a partir da concepção de teorias para projetar o móvel com linhas mais artísticas em meio aos novos instrumentos (tecnologia).

Estes móveis ou peças conteriam significados podendo ser interpretadas, assim na formação do marceneiro/projetista entraria a análise e discussão do mundo e de si mesmo tornando-os capazes de produzir significação¹⁶¹.

Seria a reaproximação da marcenaria e da arquitetura, e por consequência da decoração e do *design*, haveria desta maneira a possibilidade, através do reconhecimento da não separação entre conhecimento técnico e conhecimento humano, da formação de um aluno cidadão.

¹⁶¹ Ver:

SANTAELLA, Lúcia. (Arte) & (Cultura): Equívocos do elitismo, 3ª ed. São Paulo : Cortez, 1995. (Biblioteca da educação. Série 7. Arte e Cultura.)

2. A arte na formação do cidadão.

Assim se pensamos um ensino do trabalho que envolva a arte, as possibilidades de se relacionar uma concepção técnica do trabalho e uma concepção humana se tornariam bem maior, pelo aspecto da criação, da expressão comunicativa e valorizativa da arte.

A arte como sendo caracteristicamente uma atividade significativa, criativa e original traz diversas possibilidades atualmente, afinal, o jogo com idéias (e ideologias), a produção de culturas e de imagens encontram-se fortemente marcados.

Existem autores que profetizam que o mundo se desenvolve como um mundo produtor de idéias, onde os debates políticos se acirrariam na propagação de uma determinada cultura.

Se a produção da obra de arte envolver as concepções do artista/indivíduo sobre o mundo e sobre ele mesmo, existira a possibilidade do ensino da arte (e do trabalho) formar o indivíduo não só de uma maneira técnica e moral, mas também estética(ética), produtiva, humana e social, desenvolvendo a cidadania, a autonomia e utopias de sociedade.

No desenvolvimento de um ensino de trabalho/arte haveriam grandes possibilidades de se trabalhar com o que hoje se costuma chamar de pilares da educação (entendendo que estas capacidades não se limitam apenas as novas necessidades das indústrias):

- *Aprender a ser*; através dos questionamentos sobre si mesmo para se auto conhecer, reconhecer valores e produzir uma obra de arte (útil) que expresse “*sentimentos do fundo da alma*” e uma identidade, ou seja, que se busque produzir um objeto que tenha razão funcional e expresse imagens significativas quanto a personalidade e as concepções do autor.
- *Aprender a conhecer*; para o desenvolvimento do item anterior seria necessário a pesquisa dos possíveis materiais, das melhores juntas e junções que permitam a construção da obra idealizada, assim como a pesquisa de raízes (étnicas, religiosas, culturais, de classe) perdidas do próprio indivíduo, questionando e analisando suas bases para depois as reelaborar de uma maneira estética e original e personalizada.

- *Aprender a conviver*; a organização e colaboração dentro de uma oficina, e a troca de experiências e de idéias, assim como a discussão sobre compreensão e a tolerância sobre as pluralidades culturais encontradas na busca estética exerceriam este penúltimo fundamento.
- O *aprender a fazer* é levado a cabo pela produção material da obra de arte, e também pela consideração de um determinado tipo de trabalho como uma característica específica humana, onde é possível através das mãos ou de instrumentos (teóricos, práticos ou tecnológicos) adaptar o meio ambiente (alternativas) de acordo com objetivos estabelecidos (utopias¹⁶²), despertando a noção de trabalhabilidade.
- Outra capacidade que na proposta seria transversal e fundamental ao desenvolvimento das capacidades anteriores seria o *aprender a idealizar* (utopias, sonhos, objetivos e mesmo produtos de valor).

¹⁶² Utopias aqui é entendido como o modelo a ser buscado pelo homem, como os modelos societários.

I. BIBLIOGRAFIA

LIVROS CONSULTADOS

- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho - 5ª ed. - São Paulo : Cortez ; Campinas, SP : Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1998. (pg. 126)
- ALEGRE, Sylvia Porto. Mãos de Mestre: itinerários da arte e da tradição. São Paulo: Maltese, 1994.
- BRUNT, Andrew. Guia dos Estilos de Mobiliário. 2ª ed. ; tradução de Maria do Carmo Cary. - Lisboa, PT: Presença, 1990.
- CATTANI, Antonio David (org). Trabalho e Tecnologia: Dicionário crítico. - Petrópolis. Vozes; Porto Alegre: Ed. Universidade, 1997. (Passim)
- COLARES, José P. dos Reis. Manual do Marceneiro. Lisboa -PT : Tip. Da Empresa Diários de Notícias [ca. 1963] (Biblioteca da Instrução Profissional)
- FREINET, Célestin. Para uma escola do povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. (tradução Eduardo Brandão). - São Paulo : Martins Fontes, 1995. (Psicologia e Pedagogia)
- GAMA, Ruy. A tecnologia e o trabalho na história. - São Paulo : Nobel : Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- GITAHY, Maria Lucia Caira; RIBEIRO, Maria Alice Rosa; CAETANO, Coraly Gará. Trabalhadores Urbanos e Ensino Profissional. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 1986.
- GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal e Cultura Política : Impactos sobre o associativismo do terceiro setor - São Paulo, Cortez, 1999. - (Coleção questões da nossa época)
- GONÇALVES, Marcos Antonio. Formação Profissional: Tratamento de texto de uma série metódica ocupacional. Rio de Janeiro: SENAI/DN, Divisão de Pesquisas, Estudos e Avaliação, 1990 (Passim).
- GORZ, André. Crítica da Divisão do Trabalho : tradução Estela dos Santos Abreu - 3ª ed. - São Paulo: Martins Fontes 1996 (Passim).
- HELOANI, José Roberto. Organização do trabalho e administração: uma visão multidisciplinar, 2ª ed. - São Paulo : Cortez, 1996 (pg. 79).
- IOSCHPE, Evelyn Berg [et. al.]. 3º Setor - **Desenvolvimento Social sustentado**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997. p.11-23.
- MACHADO, Lucilia R. de Souza. Educação e divisão social do trabalho, 2ª ed, São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1989. P.26.

- MAURY, Liliâne. Freinet e a pedagogia. (tradução Yara Maria Laranjeira e Mario Laranjeira). – São Paulo : Martins Fontes, 1993. (Psicologia e Pedagogia. Nova série)
- MARCÍLIO, Maria Luiza. História Social da Criança Abandonada. São Paulo: Editora Hucitec, 1998. (p.38)
- MELLO, Alex Fiuza de. Mundialização e política em Gramsci – São Paulo : Cortez, 1996. – (Coleção questões da nossa época)
- MORAES, Eliane Robert. SADE: Uma proposta de leitura – In. TRONCA, Italo A.(org.). Foucault Vivo – Campinas, SP : Pontes, 1987.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. VYGOTSKY: Aprendizado e desenvolvimento – Um processo Sócio Histórico – 4ªed. - São Paulo : Scipione, 1997. (pg. 27 à 29)
- PISTRAK. Fundamentos da Escola do Trabalho ; Tradução Daniel Aarão Reis Filho. – São Paulo : Brasiliense, 1981.
- RUGIU, Antoni Santoni. Nostalgia do Mestre Artesão ; tradutora Maria de Lourdes Menon. – Campinas, SP : Autores Associados, 1998. – (Coleção memória da educação)
- RODRIGUES, José. O Moderno Príncipe Industrial: O Pensamento Pedagógico da Confederação Nacional da Indústria – Campinas, SP : Autores Associados, 1998. – (Coleção educação contemporânea)
- SANTAELLA, Lúcia. (Arte) & (Cultura): Equívocos do elitismo, 3ª ed. São Paulo : Cortez, 1995. (Biblioteca da educação. Série 7. Arte e Cultura.)
- SCHERKENBACH, William W. O Caminho de Deming para a Qualidade e Produtividade: rotas e mapas, 3ªed. [tradução de Maria Clara Forbes Kneese]. Rio de Janeiro, Qualitymark, 1990. (Passim). (pg.1)
- TACLA, Zake. O livro da arte de construir. São Paulo; Unipress, 1984. (editada com co-patrocinio da Duratex S. A.)

PERIÓDICOS - TRABALHOS ACADÊMICOS - TEXTOS

- APPLE, Michael. Ideologia e Currículo – São Paulo : Brasiliense, 1982.
- BORGES, Ângela, DRUCK, Maria da Graça. Crise global, terceirização e a exclusão do mundo do trabalho. Caderno CRH, Salvador, n.º 19, p. 22 – 43, 1993. (pg. 25)
- CARDOSO, Fernando Henrique. Relações Norte Sul no Contexto Atual: Uma Nova Dependência? In O Brasil e a Economia Global / Renato Baumann 3ªed. Editora Campus.

- CORRÊA, Maíra Baumgarten. Tecnologia. In. CATTANI, Antonio David (org). Trabalho e Tecnologia: Dicionário crítico. – Petrópolis. Vozes; Porto Alegre: Ed. Universidade, 1997 (292p).
- GIROUX, Henry A. A Disneyzação da Cultura Infantil. (49 – 81) In. SILVA, Tomaz Tadeu da. , MOREIRA, Antonio Flávio (org.) Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.
- GUIMARÃES, Ana Lúcia Santos Verdasca. A inserção do Design Industrial no Brasil: Essência e História. In. Tecnologia & humanismo. Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, PR / n.º 18 – 1998.
- MATTOS, Maria Izabel Leme de.. Aprendizagem e tecnologia educacional. In. Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro – n.º 125 (ano24) vol.22 jul./ago. 1995.
- MARGLIN, Stephen A. Origem e Funções do Parcelamento das Tarefas In: GORZ, André. Crítica da divisão do trabalho : tradução Estela dos Santos Abreu – 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes 1996.
- MIRANDA, Antonio Carlos. A importância do Ensino Profissionalizante Básico Para Adolescentes de Baixo Poder Aquisitivo, Diante das novas Exigências do Mercado de Trabalho. Campinas, SP : Faculdade de Educação da Unicamp, 1998. 126p. (Trabalho de conclusão de curso)
- IANNI, Octavio. - Observações sobre o “Globalismo” (p. 37 – 47). In. Modernidade: Globalização e Exclusão. (pg. 40)
- PACHECO, Maria Tereza Antonia. Parece mas não é: A Profissionalização do Menor Institucionalizado. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP[s.n.] , 1990. 115p. (Dissertação de Mestrado)
- SILVA, Jair Militão da. O Ensino Médio e a Educação Profissional
- TEIXEIRA, Ana Trabalho tecnologia e educação – Algumas considerações Caderno do CEAS Salvador Centro de Estudos e Ação Social. 1998 nº 177 (pg. 36)
- KUHMANN JUNIOR, M.. Instituições pré escolares assistencialistas no Brasil (1899-1922) In. CADERNOS DE PESQUISA nº 78. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, Ago. 1991. (17-26).
- KRAMER, Sônia. Infância e Sociedade o Conceito de Infância. In. A política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce. Rio de Janeiro, Achimé Ed., 1982.
-
- REVISTAS – JORNAIS – APOSTILAS – ENCICLOPÉDIA
- MAGNAVITA, Pasqualino Romano. Design: diferença e repetição. In. PROJETO DESIGN. Revista de Arquitetura, “design & Interiores” nº 232 jun. 99
- REVISTA DE EDUCAÇÃO. Campinas : SINPRO – Sindicato dos Professores de Campinas e Região, 1999.

Design convencional e básico predomina no Salão de Milão, para garantir vendas e evitar prejuízos. In. PROJETO DESIGN. Revista de Arquitetura, "design & Interiores" nº 232 jun. 99

FOLHA DE S. PAULO. O colapso do trabalho. São Paulo, 1º maio. 1998 - Caderno Especial p.1 –12. (pg. 2)

LODI, João Bosco. O outono de um sonho: O livre fluxo de capitais pelo globo e a busca de escala de produção tornaram obsoleta a idéia de indústria nacional. CartaCapital, São Paulo, 24/dez. 1997.

Brinquedos Pedagógicos: Oficinas de Idéias e de Oportunidades In. Faça e Venda, ago. 1999) (p.84)

MARCENARIA MODERNA – São Paulo : Casa Paulista de Comunicação -Leo Madeiras, Ano I – n.º 7, maio 1996 (p.33).

A TRADIÇÃO ESTA DE VOLTA. Marcenaria Moderna – São Paulo : Casa Paulista de Comunicação -Leo Madeiras, Ano I – n.º 10, ago. 1997– Reportagem p. 20 – 25.

A HORA CERTA DE RENOVAR OS EQUIPAMENTOS. Marcenaria Moderna – São Paulo : Casa Paulista de Comunicação -Leo Madeiras, Ano III – n.º 25, nov. 1998 – Entrevista p. 49 – 51

COSTA, Antônio Gomes da. Educação e Trabalho /Curso: Introdução à ação sócio educativa módulo II. – Belo Horizonte, MG : MODUS FACIENDI/Publicações e Serviços Ltda., 1996 – (Desenvolvimento Social e Ação Educativa) (p.9)

DARINI, Paschoal Roberto, OLIVEIRA, Janilson da Cunha. Apostila de Marcenaria Básica :Tecnologia Aplicada. ESSJ-CPDB Campinas, 1992.

©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

DOCUMENTOS RETIRADOS DA INTERNET

SESC. Entrevista: Emir Sader (Assunto: Trabalho/Desemprego e Tempo livre) - <http://www.uol.com.br/sesc/spu/spuee17.htm> – 1998.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Cidadania e Formação Técnico Profissional: Desafios neste fim de século.

MANCE, Euclides André. Globalização, Subjetividade e Totalitarismo - Elementos para um estudo de caso: O governo Fernando Henrique Cardoso. Copyright do Autor - <http://www.aol.com.br/mance> – 1998.

ABIMÓVEL(Associação Brasileira das Industrias do mobiliário). Panorama BNDS (Assunto: O recente desempenho do setor moveleiro) - <http://www.abimovel.org.br> – 199_.

Programa Brasileiro de Design - <http://www.mdic.gov.br/spi/pbd/>

Pagina da internet vinculada ao Programa Brasileiro de Design, sob o título de
“Design como Fator de Competitividade”.

II. ANEXOS.

ANEXO I

Carta de Apresentação a Instituição:

Campinas, ____ de setembro de 1999

[NOME DA INSTITUIÇÃO]

Venho por meio desta pedir formalmente autorização e apoio para a aplicação de um questionário (em anexo) e a realização de entrevistas, que objetiva unicamente buscar informações sobre sua proposta de trabalho, a realidade da instituição, e dos cursos de marcenaria contido nesta.

Estas informações a serem coletadas serão utilizadas como parte de uma pesquisa de campo do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Pedagogia da UNICAMP do Aluno **Ivan Jaques Kochem** como requisito parcial de aprovação final desta graduação.

O tema da pesquisa proposta é - COMO ANDA O ENSINO DO TRABALHO ARTESANAL? Estudo de Caso: As Instituições e a Marcenaria em Campinas. A escolha deste tema tem relação a vivência do referido aluno como instrutor de um curso de marcenaria de Campinas e também da constatação de uma antiga ligação entre as instituições que trabalham com crianças e adolescentes com o ensino da profissão enfocada.

O trabalho tem o apoio do GEMDEC (Grupo de Estudos sobre Movimentos Sociais, Educação e Cidadania) e a orientação da Prof.a Dr.a Maria da Glória Gohn, e espera oferecer um conhecimento histórico das construções do ensino do ofício (básico), como também uma análise delimitada das instituições que tem em seu quadro de funcionamento um curso de marcenaria.

Desde já agradeço

Ivan Jaques Kochem .

II. Existe alguma proposta de trabalho (proposta pedagógica) com relação aos alunos? Descreva-a?

III. Quais são os objetivos principais da instituição ao se trabalhar com o aluno? Ordene de maneira decrescente por grau de importância:

1º

2º

3º

4º

5º

IV. Quem mantém os cursos e a instituição atualmente?

V. A instituição mantém alguma parceria ou articulação com outras instituições? Quais e porquê?

VI. Existiu algum parâmetro na escolha para se montar o curso de marcenaria? Qual? [Porque foi montado justamente um curso de marcenaria?]

VII. Descreva a organização hierárquica das pessoas que trabalham na instituição?

VIII. Dentro desta organização hierárquica quais são os caminhos para uma proposta de trabalho de alteração na instituição? Ou seja como é gerido o processo de decisão para alteração da instituição?

IX. Como acontece a gestão das tarefas cotidianas (do dia a dia) da instituição?

X. Quais são os maiores problemas enfrentados pela escola? Ordene de maneira decrescente por grau de importância:

1º

2º

3º

4º

5º

XI. Quais são os critérios observados na seleção dos alunos? Ordene de maneira decrescente por grau de importância explicando o porquê do critério:

1º

Porquê?

2º

Porquê?

3º

Porquê?

4º

Porquê?

5º

Porquê?

XII. Qual o contato que a instituição/curso mantém com o ex-aluno (o aluno já formado)?

XIII. Existe o encaminhamento para a empresa? Como é feito e qual a procura?

XIV. Qual deve ser o papel do trabalho na vida do aluno?

XV. Em sua visão qual a realidade que o aluno formado deve enfrentar no mercado de trabalho?

XVI. Qual a formação que o aluno deve ter para enfrentar este mercado de trabalho?

XVII. Quais são as principais regras e normas que o aluno deve seguir na escola? Ordene de maneira decrescente por grau de importância:

1º

2º

3º

4º

5º

XVIII. Como acontece o relacionamento da família com a instituição e vice e versa?

XIX. Como é tratado o aluno quando surge algum problema (desempenho escolar, disciplina, problemas familiares...)?

XX. O que se espera do curso de marcenaria da instituição para daqui 2 à 3 anos? Porquê?

XXI. Existe algum plano ou alguma proposta de reformulação para o curso de marcenaria?

☐ SIM

☐ NÃO – porquê? _____

XXII. Caso exista proposta de melhorias ou atualizações para os cursos leia todas as áreas listadas abaixo e verifique se as mudanças se encaixariam em algumas destas, explique o porquê da escolha?

Se houver mais de uma área enumere conforme o grau de prioridade:

Ensino de design	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Ensino de marchetaria	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Ensino de entalhe	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Ensino de torneamento	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Ensino de acabamentos (patina, decapê, marmorização...)	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Trabalho com artes plásticas	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Aproximação do curso com a arquitetura	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Trabalho hobby (com máquinas manuais elétricas)	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:

Melhorias prediais	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Melhorias pedagógicas e didáticas	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Ensino de programas de informática	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Trabalho com oficinas de criação	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Outro: _____	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Outro: _____	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:

XXIII. Assinale o que você espera que ocorra com o trabalho manual no mercado de trabalho?

- | | |
|---|--|
| ☐ Que deixe de existir. | ☐ Que seja uma exceção a regra. |
| ☐ Não tenho opinião formada. | ☐ Que seja um trabalho sem valor. |
| ☐ Que se torne artístico/artesão. | ☐ Que continue existindo normalmente. |
| ☐ Que fique associado ao mercado informal. | ☐ Outro: _____. |

XXIV. Existe algum plano ou projeto de ensino que prepare o aluno para desenvolver uma consciência crítica frente a sociedade?

☐ SIM ☐ NÃO – porquê?

Caso a resposta foi sim explique como funciona:

Aluno:

SELECIONE ALEATÓRIAMENTE 4 ALUNOS QUE ESTEJAM TERMINANDO O CURSO DE MARCENARIA, CONSIDERADOS DE DESEMPENHO MÉDIO E PREENCHA O QUESTIONÁRIO A SEGUIR PARA CADA UM.

Informações sobre os alunos selecionados:

Idade: _____	Sexo: _____
Cidade Natal: _____	Estado de Origem: _____

I. Marque se o aluno já esteve em uma destas situações sociais?

Menor Infrator ☐	Menino de rua ☐
Outro: _____ ☐	Liberdade Assistida ☐
Nenhuma das anteriores ☐	Drogado ☐

II. Assinale qual é a situação familiar do aluno:

Mora com os pais ☐	Mora com os avós ☐
Mora só com a mãe ☐	Mora com os tios ☐
Mora só com o pai ☐	Outro: _____ ☐

III. Qual é a escolaridade do aluno:

Ensino fundamental incompleto ☐	Segundo grau incompleto ☐
Ensino fundamental completo ☐	

IV. Qual a profissão do pai?

Profissão: _____

Desconhecido ☐	trabalhando ☐	Sem trabalho ☐
---------------------------------------	--------------------------------------	---------------------------------------

V. Qual é a escolaridade do pai:

Ensino fundamental incompleto ☐	Segundo grau incompleto ☐
Ensino fundamental completo ☐	Desconhecido ☐

VI. Qual a profissão da mãe?

Profissão: _____

Desconhecido ☐	trabalhando ☐	Sem trabalho ☐
---------------------------------------	--------------------------------------	---------------------------------------

VII. Qual é a escolaridade da mãe:

Ensino fundamental incompleto ☐	Segundo grau incompleto ☐
Ensino fundamental completo ☐	Desconhecido ☐

Questionário para o aluno:

I. O que é marcenaria para você?

II. Se pudesse escolher de novo um curso para fazer, escolheria marcenaria?

SIM ☐ Porquê?

NÃO ☐ Porquê?

III. Se a resposta foi sim, qual foi o motivo que o levou a escolher de novo o curso?

IV. Qual a importância do trabalho para você e para sua família?

V. O que você espera encontrar quando tiver que procurar trabalho?

VI. Você acredita que esta bem formado para trabalhar em marcenaria? Porquê?

VII. Qual a formação que você acredita que deveria ter para enfrentar este mercado de trabalho?

VIII. Se você pudesse escolher cursos de especialização na marcenaria, quais das áreas listadas abaixo escolheria, explique o porquê?
Se houver mais de uma área enumere conforme o grau de preferência:

Curso de design	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Curso de marchetaria	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Curso de entalhe	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Curso de torneamento	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Curso de acabamentos (patina, decapê, marmorização...)	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Curso de artes plásticas	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Curso voltado a arquitetura	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Curso hobby (com máquinas manuais elétricas)	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Melhorias prediais	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Melhorias pedagógicas e didáticas	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Curso de programas de informática	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Trabalho com oficinas de criação	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Outro: _____	☐ SIM	Porquê:

☐	☐ NÃO	
Outro:	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:

Educador:

Idade:	Sexo:
Cidade Natal:	Estado de Origem:

I. Descreva sua experiência profissional? (principais locais e funções que já trabalhou)

II. Qual sua escolaridade:

Ensino fundamental incompleto ☐	Universitário incompleto ☐
Ensino fundamental completo ☐	Universitário completo ☐
Segundo grau incompleto ☐	Faculdade de:

III. O que é marcenaria para você?

IV. Enumere os 3 principais objetivos gerais do curso de marcenaria que você ensina? Ordene de maneira decrescente por grau de importância:

1º(maior importância)

2º

3º(menor importância)

V. Enumere 5 principais habilidades que o aluno deve desenvolver durante o curso?

1º

2º

3º

4º

5º

VI. Como o exercício de oficina é proposto ao aluno?

VII. Existe uma série metódica de exercícios?

SIM ☐

NÃO ☐

VIII. Caso a resposta tenha sido sim, descreva o exercício e o objetivo específico deste.

Exercício	Objetivo

XIII. Se você fosse sugerir melhorias ou atualizações para o curso, quais seriam? Verifique se suas sugestões se encaixariam em algumas das áreas listadas abaixo e, explique o porquê de sua escolha?
Se houver mais de uma área enumere conforme o grau de prioridade:

Ensino de design	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Ensino de marchetaria	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Ensino de entalhe	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Ensino de torneamento	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Ensino de acabamentos (patina, decapê, marmorização...)	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Trabalho com artes plásticas	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Aproximação do curso com a arquitetura	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Trabalho hobby (com máquinas manuais elétricas)	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Melhorias prediais	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Melhorias pedagógicas e didáticas	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Ensino de programas de informática	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Trabalho com oficinas de criação	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:

Outro: _____	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:
Outro: _____	☐ SIM ☐ NÃO	Porquê:

XIV. Qual deve ser o papel do trabalho na vida do aluno com o qual você lida?

XV. Em sua visão qual a realidade que o aluno deve enfrentar no mercado de trabalho?

XVI. Qual a formação que o aluno deve ter para enfrentar este mercado de trabalho?

XVII. O que você espera do curso de marcenaria em que você trabalha para daqui 2 á 3 anos? Porquê?

XVIII. Descreva quais os recursos que o curso dispõem?

Ambiente:
Ferramentas:
Maquinaria:

Material de Consumo:

XIX. Considerando a resposta anterior assinale na sua opinião qual é o grau ideal de recursos que o curso dispõem. Onde 1 é escassez de recursos e 5 seria recursos mais que o suficiente.

Ambiente 1 2 3 4 5

Ferramentas 1 2 3 4 5

Maquinaria 1 2 3 4 5

Material de Consumo 1 2 3 4 5

XX. Como o curso se mantém atualizado frente ao mercado?

XXI. Assinale o que você espera que ocorra com o trabalho manual no mercado de trabalho?

☐ Que deixe de existir.

☐ Que seja uma exceção a regra.

☐ Não tenho opinião formada.

☐ Que seja um trabalho sem valor.

☐ Que se torne artístico/artesão.

☐ Que continue existindo normalmente.

☐ Que fique associado ao mercado informal.

☐ Outro: _____.